



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
MESTRADO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO**

ACRISONÉLIA MEDEIROS DE SOUSA ROCHA

**NARRATIVAS LITERÁRIAS NAS ARTES PLÁSTICAS DE FLÁVIO TAVARES
COMO MEDIAÇÃO DA LEITURA: análise dos vestígios culturais e identitários
dos leitores**

**Salvador
2023**

ACRISONÉLIA MEDEIROS DE SOUSA ROCHA

**NARRATIVAS LITERÁRIAS NAS ARTES PLÁSTICAS DE FLÁVIO TAVARES
COMO MEDIAÇÃO DA LEITURA: análise dos vestígios culturais e identitários
dos leitores**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, do Instituto de Ciência da Informação da Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Ciência da Informação.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Raquel do Rosário Santos

**Salvador
2023**

R672n ROCHA, Acrisonélia Medeiros de Sousa
Narrativas literárias nas artes plásticas de
Flávio Tavares como mediação da leitura: análise
dos vestígios culturais e identitários dos
leitores/ Acrisonélia Medeiros de Sousa Rocha. -
Salvador, 2023.
170 f.:il.;30 cm.

Orientadora: Profa. Dra. Raquel do Rosário Santos.
Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) -
Universidade Federal da Bahia, Instituto de
Ciência da Informação, Salvador, 2023.

1. Mediação cultural. 2. Mediação da leitura.
3. Identidade. 4. Memória. I. Santos, Raquel do
Rosário. II. Universidade Federal da Bahia.
Instituto de Ciência da Informação. III. Título.

CDD: 028


ACRISONÉLIA MEDEIROS DE SOUSA ROCHA

**Narrativas Literárias nas Artes Plásticas de Flávio Tavares como Mediação da
Leitura: análise dos vestígios culturais e identitários dos leitores**


Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Ciência da Informação do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCI) da Universidade Federal da Bahia (UFBA), como requisito para obtenção de grau de Mestre em Ciência da Informação.

Aprovada em: 14/06/2023


Banca Examinadora

Documento assinado digitalmente
 RAQUEL DO ROSARIO SANTOS
Data: 16/06/2023 12:34:36-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof.^a. Dra. Raquel do Rosário Santos - Orientadora – UFBA

Documento assinado digitalmente
 OSWALDO FRANCISCO DE ALMEIDA JUNIC
Data: 16/06/2023 12:23:52-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Oswaldo Francisco de Almeida Júnior - Membro Externo Titular – UEL

Documento assinado digitalmente
 HENRIETTE FERREIRA GOMES
Data: 14/06/2023 17:47:24-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof.^a. Dra. Henriette Ferreira Gomes - Membro Interno Titular – UFBA

Aos meus pais Ana e Assis, ao meu
marido Emmanoel Filho (Manin) e a
minha irmã Ana Claudia.

DEDICO.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por tudo que me concede, em especial, a vida.

Aos meus pais, Ana e Assis que, através do exemplo, me ensinaram valores como honestidade, respeito, generosidade e humildade. Gratidão pelos caminhos que trilharam e que me possibilitaram chegar até aqui.

A Manin, meu amado, verdadeiro companheiro, que me faz enxergar a capacidade existente em mim e me fortalece na busca por realizar meus objetivos e sonhos, como também pela colaboração na revisão ortográfica.

Aos meus amores, Flor, Zach, Capitu, Nino, Luli, Pantera, Malu, Tom e Tininha, presentes que Deus colocou em meu caminho! Um agradecimento especial a Nino, Luli, Pantera e Tom por estar junto a mim, inclusive participando das aulas on-line e das orientações, este título é nosso.

A Xisto, Andréa e Ana Claudia, meus irmãos, pelo amor que nos une, especialmente, a Aninha que foi incansável no incentivo para que seus 3 irmãos mais velhos seguissem o caminho da pós-graduação. Enfim, estamos concluindo!

A Celerinda Linhares (*in memoriam*), minha sempre amada avó, referência de força, resistência, fé e sobretudo de amor em minha vida.

A Tia Goretti, exemplo primoroso de determinação na luta pela inclusão, na demonstração de que somos capazes! Além de todo o apoio em nossa criação e por muitas vezes custear o nosso material escolar no período da educação básica.

A minha família, em especial aos tios Graça, Goretti, Medeiros, Cacá e João por todo apoio, saibam que a acolhida que nos deram em todas as nossas férias foi fundamental para a nossa criação.

A Prof.^a Raquel do Rosário Santos, por sua orientação atenta, incansável e motivadora que me conduziu na realização desta dissertação.

A Flávio Tavares, pela disponibilidade desde o primeiro contato, pelos livros, pelo banho de cultura, consciência política, simplicidade e humanidade.

A Alba Tavares, pela receptividade, simpatia e apoio incansável em todo momento da construção desse trabalho.

A professora Henriette Ferreira Gomes e ao professor Oswaldo Francisco de Almeida Júnior, pelo aceite para compor a banca examinadora, além das valiosas contribuições dadas.

À Capes, que me forneceu a bolsa de estudos que possibilitou dedicação à dissertação.

As professoras e aos professores que me acompanharam na educação básica, pelos conhecimentos compartilhados, fundamentais para a minha construção como cidadã.

As professoras Nídia, Isabel, Raquel, Ana Claudia, Ana Paula, e aos professores José Carlos e José Claudio, que conduziram meu caminho nas disciplinas da pós-graduação compartilhando conhecimento.

As funcionárias e aos funcionários do PPGCI – UFBA, em especial, Marilene, sempre solícita nos atendimentos realizados.

A todos que, de maneira direta ou indireta, colaboraram com a pesquisa, em especial aos respondentes do questionário.

RESUMO

O entrelace das narrativas literárias nas obras de Flávio Tavares, envolvendo os traços identitários do povo paraibano e do próprio Artista, como também as atividades de mediação da leitura e mediação cultural realizadas por ele, é o tema deste trabalho. Nessa perspectiva, esta pesquisa teve como objetivo geral evidenciar as influências das narrativas literárias paraibanas nas artes plásticas de Flávio Tavares e como tais influências refletem na interação e reconhecimento cultural dos leitores de suas obras. A técnica da entrevista foi realizada com o propósito de identificar em que medida as obras de Flávio Tavares, influenciadas pelas narrativas literárias, transparecem a sua constituição identitária e memorialística e demonstram a sua atuação protagonista. A partir da análise documental das obras buscou-se mapear as narrativas literárias e os traços socioculturais que influenciam a obra de Flávio Tavares. Como também, foi realizada a aplicação de questionários junto aos conhecedores das obras desse Artista com o objetivo de verificar se as atividades de mediação da leitura e mediação cultural realizadas por Flávio Tavares, por meio de suas obras, influenciam seus leitores, possibilitando o reconhecimento de seus traços culturais. Como resultados, observou-se que Flávio Tavares promove o entrelaçamento das telas e painéis que produz com a literatura, em especial produzida por escritores paraibanos, que apresentam vestígios identitários do povo nordestino. Constatou-se que fazendo uso das artes plásticas, o referido Artista possibilita aos sujeitos terem acesso aos dispositivos de artes, ampliando a apropriação de informações que são registradas para além da linguagem escrita que, em muitos casos, deixa à margem sujeitos que não possuem domínio dessa linguagem. Desse modo, Flávio Tavares atua potencializando a ampliação da narrativa visual, que informa e transforma as percepções dos sujeitos, apoiando-os no ato de ler crítico sobre sua realidade e favorecendo o alcance de uma postura protagonista.

Palavras-chave: mediação cultural; mediação da leitura; identidade; memória; Flávio Tavares - artista plástico.

ABSTRACT

The interweaving of literary narratives in the works of Flávio Tavares, involving the identity traits of the people of Paraíba and the Artist himself, as well as the reading and cultural mediation activities carried out by him is the theme of this work. From this perspective, this research aimed to highlight the influences of literary narratives from Paraíba on Flávio Tavares' visual arts and how such influences reflect on the interaction and cultural recognition of his audience. The interview technique was carried out to identify to what extent the works of Flávio Tavares, influenced by literary narratives, show his identity and memorialist constitution and demonstrate his protagonist role. The documentary analysis of the works sought to map the literary narratives and sociocultural traits that influence the work of Flávio Tavares. Questionnaires were also applied to those who know the works of this Artist to verify if the activities of reading mediation and cultural mediation carried out by Flávio Tavares, through his works, influence his readers, enabling the recognition of their cultural traits. As a result, it was observed that Flávio Tavares promotes the intertwining between the canvases and panels he produces with literature, especially the ones produced by writers from Paraíba, which presents traces of the identity of the Northeastern people of Brazil. It was found that making use of visual arts, the aforementioned Artist, allows subjects to have access to the art devices, expanding the appropriation of information that is recorded beyond written language, which, in many cases, leaves aside subjects who do not have mastery of that language. In this way, Flávio Tavares works by enhancing the expansion of the visual narrative, which informs and transforms the subjects' perceptions, supporting them in the act of critical reading about their reality and favoring the achievement of a protagonist posture.

Keywords: cultural mediation; reading mediation; identity; memory; Flávio Tavares - visual artist.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – O Espírito criador do Povo Nordestino	90
Figura 2 – Ariano Suassuna e seu pai	96
Figura 3 – O trono alumioso da musa incandescente	98
Figura 4 – Embaixo do Tamarindo	102
Figura 5 – Augusto dos Anjos	105
Figura 6 – Menino de engenho	108
Figura 7 – Fogo Morto	109
Figura 8 – A Bagaceira	113
Figura 9 – “Parte A” do painel A Bagaceira	114
Figura 10 – “Parte B” do painel A Bagaceira	115
Figura 11 – “Parte C” do painel a Bagaceira	116
Figura 12 – Fotografia que inspira parte do painel A Bagaceira	118

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Técnicas, instrumentos e amostra da pesquisa	54
Quadro 2 – Caracterização dos(as) leitores(as) respondentes	121
Quadro 3 – Respostas dos(as) participantes da pesquisa sobre o modo como conheceram Flávio Tavares	123
Quadro 4 – Respostas dos(as) participantes da pesquisa sobre como compreendem a leitura	127
Quadro 5 – Respostas dos(as) participantes da pesquisa sobre características nas obras de Flávio Tavares que os(as) fazem se sentirem representados(as)	135
Quadro 6 – Descrição das obras de Flávio Tavares pelo olhar dos(as) participantes da pesquisa	142

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	MEDIAÇÃO CULTURAL PARA O FORTALECIMENTO IDENTITÁRIO E MEMORIALÍSTICO DO SUJEITO LEITOR	14
3	A MEDIAÇÃO DA LEITURA PARA FORMAÇÃO DO SUJEITO LEITOR E SUA ATUAÇÃO PROTAGONISTA	30
4	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	47
4.1	CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA	47
4.2	<i>CORPUS</i> DA PESQUISA: O QUADRO DA VIDA DE FLÁVIO TAVARES	49
4.3	TÉCNICAS E INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS	52
4.4	PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS	55
4.5	PROCEDIMENTOS PARA ANÁLISE DOS DADOS	57
5	APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	59
5.1	CONSTITUIÇÃO IDENTITÁRIA E MEMORIALÍSTICA DE FLÁVIO TAVARES: o descortinar de uma atuação protagonista	61
5.2	ENTRELACES DAS NARRATIVAS LITERÁRIAS E DOS TRAÇOS SOCIOCULTURAIS CONTIDAS NAS PINCELADAS DE FLÁVIO TAVARES	88
5.3	MEDIAÇÃO DA LEITURA E MEDIAÇÃO CULTURAL NAS PRODUÇÕES DE FLÁVIO TAVARES: uma análise sobre o reconhecimento de seus leitores	119
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	147
	REFERÊNCIAS	153
	APÊNDICES	157
	ANEXOS	162

1 INTRODUÇÃO

As artes plásticas, a exemplo da pintura, como dispositivo que informa, possuem uma potência transformadora que é resultado de vivências do contexto sociocultural do seu produtor, como também pode transparecer aspectos de si e do contexto em que os sujeitos (artista e leitores) estão inseridos. Essas informações devem ser mediadas, tanto por agentes mediadores da leitura quanto por mediadores culturais. Entende-se que a mediação cultural e a mediação da leitura se articulam nesse processo para apoiar que os sujeitos possam ter acesso e se apropriem das informações registradas nesses dispositivos, favorecendo um (re)conhecimento de si e do *outro*.

Quanto à fundamentação teórica e empírica deste trabalho, no que tange à temática da mediação cultural, protagonismo cultural, dispositivos e negociação, foram adotados, respectivamente, os estudos desenvolvidos por Edmir Perrotti (2017), Celly de Britto Lima e Edmir Perrotti (2017), Ivete Pieruccini (2007) e Amanda Leal de Oliveira (2014). Em se tratando dos aspectos relativos à leitura tomou-se como base os autores Paulo Freire (1981), Maria Helena Martins (1988), Oswaldo Francisco de Almeida Júnior e Sueli Bortolin (2007) e Lígia Maria Moreira Dumont (2020). Na análise relacionada à mediação da leitura recorreu-se a Lidia Eugenia Cavalcante (2020). Foram adotados ainda os pressupostos teóricos de Sueli Bortolin (2010) com a mediação oral da literatura e Antonio Candido (2011) que trata da leitura literária. Contudo, outros estudos embasaram esta pesquisa e são apresentados nas seções que tratam da revisão de literatura.

A proposta desta pesquisa surgiu da inquietação da pesquisadora, que atuou como professora no ensino básico e na formação de professores, aliando o ensino da matemática e das ciências naturais ao campo da ludicidade. Como artesã e admiradora de outras manifestações artísticas, a exemplo, da música, aproveitava sempre as oportunidades de relacionar sua prática ao encantador mundo das artes em suas aulas.

Passou a colaborar com as ações do projeto *Acelera Celé*¹, oportunidade em que despertou o interesse pela mediação da leitura. Também participa do

¹ Projeto Acelera Celé - situado no Sítio Ipueira dos Linhares, no sertão da Paraíba, mais precisamente, na zona rural do município de Condado, que fica a 356 km da capital, João Pessoa.

projeto de extensão Lapidar² e do Grupo de Estudos e Pesquisa em Mediação e Comunicação da Informação (GEPEMCI) em que ampliou sua percepção sobre a importância das atividades mediadoras para o acesso e a apropriação da informação por meio do ato de ler. Portanto, considera-se que as artes e os dispositivos produzidos por essas ações, em suas mais variadas manifestações, são convites à reflexão diante das situações em que se vive, potencializando que os sujeitos possam entender sobre sua existência e a complexidade das relações sociais, como também evocando traços de sua ancestralidade, o que pode apoiá-los no alcance do protagonismo.

Partindo dessa reflexão a respeito da arte e do processo de mediação - que apoia o encontro do sujeito com a informação e ressignifica sua relação com as práticas culturais, identitárias e memorialísticas, favorecendo o ato de ler por meio dos diversos dispositivos, entre esses os que são resultantes das produções artísticas, como também por entender a contribuição nas atividades da mediação da leitura e mediação cultural a partir das produções artísticas, surgiu o interesse em alinhar tais temas no campo da Ciência da Informação em que essa pesquisadora justifica e desenvolveu esta pesquisa. Desse modo, a presente pesquisa despontou da necessidade de tratar do entrelaçamento das artes plásticas com a literatura, como também das práticas de mediação da leitura e mediação cultural que ampliam o acesso e a apropriação da informação produzida a partir dessas expressões.

A partir dessa reflexão, justifica-se a realização dessa pesquisa cujo problema é: como a literatura influencia nas artes plásticas de Flávio Tavares e em suas práticas de mediação da leitura, de modo a fortalecer os vestígios identitários dos leitores? A pesquisa teve como hipótese a existência do entrelace de narrativas literárias nas artes plásticas de Flávio Tavares, possibilita a percepção de vestígios identitários e memorialísticos desse produtor e do povo paraibano. Desse modo, o objetivo geral desta pesquisa foi evidenciar as

Possui, entre seus ambientes, uma sala de leitura que desenvolve o acesso à informação, além de atividades de leitura e mediação cultural. Tem contribuído para difundir o conhecimento e promover o desenvolvimento social, com a expectativa de diminuir a desigualdade social.

² Projeto de extensão Lapidar - tem por objetivo formar leitores e mediadores da leitura, por meio da aproximação entre a comunidade acadêmica e a sociedade. É vinculado à Universidade Federal da Bahia, desenvolvido pelas professoras doutoras Ana Claudia Medeiros de Sousa, Raquel do Rosário Santos e Leyde Klébia Rodrigues da Silva.

influências das narrativas literárias paraibanas nas artes plásticas de Flávio Tavares e como tais influências refletem na interação e reconhecimento cultural dos leitores de suas obras. Para alcançar este objetivo, foram traçados os seguintes objetivos específicos: identificar em que medida as obras de Flávio Tavares, influenciadas pelas narrativas literárias, transparecem a sua constituição identitária e memorialística e demonstram a sua atuação protagonista; mapear as narrativas literárias e os traços socioculturais que influenciam a obra de Flávio Tavares; e também verificar se as atividades de mediação da leitura e mediação cultural realizadas por Flávio Tavares, por meio de suas obras, influenciam seus leitores, possibilitando o reconhecimento de seus traços culturais.

Dessa maneira, esta pesquisa se caracteriza como descritiva, tendo como método o estudo de caso, uma vez que se observou a importância da leitura na vida de Flávio Tavares, visto que em suas obras o Artista apresenta de maneira evidente sua visão de mundo e ainda, em alguns vídeos postados nas suas redes sociais digitais, faz associações entre a pintura de telas com as narrativas literárias que o influenciaram a criar a obra de arte que está produzindo naquele momento. E partindo de um pensamento do próprio Artista de que *“quando uma obra inspira uma temática, ela começa como um quadro”*, compreende-se que Flávio Tavares segue encantando os sujeitos leitores, inspirado nos quadros que lê. Como técnicas de coleta de dados, foram realizadas uma entrevista junto a Flávio Tavares e a análise das obras desse Artista. A fim de ampliar as percepções sobre sua interferência como agente mediador da cultura e da leitura, também foram aplicados questionários juntos a conhecedores de sua obra.

Os resultados evidenciaram que Flávio Tavares é um artista que proporciona aos sujeitos leitores a oportunidade de reconhecerem os signos visuais que remetem à literatura produzida por autores paraibanos, a exemplo da riqueza dos cenários da região e dos personagens que representam a cultura do povo nordestino, em especial o povo paraibano. Também evidenciou uma postura consciente desse Artista como mediador da leitura e da cultura, além de identificar ações protagonistas por parte de Flávio Tavares. Assim, esse Artista em seu agir protagonista realiza ações de mediação cultural e de mediação da leitura junto aos seus leitores.

Constatou-se, ainda que, além das informações que permeiam e são baseadas nos diversos dispositivos informacionais, as pinturas de Flávio Tavares

evidenciam uma leitura de si, de suas vivências e seus saberes, em um processo de materialização sobre sua trajetória sociocultural. Essa ação favorece que outros leitores se reconheçam em suas obras, identificando traços memorialísticos vinculados ao seu lugar de pertencimento, (re)conhecendo e fortalecendo sua constituição identitária, o que pode possibilitar o apoio na tomada de posição frente às mudanças socioculturais que podem realizar a favor da coletividade.

Com a finalidade de melhor apresentar este estudo, a próxima seção trata dos referenciais teóricos e empíricos, e posteriormente a trajetória metodológica. As seções seguintes correspondem à apresentação e discussão dos resultados e, por fim, às considerações finais. A pesquisa foi organizada em seis seções, sendo as próximas seções referentes à revisão de literatura.

2 MEDIAÇÃO CULTURAL PARA O FORTALECIMENTO IDENTITÁRIO E MEMORIALÍSTICO DO SUJEITO LEITOR

Ao tratar sobre cultura, faz-se necessário (re)conhecer a diversidade que existe nas práticas e nos dispositivos que interferem na constituição memorialística e identitária dos sujeitos, tomando como parâmetro a reflexão de Humberto Maturana e Francisco Varela (1995, p. 68) quando afirmam que “[...] *todo ato de conhecer produz um mundo.*” Ao adentrar em um processo reflexivo que evidencia as relações existentes entre o ato consciente de mediação cultural é necessário perpassar sobre os aspectos que envolvem a formação sociocultural dos sujeitos, em seu lugar de pertencimento e nas aproximações necessárias que podem realizar com o outro, em um processo dialógico e de alteridade, em que a negociação e o comportamento protagonista sejam basilares.

O termo cultura já foi definido por muitos pensadores que se respaldam em parâmetros estabelecidos a partir dos seus repertórios, considerando a multiplicidade de áreas, tais como a antropologia, a sociologia, a história, entre outras, que têm interesse em seus mais variados aspectos e aplicações, portanto, é possível identificar a amplitude e diversidade do significado do termo em questão. Esta pesquisa parte do entendimento de que cultura é constituída e constitui o que move o sujeito, às suas práticas e o seu modo de ver e de se relacionar com o mundo em que vive, toma-se como base o que apresenta autores como Bárbara Damiane da Silva e João Arlindo dos Santos Neto (2017), Roberto DaMatta (1981), Denys Cucho (1999), entre outros.

Ao refletir sobre o conceito de cultura, Bárbara Damiane da Silva e João Arlindo dos Santos Neto (2017, p. 31) afirmam que

Cultura, portanto, se vista em seu sentido lato, pode ser compreendida como um conjunto de elementos que são incorporados pelo homem que vive em sociedade e, também aqueles, que são construídos a partir de sua inteligência, envolvendo seus gostos e comportamentos, posições e discursos, características e divergências, contextos e meio social.

Com base no conceito apresentado por Bárbara Damiane da Silva e João Arlindo dos Santos Neto (2017), é possível afirmar que a cultura se manifesta por meio das práticas e dos dispositivos construídos e apropriados no meio em que o sujeito vive, sendo que além desse território, o período histórico também interfere

no processo de constituição cultural, visto que ambos exercem a interferência tanto no sujeito quanto na coletividade em que ele está integrado. Essa relação tempo e espaço, em que o sujeito interfere e recebe interferência em decorrência do comportamento cultural, também o torna parte de um organismo latente e pulsante que a cada geração pode ter mudanças resultantes das experiências vividas, das reflexões realizadas pelo coletivo, da interação com o próprio “grupo” ou com outros “grupos” nos diferentes cenários da vida social.

Tal reflexão se aproxima do pensamento de Roberto DaMatta (1981, p. 2) quando afirma que

[...] para nós ‘cultura’ não é simplesmente um referente que marca uma hierarquia de ‘civilização’ mas a maneira de viver total de um grupo, sociedade, país ou pessoa. Cultura é, em Antropologia Social e Sociologia, um mapa, um receituário, um código através do qual as pessoas de um dado grupo pensam, classificam, estudam e modificam o mundo e a si mesmas.

Roberto DaMatta (1981) apresenta um conceito de cultura pautado nas Ciências da Antropologia e da Sociologia, o que corrobora com o conceito anterior, refletido por Bárbara Damiane da Silva e João Arlindo dos Santos Neto (2017), quando citam o pensar, a transformação e a mudança. Roberto DaMatta (1981) acrescenta que não se trata de um referente que venha hierarquizar as “civilizações” e enquadrar grupos como inferiores ou secundários. O autor ainda considera que a cultura possibilita uma melhor tradução das diferenças existentes entre os indivíduos e ainda viabiliza o resgate de nossa humanidade no outro e a do outro em nós, ressaltando também que embora cada cultura possua o seu próprio código, as possibilidades de atualizações e manifestações de tal código são infinitas. Assim, o ato de (re)conhecer as diferenças amplia a possibilidade do alcance e fortalecimento da convivência respeitosa com o que existe nas diferentes culturas, sendo necessária a interferência de um sujeito mediador que possa auxiliar os demais sujeitos no ato de conhecer e fazer-se conhecer nas diferenças.

Diante do exposto, torna-se necessário também considerar o pensamento de Denys Cuche (1999, p. 45) ao ressaltar que

Cada cultura é dotada de um ‘estilo’ particular que se exprime através da língua, das crenças, dos costumes, também da arte, mas não apenas

desta maneira. Este estilo, este 'espírito' próprio a cada cultura influi sobre o comportamento dos indivíduos.

Em seu conceito, Denys Cuche (1999) apresenta os elementos que constituem a cultura, como a língua, as crenças, os costumes e acrescenta a arte como um importante dispositivo de manifestação cultural, elemento este ainda não destacado pelos teóricos anteriormente citados, que pode ser entendido como uma instância que se relaciona com os demais, pois a língua, a crença e as práticas culturais se manifestam, são registradas, como também são influenciadas pela arte. O autor ainda destaca que, cada cultura possui seu "próprio estilo", que por sua vez vem a influenciar o comportamento dos indivíduos. Assim, pode-se exemplificar que a representação artística, mesmo tendo uma base próxima, terá aspectos que as distingue, seja pelo território, tempo histórico ou concepções do sujeito.

Ao reconhecer essa diversidade presente na coletividade, pode-se exemplificar pela percepção que se tem sobre as expressões linguísticas que diferem entre os territórios - os símbolos, termos e dialetos são diferentes, como também a forma de expressar difere - a exemplo do Brasil, onde a multiplicidade de sotaques existentes em uma determinada região vem representar essa variação linguística. Importante registrar que o conceito trazido aqui de região não necessariamente representa uma distinção geográfica, mas também cultural, dentro, inclusive, de uma mesma região geográfica, a exemplo das diferenças de sotaque entre Bahia e Pernambuco, São Paulo e Rio de Janeiro, entre outros. Em um mesmo território, como no Brasil, existem várias crenças e costumes que influenciam nessa linguagem, visto que pode ocorrer que a linguagem utilizada pelo mesmo sujeito em um local, como entre amigos, é diferente de quando ele está em uma apresentação formal em seu ambiente de trabalho. Sendo assim, é possível perceber que o local influencia na linguagem que o sujeito fará uso.

Ainda se pode perceber sobre costumes que, dentro de um território como o Brasil, as crenças, os rituais e os festejos são múltiplos e se manifestam de várias formas e todos esses aspectos estão relacionados com a cultura e influenciam diretamente o sujeito, como também sua coletividade.

Denys Cuche (1999) cita a arte como um dispositivo cultural, desse modo, ela pode estar ligada à crença, visto que a arte se manifesta na música em determinados festejos religiosos, nas pinturas que estão disposta em templos

religiosos, nas esculturas presentes nesse ambiente, e no próprio lugar, a exemplo da cúpula de uma igreja e de um templo, que pode ser considerado uma arte expressa através da sua arquitetura. Portanto, a arte pode ser reconhecida como um dispositivo que favorece a perpetuação de atos que estão relacionados com os costumes e formas de expressão de um povo, ou seja, a arte produz vestígios de cultura, que por sua vez revelam traços da identidade e da memória dos seus produtores.

Em se tratando da música, também é válido destacar que o sentimento que promove uma inspiração ao artista para compor uma música provavelmente estará presente quando o mesmo a ouvir em outros momentos, porém, a mesma música pode despertar sentimentos diversos e distintos ao do compositor em outras pessoas que tenham a oportunidade de ouvi-la.

A música, como uma obra de arte, ao ser posta para a apreciação do público em geral, sendo entendida como um elemento de construção constante, perenemente aberta, segue um processo de expansão que se dá em razão das interpretações que lhes são agregadas. Por muitas vezes, tais interpretações são totalmente diferentes da original, porque a leitura que se faz de uma música em si, como de qualquer outra obra de arte, se faz por todos esses aspectos já falados anteriormente, atrelados à formação cultural e às vivências de cada pessoa que possa vir a ouvir tal composição.

Portanto, sendo a música uma expressão de arte, que nessa condição, tem agregada a si a oportunidade de alcançar as mais variadas interpretações, ela é adotada nas diversas manifestações culturais, de modo a expressar os sentimentos dos sujeitos envolvidos no ato. Dessa maneira, entende-se que a música pode proporcionar o fortalecimento das manifestações culturais, como também promover a perpetuação desses atos, gerando um costume. Assim, a continuidade das práticas culturais está atrelada a elementos simbólicos que compõem e fortalecem esses atos, como também a constância em que os sujeitos vivenciam e tomam consciência dos elementos formadores de tais manifestações.

Abraham Moles (1974), ao tratar do termo cultura, aborda a *visão estatística*, referindo-se aos vestígios artificiais produzidos pelo homem, em seu meio, que impulsionam seu cérebro a promover manifestações de variadas formas sobre a impressão dos conceitos que a princípio lhes eram primários. Com base nas reflexões do autor, entende-se que o sujeito, ao interagir com o meio social e

se apropriar dos aspectos informacionais provenientes desse meio, constituirá seu repertório informacional. Dessa maneira, quanto mais o sujeito vivencia uma manifestação cultural, mais ele terá a possibilidade de ampliar seu repertório informacional e atuar como multiplicador dessas informações.

Ainda refletindo sobre cultura associada ao ato de conhecer, Abraham Moles (1974, p. 19) afirma que “[...] os fragmentos de nosso conhecimento são pedaços desordenados, ligados ao acaso por simples relações de proximidade, de época de aquisição, de assonância, de associação de idéias [...]” O autor apresenta a ideia de cultura aproximando-a do processo de apropriação, como um movimento de sensações e sentimentos, que por meio das vivências se manifesta a complexidade existente em razão de que na cultura um sujeito possui conhecimentos transmitidos e, nem sempre, passível de reflexão, o que demanda tempo para que a informação seja entendida, contextualizada e apropriada.

Por outro lado, a cultura também demanda a necessidade de busca pelo conhecimento para que exista e fortaleça um entendimento da complexidade nas manifestações coletivas. Como exemplo, pode-se citar a tradição de se acender uma fogueira para os Santos Antônio, João e Pedro durante os festejos juninos, costume esse que, nos dias atuais, é censurado pelas instituições que defendem o meio ambiente, porém antes de emitir uma opinião a respeito, faz-se necessário conhecer tanto a tradição cristã quanto os aspectos levantados pelas ‘autoridades’ nas questões ambientais.

Diante disso, ressalta-se a importância de se ter conhecimento dos costumes e das tradições, como também buscar uma consciência sobre o conjunto de atos que envolvem as práticas culturais, visto as possíveis consequências geradas por elas, para que se possa formar opinião e tomar posicionamentos pautados no respeito à pluralidade de sentidos atribuídos pelos sujeitos.

Quando o sujeito reflete sobre os elementos que integram uma prática cultural pode alcançar um entendimento de determinado costume - no qual apesar de sofrer algumas modificações pautadas no conhecimento científico atual - busca meios que promovam as adequações necessárias para que seja possível se manter uma tradição, viabilizando a perpetuação de um costume, considerando tanto os sentimentos envolvidos no ato quanto uma conduta racional frente aos aspectos que podem impactar o coletivo.

Também ocorre que algumas manifestações culturais que ao longo do tempo passaram a ser adaptadas e ressignificadas nos atos, nos enunciados e dispositivos, inserindo um caráter mais estilizado do que tradicional, por ser atribuído mais o valor competitivo e até comercial do que o sentimento de manutenção da tradição, como exemplo pode-se citar a quadrilha junina, criada a partir das danças apresentadas nos luxuosos salões da corte francesa, porém adaptadas às condições mais simples dos camponeses brasileiros. A quadrilha junina tradicional, dança típica dos festejos juninos, era preparada de modo que os seus participantes se organizavam em pares, caracterizados de forma bem caricaturada de “caipiras” para executar os passos típicos da dança ao som do “autêntico forró” que, geralmente, acontece após a encenação da celebração de um casamento matuto, cujos personagens principais são os noivos, o pai da noiva e o padre.

A questão é que com o passar dos anos os grupos de quadrilheiros foram seguindo um processo de transformação, provavelmente, em virtude das competições existentes nos concursos de quadrilhas juninas. As roupas simples com pequenos remendos, vestido de chita, camisa xadrez, chapéu de palha e lenço no pescoço, maquiagem de sardas nas moças, bigode e dente pintados em preto nos rapazes, foram sendo substituídos por adereços, maquiagens, penteados e figurinos luxuosos e padronizados com o tema escolhido para o referido ano, mas sempre dando destaque aos noivos, ao padre e ao pai da noiva. Contudo, existe uma preocupação por parte dos praticantes das tradicionais quadrilhas juninas que observam a modificação tanto das vestimentas, anteriormente citadas, como também a transformação das músicas e dos passos tradicionais em estilizados, abrindo espaço para a manifestação cultural ser convertida em espetáculo.

José Jorge de Carvalho (2010, p. 47) define espetacularização como sendo

[...] a operação típica da sociedade de massas, em que um evento, em geral de caráter ritual ou artístico, criado para atender a uma necessidade expressiva específica de um grupo e preservado e transmitido através de um circuito próprio, é transformado em espetáculo para consumo de outro grupo, desvinculado da comunidade de origem.

Diante do exposto pelo autor, é possível entender que a transformação ocorrida como no exemplo da tradicional quadrilha junina é fruto de um processo

que visa a sua projeção da dança típica como um produto a ser consumido por outros públicos, para atender a objetivos diversos, como, por exemplo, da indústria do entretenimento com foco no mercado de consumo dos bens culturais. Para tanto, passam a ser exigidas algumas modificações com vistas a obedecer a um padrão de espetáculo já definido em outras manifestações culturais, a exemplo do carnaval, mesmo que possa sofrer uma descaracterização sob o ponto de vista dos praticantes e dos observadores mais tradicionais. Assim, é preciso que a pluralidade desses atos seja refletida, considerando as possíveis possibilidades de manipulação frente aos interesses econômicos que podem descaracterizar o objetivo principal da prática cultural, o que pode provocar o apagamento dos elementos simbólicos transmitidos por gerações, como também do próprio evento.

A partir dessa observação, é possível perceber a importância da apropriação dos elementos que compõem o meio sociocultural, de modo que possibilite ao indivíduo a realização de correlações baseadas em seu repertório de conhecimento. Entende-se que os aspectos de cultura são moventes, contudo, é preciso tornar os sujeitos conscientes de seu papel na constituição cultural de seu lugar, para que a atribuição de valor e de reconhecimento de seus bens culturais seja baseada em uma atitude consciente. Sobre a cultura como um ato individual, Abraham Moles (1974) aponta que,

[...] ela [cultura] será acessível operacionalmente através da soma de seus atos culturais passados, isto é, da soma de mensagens que ele poderia ter emitido, o conjunto de seus escritos, de suas palavras, de suas obras artísticas, que se baseia num 'repertório' de átomos de significações ou de formas, de semantemas ou de morfemas elementos de sua bagagem cultural, cujo vocabulário nos fornece, no caso da linguagem articulada, um exemplo cômodo. (MOLES, 1974, p. 25-26)

Nesse sentido, a cultura individual será resultante dos atos/vivências passadas, do acesso e da apropriação das informações compartilhadas no contexto sociocultural dos sujeitos e que formam seu repertório informacional e cultural. Abraham Moles (1974) conceitua canais de cultura como as múltiplas vias pelas quais transitam as mensagens e as informações. Por isso, a relevância de promover a democratização e o acesso à informação para garantir aos sujeitos a apropriação dos elementos constituintes da cultura, portanto, de um conjunto de

informações que fortalece, amplia e transforma as percepções relacionadas às práticas culturais e o entendimento sobre cultura.

Percebe-se que a constituição dos sujeitos, ou seja, o repertório de ideias, gostos, crenças e atividades que desenvolvem, é influenciado pelo contexto em que está inserido. Desse modo, tanto o coletivo interfere na formação identitária e memorialística dos sujeitos - quando em sua memória individual existem vestígios que se aproximam de práticas culturais, portanto, se amplia e vai para além da sua memória pessoal - quanto esse sujeito contribui com a manutenção dessas práticas, pois, sem a sua interferência alguns elementos poderiam sofrer um enfraquecimento ou até um apagamento, deixando de enriquecer o repertório coletivo.

A história da humanidade apresenta a notória certificação de que qualquer que seja o grupo social, independente das condições em que vive, dispõe de propriedade para conceber a sua própria cultura, sendo ela fruto das vivências decorrentes dos seus hábitos, costumes, manifestações artísticas e religiosas, entre outras características intrínsecas que, por sua vez, ao serem refletidas podem auxiliá-los no desenvolvimento da capacidade de se colocar, de forma consciente, em um mundo diverso e mesmo identificando e/ou vivenciando as mais variadas culturas, ainda assim preservar a sua própria.

Para que ocorra efetivamente a preservação de uma cultura se faz necessário um contínuo acesso às memórias provenientes das vivências desse povo. Em se tratando de memória, Joel Candau (2012) destaca que

A memória, ao mesmo tempo em que nos modela, é também por nós modelada. Isso resume perfeitamente a dialética da memória e da identidade que se conjugam, se nutrem mutuamente, se apoiam uma na outra para produzir uma trajetória de vida, uma história, um mito, uma narrativa. Ao final, resta apenas o esquecimento. (CANDAU, 2012, p. 16).

Com base nesse entendimento, o autor destaca a relação recíproca e de transformação entre a memória e a identidade, pois o sujeito, a partir da memória, transita por fatos e/ou eventos que constituíram simultaneamente sua identidade e foram provenientes de uma interferência do *outro*, portanto, também é uma memória coletiva. Joel Candau (2012) ainda apresenta a memória como parte fundamental da constituição da identidade, evidenciando o fato de que a

identidade ao ser formada promoverá no sujeito a tendência de acrescentar à sua memória perspectivas específicas de suas vivências. O autor ainda destaca que

Sem memória o sujeito se esvazia, vive unicamente o momento presente, perde suas capacidades conceituais e cognitivas. Sua identidade desaparece. Não produz mais do que um sucedâneo de pensamento, um pensamento sem duração, sem a lembrança de sua gênese que é a condição necessária para a consciência e o pensamento de si. (CANDAUI, 2012, p. 59-60).

Nessa ótica, o autor apresenta a memória na condição do fenômeno em que o indivíduo concebe a sua identidade, sendo ela fruto das lembranças adquiridas a partir das vivências ao longo da sua trajetória, como também primordiais para a afirmação e a manutenção de sua própria identidade.

Considerando que a memória evoca episódios passados, é válido destacar a possibilidade de “versões” diferentes do ocorrido para cada sujeito que participou de alguma maneira do fato rememorado. Tal questão se dá em consequência do acionamento das memórias por meio de dispositivos socioculturais, em que cada ser humano ao evocar sua memória poderá identificar detalhes ainda não reconhecidos anteriormente, por ter privilegiado outros que em um determinado tempo lhe foram mais expressivos, pois cada indivíduo ao fazer a sua leitura de mundo “[...] manifesta suas intenções a esse respeito, estrutura-o e coloca-o em ordem (tanto no tempo como no espaço) conferindo-lhe sentido.” (CANDAUI, 2012, p. 61). Portanto, de acordo com o autor, o sujeito ao evocar sua memória, tem a oportunidade de (re)construir o passado a partir da atribuição de sentidos aos fragmentos rememorados, mas nem sempre conseguirá reconstruí-lo fielmente, pois o sujeito está em constante transformação a partir da interferência do coletivo, do espaço geográfico e do tempo histórico.

Na perspectiva sobre a memória individual e coletiva, e de sua inter-relação com a identidade, Michael Pollak (1992) enfatiza que memória é um

[...] elemento constituinte do sentido de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentido de continuidade e de coerência de uma pessoa ou um grupo de pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si. (POLLAK, 1992, p. 212).

Com base na reflexão realizada pelo autor, pode-se destacar o reconhecimento da memória como sendo um ‘fenômeno’ constituído e estruturado

a partir das vivências de cada sujeito. Também é possível pensar que essa relação entre o individual e o coletivo pode ser indispensável na reconstrução de si, não apenas para o sujeito individual, como também para a comunidade em que ele esteja inserido. É válido observar ainda que a memória de uma pessoa vem a ser fruto dos lugares que ela percorreu, das atividades que participou e das mudanças políticas, econômicas e ambientais que transformaram, em alguma medida, o social e a sua existência.

Desse modo, o sujeito se interliga ao grupo do qual faz parte, no presente ou que foram herdadas de seus antepassados, como também de grupos que podem estar territorialmente afastados, tanto em um presente geograficamente distante quanto em uma temporalidade distinta, existe um processo de interferências que precisam ser (re)conhecidas.

Essa reflexão, a partir do pensamento apresentado por Michael Pollak (1992), se aproxima da afirmação realizada por Joel Candau (2012, p. 47), para quem “Uma memória verdadeiramente compartilhada se constrói e reforça deliberadamente por triagens, acréscimos e eliminações feitas sobre as heranças.” Portanto, as memórias compartilhadas pelos antepassados passam por um processo de seleção decorrente da constituição identitária do sujeito e quem ele é no presente, sendo nesse processo agregado novos elementos, como também apagados outros visando uma perspectiva futura. Esse processo de seleção da memória, tanto individual quanto coletiva, também é possibilitado pelos dispositivos utilizados, que asseguram o registro de seus vestígios, viabilizando que sejam evocados e possam apresentar possibilidades de um novo caminho, como também com o objetivo de garantir a sua preservação e o fortalecimento de sua identidade.

Sobre o processo de (trans)formação da memória individual e coletiva, Stuart Hall (2006) defende que o indivíduo cuja vivência prévia tenha sido pautada em uma identidade estável e unificada, passa a se tornar segmentado, compondo-se de várias identidades, por vezes até contraditórias. Ainda segundo o autor “[...] O próprio processo de identificação, através do qual nos projetamos em nossas identidades culturais, tornou-se mais provisório, variável e problemático.” (HALL, 2006, p. 12) A partir dessa reflexão, pode-se entender que a ausência de uma tomada de consciência por parte dos sujeitos sobre o acesso aos diferentes aspectos socioculturais pode influenciar negativamente na constituição de sua

identidade, visto que existe uma constante transformação e anulação das identidades e de suas memórias, tornando-as provisórias e fragmentadas, levando à descaracterização da memória individual e coletiva.

A diversidade de identidades coexistentes em um território, que por questões econômicas podem ser visibilizadas como positivas, nem sempre foi tratada de maneira crítica, a fim de que essas diferenças pudessem ser reconhecidas e respeitadas. Esse processo promove uma disputa por um destaque e uma sobreposição em que a exclusão passa a ser acentuada e desigualdades sociais intensificadas. Desse modo, torna-se necessário um processo mediador, em que as diferenças possam ser identificadas e os sujeitos possam se reconhecer em meio a diversidade, mantendo traços culturais que lhes são próprios, mas também adotando de maneira consciente novos elementos que favorecem sua (trans)formação.

Esse processo de conscientização frente às mudanças só ocorre a partir do acesso às informações que evidenciam a trajetória temporal dos aspectos constitutivos da memória e da identidade. Esse processo de conscientização por parte do sujeito pode ser alcançado por meio da mediação. Essa afirmação ganha fundamento a partir do que expõe Stuart Hall (1997, p. 22-23) ao defender que “[...] é quase impossível para o cidadão comum ter uma imagem precisa do passado histórico sem tê-lo tematizado, no interior de uma ‘cultura herdada’, que inclui panoramas e costumes de época.” Portanto, é imprescindível que os sujeitos (re)visitem os acontecimentos que formam sua memória, considerando as mudanças ocorridas nas práticas culturais e compreendendo que a relação estabelecida entre os tempos vividos se dá a partir das ligações edificadas pelos povos através dos tempos, proporcionando ao sujeito de agora a oportunidade de resguardá-la para que haja a possibilidade de reverenciar esse passado, garantindo a sua continuidade.

Com base nos entendimentos dos autores citados anteriormente, pode-se dizer que memória e identidade estão entrelaçadas e para reafirmar tal consideração, Joel Candau (2005, p. 144) aponta que

Às memórias fortes correspondem as identidades sólidas, às identidades fragmentadas as memórias estilhaçadas. Muitos são os exemplos desta intricação entre memória e identidade, múltiplos são os casos em que a memória consolida ou desfaz o sentimento identitário.

Em vista disso, o autor evidencia o entendimento de que memória e identidade possuem “valores” diretamente proporcionais, de modo que quanto maior consistência tem a memória individual e coletiva, maior força a constituição identitária dos sujeitos alcançará. Desse modo, essa “consistência” pode ser entendida como um processo de conscientização dos elementos e do repertório cultural pertencente a um sujeito e ao grupo social. Assim, ratifica-se a necessidade de um ato mediador que evidencie e promova a reflexão sobre as práticas e elementos culturais do contexto em que os sujeitos estão inseridos, atuando em uma perspectiva do alcance da alteridade, mas sem perder a essência da sua constituição memorialística e identitária.

Nesse sentido, a mediação cultural pode ser entendida como um ato de conscientização sobre a importância de desenvolver uma relação dialógica entre os sujeitos, com base nas práticas e nos dispositivos culturais, considerando a diversidade que perpassa o repertório de conhecimentos sobre as vivências e a busca por promover uma liberdade de expressão autêntica entre os sujeitos socioculturais. Edmir Perrotti (2016) entende a mediação cultural como uma ação que floresce do reconhecimento de conflitos e da necessidade de criar conexões que promovam o diálogo indispensável ao desenvolvimento de apropriação cultural por parte dos sujeitos. Para esse autor, a mediação cultural se manifesta

[...] Na diversidade que caracteriza o espaço público, sem silenciar conflitos nem vozes discordantes, sem isolar ou impedir a emergência da pluralidade, das tensões que lhe são próprias, a mediação cultural apresenta-se, pois, como um território discursivo, de embates e possibilidades, ao mesmo tempo que de afirmação da esfera pública como instância superior organizadora e legitimadora do campo simbólico. (PERROTTI, 2016, p. 13)

Portanto, entende-se que a mediação cultural, quando realizada de maneira consciente, possibilita aos sujeitos, mesmo aqueles colocados à margem da sociedade, o acesso e a apropriação dos bens culturais, favorecendo a inclusão e o desenvolvimento de sujeitos para o alcance de uma postura protagonista, que reconhecem seus direitos, além dos seus deveres, possibilitando-os exercerem a plena cidadania.

É válido destacar que o sujeito protagonista é descrito por Edmir Perrotti (2017, p. 15) como aqueles que “[...] assumem a luta pela construção, pela

criação, como atitude face ao mundo. Lutar, mais que enfrentamento ‘contra’, é modo de ser e estar, de produzir e cuidar de um mundo comum, habitável e convivial.” Entende-se que a conduta do protagonista está alinhada com uma postura de enfrentamento a obstáculos segregadores, visando abrir caminhos para que os sujeitos, sem exceção, possam conviver de maneira equânime, em respeito às diversas formas de pensar e agir no mundo, adversos a quaisquer valores particulares, guiados pelo sentimento de coletividade e bem comum.

Para Edmir Perrotti (2017), o protagonista nunca está sozinho, de forma física ou simbólica, ele sempre traz o outro consigo, e ainda reforça que, para os mesmos, mais importante que ganhar a luta, é “[...] afirmar princípios básicos que regem o viver junto, importa superar, rebelar-se, [...] contra o fazer vazio e a falta de significação.” (PERROTTI, 2017, p. 16). Assim, o autor aponta que através da consciência de seu papel, o sujeito ressignifica o ato imposto e elabora a sua própria finalidade em apoio ao coletivo, sempre calcada nos princípios que regem o agir protagonista, pois

[...] para ele, mais importante que fazer é agir, mais importante que falar é dizer. Ele age e diz, portanto, num processo humanizador e humanizante, de conhecimento e reconhecimento, político, social e cultural, de defesa da *polis* e dos destinos de cada um e de todos nós, por atos e palavras. (PERROTTI, 2017, p. 24).

O autor deixa claro que a atuação do protagonista está alicerçada na coerência entre o dizer e o agir de maneira consciente, primando por movimentos complementares em que, ao passo que promove uma ação, também se coloca como parte que contribuirá e se “transformará” ao vivenciar tal experiência, sendo similarmente um elo fundamental nesse processo de (re)conhecimento que envolve tanto a política, a sociedade, como também a cultura em sua completude. Diante do exposto, é relevante atentar para o entendimento de Celly Lima e Edmir Perrotti (2017, p. 19), ao afirmarem que

O mediador cultural é um protagonista cultural, que atua negociando sentidos, realizando tarefas e propondo ações que viabilizam a apropriação e o protagonismo cultural dele e de indivíduos, grupos e coletividades. Seus fazeres compreendem certamente planejamento e gerenciamento de projetos culturais, mas baseados na dialogia com outros protagonistas, para que se estabeleça a comunicabilidade entre acervos, tangíveis e intangíveis, repertórios humanos e os protagonistas da cultura.

Compreende-se que o agente mediador pode ser um indivíduo diligente, que se utiliza do processo dialógico para efetuar negociações que venham proporcionar transformações em si e nos demais sujeitos da comunidade, através da disseminação e da apropriação de informações e projetos culturais, favorecendo o processo dialógico com outros protagonista, possibilitando a interlocução entre os mais variados acervos e repertórios informacionais e culturais. Destaca-se que para além das ações culturais que envolvem a participação do meio, é necessário extrapolar fronteiras, (re)conhecer o *outro*, conferindo valor às práticas e dispositivos culturais pertencentes ao seu próprio lugar, pois, pelo olhar do outro, pode-se ressignificar aquilo que se tem.

Ao tratar sobre o processo dialógico, Ivete Pieruccini (2007) apresenta o conceito de dispositivo informacional que para a autora é

[...] signo, mecanismo de intervenção sobre o real, que atua por meio de formas de organização estruturada, utilizando-se de recursos materiais, tecnológicos, simbólicos e relacionais, que atingem os comportamentos e as condutas afetivas, cognitivas e comunicativas dos indivíduos. (PIERUCCINI, 2007, p. 5).

Esse entendimento indica que os dispositivos integram e interferem no agir dos sujeitos. Dessa maneira, pode-se incluir desde as fontes informacionais até os ambientes que as salvaguardam. Também vale refletir que esses dispositivos informacionais que foram produzidos em determinado tempo histórico são resultantes de atos de cultura, portanto, dispositivos “infoculturais”. Pode-se pensar sobre uma obra de arte que seja significativa para um conjunto de sujeitos e, portanto, estar em um dispositivo informacional (museu, biblioteca, obra de arte, entre outros), além de informar, é constituída de traço representativo do sujeito e do meio de sua criação, portanto, essa obra de arte é um dispositivo de informação e cultural. Ao realizar a mediação cultural, torna-se relevante tanto considerar a informação que determinado dispositivo possibilita o acesso, quanto à representatividade atribuída que favorece o alcance de sentido e significado pelos sujeitos leitores, portanto, seu valor simbólico.

Desse modo, os dispositivos informacionais, por serem resultado de um movimento histórico e cultural, que representa uma intencionalidade de seus produtores, possuem um potencial simbólico, que alcançará sentido quando

acessado pelos sujeitos leitores, que por sua vez também são formados por ideologias, crenças e valores ligados ao contexto sociocultural ao qual estão inseridos. Nesse processo, é necessária a realização de um encontro que apresente os dispositivos, os sujeitos e os aspectos constitutivos dessas vivências que integram tanto as instâncias mediadoras quanto os sujeitos sociais. Assim, a negociação, conforme defendida por Amanda Leal de Oliveira (2014), como categoria da mediação cultural, faz-se necessária nesse processo e pode ser compreendida como aquela que

[...] contempla, além de um modo de se relacionar, a busca por um diálogo (mesmo se árduo) na situação de divergência, ou seja, existe a consideração do outro enquanto possibilidade de troca e mudanças (dele e do 'si mesmo'). Não é, portanto, ruptura, nem imposição pela força, como no caso da guerra, mas possibilidade jogada no âmbito de disputas que se valem da capacidade humana de simbolizar e de expressar-se por meio da linguagem. (OLIVEIRA, 2014, p. 114).

A partir dessa reflexão, a autora destaca que é necessária a negociação, que ocorre entre mediadores e usuários para que a mediação contemple, a partir do processo dialógico, as necessidades de todos os sujeitos envolvidos no processo. Amanda Leal de Oliveira (2011, p. 926) ainda destaca que

[...] aprendemos que nas tramas de manifestações, ambientes, tempos múltiplos, heterogêneos e concomitantes que caracterizam nossa época, a leitura (e suas mediações) terá que ser plural. Seus modos de ser, suas práticas, seus sentidos serão incessantemente reelaborados, postos à prova - negociados. Só assim, talvez, conseguirá ser singular, isto é, ato e gesto de protagonistas culturais a que chamamos mediadores.

Entende-se, portanto, que seja imprescindível a conscientização de que no mundo, felizmente diverso, é indispensável a abertura dos mais variados dispositivos informacionais e culturais. Essas instâncias de compartilhamento, interação e comunicação, devem ter por intuito favorecer o encontro entre os diferentes saberes e vivências dos grupos aos quais se aproximam, visto que é por meio da dialogia que se constitui as relações sociais. Ao mesmo tempo em que ocorre o processo de interação entre os sujeitos, as diversas perspectivas de ler e interpretar o mundo também devem desenvolver um sentimento que favoreça uma reelaboração de conceitos que permitirão a inclusão dos mais variados sujeitos.

Nessa conjuntura, destaca-se a necessidade de o mediador, ao planejar e desenvolver as atividades de mediação cultural, ter o cuidado de analisar o contexto em que o dispositivo de informação ou a ambiência que ele realizará tais ações. Esse agente mediador também deve considerar que cada sujeito que integra esse grupo possui um olhar sobre os elementos formadores de sua identidade e que evocam os aspectos de suas memórias que são de total importância para que esse mediador cultural possa compreender e interagir com os aspectos que constituem tais memórias, favorecendo o encontro entre outros dispositivos e sujeitos.

Desse modo, o mediador cultural provavelmente identificará indícios que poderão contribuir para a caracterização dos traços de identidade e memória desse povo. Após identificar tais aspectos, o mediador deve se respaldar nas concepções teóricas, considerando as vivências e práticas realizadas, para desenvolver novas ações de mediação cultural. Caso ainda sejam encontradas dificuldades para alcançar seus objetivos, ele poderá realizar um processo de negociação, desenvolvendo uma ação dialógica, de modo a se aproximar dos sujeitos e tentar entender quais as suas dificuldades, objetivos e desejos, e assim, considerar a escuta sensível mais relevante e necessária que o ato de fala, ou seja, possibilitar que os sujeitos possam se expressar e buscar uma ação de interferência que constitua e reelabore os dispositivos informacionais e culturais que estão naquele território. Assim, pode-se perceber que o ato de mediar a cultura envolve a ação de leitura do mundo, que inclui os mais diversos sujeitos que possuem atitudes e formações socioculturais plurais e complexas.

3 A MEDIAÇÃO DA LEITURA PARA FORMAÇÃO DO SUJEITO LEITOR E SUA ATUAÇÃO PROTAGONISTA

A mediação cultural refletida anteriormente é consequência de um processo reflexivo e de ações voltadas para o desenvolvimento de sujeitos emancipados, capazes de atuar efetivamente nas questões de interesse da comunidade na qual estejam inseridos. Partindo desse entendimento, também se faz necessário apresentar a relação existente entre leitura e mediação cultural e isso pode ser constatado, por exemplo, no momento em que se observa o quanto a prática de leitura pode contribuir de maneira ampla na constituição de sujeitos conscientes das potencialidades de sua cultura e dispostos a desvendar um mundo de possibilidades para o engrandecimento do seu entorno e das pessoas que o compõe.

Seguindo por esse caminho, é imprescindível atentar-se ao entendimento de Paulo Freire (1989) quando ao tratar da alfabetização de adultos defende que essa ação é um ato de conhecimento, um ato político e que nesse processo o 'alfabetizando' tem o papel de sujeito. O autor ainda destaca a importância da leitura e afirma que

[...] a leitura de mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica na leitura daquele [...] podemos ir mais longe e dizer que a leitura da palavra não é apenas precedida pela leitura do mundo, mas por uma certa forma de 'escrevê-lo' ou de 'reescrevê-lo', quer dizer, de transformá-lo através de nossa prática consciente. (FREIRE, 1989, p. 13)

Com base no pensamento apontado pelo autor, compreende-se que a leitura está intrinsecamente relacionada com o ato de transformação consciente do mundo. Nesse sentido, existe uma relação cíclica, de modo que a leitura de mundo dá subsídios para que o sujeito possa 'desvendar' a leitura das palavras, que por sua vez se completa possibilitando a leitura de mundo e propicia ao sujeito a oportunidade de rever acontecimentos, reescrever aquilo que foi lido e/ou vivido e, ainda, de maneira consciente, através de suas práticas, modificar o mundo. Portanto, de acordo com Paulo Freire (1989), a leitura é uma forma de o sujeito se relacionar com o mundo ao qual está inserido, reconhecendo-se como parte dele e estando apto a construir relações com esse mundo, por meio do ato de se expressar e interpretá-lo.

Conforme Paulo Freire (1981), o processo de alfabetização deveria ser pautado no universo de sentidos dos educandos, partindo de suas próprias experiências. Em seus escritos sobre a *Ação cultural para a libertação*, o autor ainda descreve o processo de alfabetização de pessoas adultas como uma ação cultural para a libertação. Nesse processo, Paulo Freire (1981, p. 42) também aponta que “A codificação, de um lado, faz a mediação entre o contexto concreto e o teórico; de outro, como objeto de conhecimento, mediatiza os sujeitos cognoscentes que buscam, em diálogo, desvendá-la.” A partir dessa reflexão, pode-se entender que o desenvolvimento do diálogo entre os sujeitos envolvidos potencializa com que todos eles sejam conectados ao ato de conhecer, reduzindo a possibilidade de uma educação “bancária”, ou seja, de ações mediadoras mecânicas e/ou pautadas em crenças de um sujeito que está relacionado a determinado sistema sociocultural.

Paulo Freire (1981, p. 42) ainda afirma que “A codificação, mesmo pictórica, é um ‘discurso’ a ser ‘lido’ por quem procura decifrá-la.” Entende-se que o sujeito desenvolve um repertório que poderá subsidiá-lo na condução de sua forma de expressão, em suas reflexões, em seu direito de escolha, contribuindo para uma ruptura da cultura de silenciamento, imposta pela classe dominante e tornando efetiva a postura de busca por condições de liberdade para todos os sujeitos.

Vale destacar o conceito de ação cultural tratado por Paulo Freire (1981), em que ele estabelece uma diferenciação entre dois tipos identificados, especificando que

Enquanto a ação cultural para libertação se caracteriza pelo diálogo, ‘somo selo’ do ato de conhecimento, a ação cultural para a domesticação procura embotar as consciências. A primeira problematiza; a segunda ‘sloganiza’. Desta forma, o fundamental na primeira modalidade de ação cultural, no próprio processo de organização das classes dominadas, é possibilitar a estas a compreensão crítica de sua realidade. (FREIRE, 1981, p. 66)

Diante da diferenciação estabelecida por Paulo Freire (1981), é possível afirmar que uma ação mediadora também pode servir a propósitos controversos, caso essa seja realizada de maneira inconsciente e a serviço de um sistema de dominação, afastando-se da colaboração para o alcance do protagonismo. Por outro lado, ao buscar uma atitude consciente na realização das atividades mediadoras, os sujeitos envolvidos poderão favorecer o ato de liberdade de

expressões, percepções, ideias, atitudes e escolhas. Essa postura crítica diante do mundo, favorece a que os sujeitos possam (re)conhecer os fatos e as circunstâncias do que acontece em seu entorno e de que modo consciente poderá agir para modificá-los, caso lhes sejam desfavoráveis, mas principalmente de romper com a postura do silenciamento, em que a possibilidade de expressão seja concedida aos sujeitos que integram determinado grupo formador da sociedade.

A partir dessa reflexão, entende-se que o analfabetismo, mais que a impossibilidade de compreender uma dada linguagem, dificulta que o sujeito realize uma leitura crítica da dinâmica social em que está inserido, como também das possibilidades de acesso à informação e, por meio dela, de realizar suas práticas sociais de maneira consciente. Para além dos dispositivos em que a informação é registrada por meio da linguagem escrita, também existem os diversos dispositivos produzidos por meio das linguagens artísticas, como a fotografia, a pintura, a dança, o teatro, entre outros, que também potencializam ações voltadas ao fortalecimento cultural, de evocar indícios memorialísticos e identitários dos sujeitos, que se dá por meio do ato de ler tais dispositivos.

Paulo Freire (1981), ainda refletindo sobre a ação cultural, destaca que

Somente os seres que podem refletir sobre sua própria limitação são capazes de libertar-se desde, porém, que a sua reflexão não se perca numa vaguidade descomprometida, mas se dê no exercício da ação transformadora da realidade condicionante. (FREIRE, 1981, p. 53).

Pode-se compreender que o autor ressalta sobre a relevância do sujeito, além de ter consciência de suas limitações, não se ater a elas, e, a partir das mesmas, traçar caminhos que possam conduzi-lo a uma nova realidade, que venha favorecer efetivamente a sua libertação. Desse modo, os sujeitos que integram grupos sub-representados devem ter a consciência da existência de um sistema complexo que rege suas vidas e buscam a manutenção desse sistema, portanto, ocultando, manipulando ou distanciando os dispositivos de comunicação, cultura e informação, que ao serem instâncias de libertação, podem ser apropriadas por esses diversos sujeitos para alcance de uma postura protagonista.

As massas populares se fazem ansiosas por liberdade, por superar o silêncio em que sempre estiveram. As classes dominantes, por manter o

'status quo', para o que se inclinam, em função do grau de pressão daquelas, a reformas estruturais que não afetam o sistema em sua essência. (FREIRE, 1981, p. 61).

Nessa perspectiva, discutida por Paulo Freire (1981), sobre uma ação de libertação por parte dos sujeitos que foram colocados à margem da sociedade, percebe-se a necessidade de atividades mediadoras que possibilitem a leitura crítica dos sistemas complexos em que os sujeitos estão inseridos, como também da cultura que se deseja perpetuar de hegemonia que conduz ao silêncio e a ação não problematizadora. Dessa maneira, as atividades de mediação da cultura e da mediação da leitura, ao serem realizadas de maneira inter-relacionadas, nos diversos contextos em que os dispositivos informacionais estão inseridos e foram produzidos, devem buscar uma (trans)formação dos sujeitos, de modo que esses possam realizar a leitura crítica e reflexiva, com base na consideração de sua constituição identitária e memorialística, que favoreça uma atitude protagonista e conduza a uma atuação a favor da coletividade.

Nesta pesquisa entende-se a leitura como um ato processual que conduz a libertação da ignorância que tende a tornar os sujeitos oprimidos por suas crenças e opiniões sobre sua relação com o mundo e com o outro. Portanto, destaca-se a importância do sujeito se apropriar da potência transformadora, a informação, que é alcançada por meio do ato de ler. Com o intuito de exemplificar tal importância, ressalta-se aqui uma passagem relatada por Paulo Freire (1989, p. 11) em *A importância do ato de ler: em três artigos*, quando no momento em que rememora o seu processo de “alfabetização” evidencia que “Na medida, porém, em que me fui tomando íntimo do meu mundo, em que melhor o percebia e o entendia na ‘leitura’ que dele ia fazendo, os meus temores iam diminuindo.” Compreende-se que o sujeito pode, a partir da leitura consciente que faz do mundo em sua volta, se desprender dos seus medos e quebrar as “correntes” que o prende às situações que lhe são desfavoráveis e, assim, criar forças para seguir em busca de uma condição que permita a emancipação enquanto indivíduo social.

Portanto, ainda de acordo com Paulo Freire (1989), para que ocorra um processo de ‘alfabetização libertador’ é necessário fazer uso de palavras advindas do universo vocabular dos sujeitos, as quais intitula de “as palavras do Povo, grávidas de mundo” e expressar sua linguagem real, interesses, inquietudes, reivindicações, como também os seus sonhos. De acordo com Paulo Freire (1989,

p. 14), a representação de: “[...] situações concretas possibilitava aos grupos populares uma ‘leitura’ da ‘leitura’ anterior do mundo, antes da leitura da palavra.” O que se pode entender também como uma maneira de fomentar o desenvolvimento do senso crítico dos “alfabetizados”, dos leitores, visto que os mesmos estariam “relendo” situações pelas quais passaram, que se apresentaram em seus mundos particulares, possibilitando, mais uma vez, a tomada de consciência da situação em que vivem.

Ainda nessa perspectiva, o autor complementa que:

É nesse sentido que a leitura crítica da realidade, dando-se num processo de alfabetização ou não e associada sobretudo a certas práticas claramente políticas de mobilização e de organização, pode constituir-se num instrumento para o que Gramsci chamaria de ação contra-hegemônica. (FREIRE, 1989, p. 14).

Entende-se, portanto, a partir do que o autor trata sobre o processo de alfabetização, a necessidade do desenvolvimento do senso crítico, que possibilite tornar os sujeitos aptos a fazer uma leitura consciente do mundo em que vive e de alcançar o sentido de contrapor as manifestações de visão de mundo promovidas/impostas pela classe dominante, podendo, ainda, predispor o rompimento do mito de que o ato mediador deve ser neutro, passando a fomentar uma postura crítica por parte de todos que integram a ação mediadora.

Do ponto de vista crítico, é tão possível negar a natureza política do processo educativo quanto negar o caráter educativo do ato político. Isto não significa, porém, que a natureza política do processo educativo e o caráter educativo do ato político esgotem a compreensão deste ato. Isto significa ser impossível, de um lado, como já salientei, uma educação neutra, que se diga a serviço da humanidade, dos seres humanos em geral; do outro, uma prática política esvaziada de significação educativa. (FREIRE, 1989, p. 15)

O pensamento apresentado por Paulo Freire (1989) desperta o sentido de busca por compreender a impossibilidade de existir uma ação mediadora neutra. Essa reflexão conduz a percepção de que os agentes mediadores promovam a formação de sujeitos capazes de agir, de maneira consciente, dentro das mais variadas situações do seu cotidiano, buscando ser respeitados como cidadãos e exercendo a sua cidadania plena, compreendendo o que alerta Paulo Freire (1981, p. 38), “A mera aprendizagem da leitura e da escrita não faz milagres.”

Ao coadunar com outros pensamentos apresentados em relação ao ato de ler, Maria Helena Martins (1988) trata sobre a ampliação da noção de leitura para além do texto escrito e defende que deve ser considerada essencialmente um processo constituído pela compreensão de expressões, tanto formais quanto simbólicas, independente da linguagem utilizada. Portanto, Maria Helena Martins (1988, p. 30), considera que “[...] o ato de ler se refere tanto a algo escrito quanto a outros tipos de expressão do fazer humano [...]” e ainda traz o argumento de que

[...] a leitura se realiza a partir do diálogo do leitor com o objeto lido - seja escrito, sonoro, seja um gesto, uma imagem, um acontecimento. Esse diálogo é referenciado por um tempo e um espaço, uma situação; desenvolvido de acordo com os desafios e as respostas que o objeto apresenta, em função das expectativas e necessidades, do prazer das descobertas e do reconhecimento de vivências do leitor. (MARTINS, 1988, p. 33).

De acordo com o entendimento da autora, pode-se dizer que o ato de ler pode ocorrer em diversas circunstâncias, a partir dos mais variados dispositivos, independentemente da existência de palavras, considerando o interesse do sujeito leitor em decodificar, analisar e interpretar o dispositivo que é ‘carregado’ de valor simbólico e informacional, que pode favorecer um processo de desenvolvimento desse leitor no que tange à possibilidade de alcançar novas sensações, sentimentos e percepções das suas relações com o *outro*, no mundo. A partir da interação que pode ocorrer, o sujeito deve ser motivado a compreender o que está sendo lido, satisfazendo, ou não, as suas expectativas e necessidades, mas, sobretudo, vivenciando as descobertas e assumindo um posicionamento diligente no intuito de ampliar a visão alcançada.

Nesse sentido, no campo da Ciência da Informação, Oswaldo Francisco de Almeida Júnior e Sueli Bortolin (2007, p. 3) defendem que o leitor é tão responsável pelo texto quanto quem o escreve e que “[...] cabe ao leitor ter a iniciativa de promover encontros ‘cruzando’ os textos que habitam o seu interior com aqueles existentes ao seu redor [...]” Portanto, de acordo com o pensamento dos autores, para que haja uma efetiva leitura, faz-se necessário que exista uma relação estreita entre leitor e o texto, promovendo a realização de interpretações de maneira conectada tanto com o seu mundo interior quanto com o mundo ao qual ele esteja inserido, assim, indicando a necessidade da atuação mediadora.

Lígia Maria Moreira Dumont (2020) compreende que a leitura é uma das maneiras de garantia da cidadania e que dependendo do modo em que acontece a sua mediação é possível que se amplie cada vez mais o acesso à informação. Ainda para a autora, o ato de ler significativo ocorre quando é possível transformar informação em conhecimento, permitindo que uma leitura venha a induzir outras, possibilitando modificações e interações.

Portanto, ratifica que os dispositivos informacionais, seja ele um quadro, uma fotografia, um jornal, uma revista, entre outros, podem “interferir” para a continuidade do processo de leitura e informacional, contribuindo na busca por outras informações, possibilitando ao leitor que tem contato com tais dispositivos o alcance a múltiplas leituras e interpretações. Nesse sentido, é fundamental que os diferentes sujeitos, em seus diversos contextos e com suas formas particulares de ler o mundo, possam acessar os variados dispositivos, favorecendo a apropriação da informação e, desse modo, construindo novos conhecimentos que os conduzam a serem mais atuantes no mundo, em especial no exercício e na garantia da cidadania.

Ainda de acordo com Lígia Maria Moreira Dumont (2020, p. 23)

O processo do ato de leitura não se efetiva em ações isoladas, nem mesmo lineares, e sim por uma complexa reação em cadeia de operações, sentimentos, desejos, especulação na bagagem de conhecimentos armazenados, motivações, análises, críticas.

Com base no pensamento apresentado pela autora, pode-se compreender a complexidade que envolve todo o processo do ato de leitura, em que diversos sentidos, percepções e sentimentos, tendo como base conhecimentos anteriores a que esse sujeito conseguiu desenvolver em sua experiência no mundo, implicam em suas ações no presente e no futuro. Dessa maneira, o ato de ler requer, como afirma a autora, uma análise crítica da realidade, que pode ser entendida como fundamental para subsidiar a postura dos sujeitos em sociedade, no exercício da cidadania plena, possibilitando também que o faça de maneira consciente e alteritária.

Entende-se, segundo a reflexão apresentada por Lígia Maria Moreira Dumont (2020), que o processo de leitura não se faz em ações isoladas e imediatas, mas é decorrente de uma operação em cadeia, ou seja, um processo

que envolve desde os sentimentos até os conhecimentos construídos ao longo do tempo, com a percepção de que esse sujeito integra a movimentação social, as atitudes e atividades que estão inseridas em determinado contexto cultural. Portanto, considerando esse sujeito como um ser da cultura, envolvido em um processo cultural, então, a leitura deve ser entendida também como um ato fundamentado em ações culturais, como também é através da leitura que é possível a interpretação e a apropriação de informações culturais, modificando as práticas e interferências dos sujeitos em seus contextos.

Lígia Maria Moreira Dumont (2020) apresenta o contexto, o sentido e a motivação como elementos sempre presentes no cumprimento do ato de ler e essenciais para que haja efetiva apropriação do conhecimento, decorrente da interpretação da leitura realizada. A autora complementa que: “A apropriação do texto pelo leitor implica a produção de sentido, no qual se imprime a singularidade da leitura baseada na experiência individual de cada leitor. Leitura é construção de sentidos, de significados.” (DUMONT, 2020, p. 43). Destaca-se a relevância de se apresentar/utilizar os dispositivos que sejam representativos da cultura do sujeito, promovendo uma articulação com o seu contexto sociocultural, favorecendo que o leitor possa atribuir sentido, como também despertar o desejo e ter o estímulo de continuar realizando leituras de maneira proficiente, ou seja, desprendida de uma “inocência” inerente das primeiras interpretações que pode ser resultante de uma leitura despreziosa.

A partir dessa reflexão, é preciso considerar o que defende Lidia Eugenia Cavalcante (2020), ao apontar que a leitura não deve ser colocada como uma ‘forma mágica’ para solucionar problemas sociais, culturais, entre outros, no entanto, para a autora

O ato de ler, porém, pode contribuir para o desenvolvimento de saberes reflexivos e críticos que alicerçam a construção do conhecimento. Há, dessa forma, a possibilidade geradora de modos de resistência às visões totalitárias e centralizadoras que teimam em reduzir o direito de ser de cada indivíduo, isto sem perder de vista os direitos humanos e a justiça social. A leitura, portanto, pode propor caminhos por meio da linguagem e da cultura, não subordinadas às formas de dominação. (CAVALCANTE, 2020, p. 4,5)

Em face do exposto pela autora, compreende-se que a leitura pode repercutir de maneira mais ampla, podendo alcançar o potencial de subsidiar os

sujeitos no desenvolvimento crítico e reflexivo, tornando-se efetivamente capazes de atuar na condução de suas vidas, agindo na perspectiva da alteridade, se firmando na resistência diante das atitudes centralizadoras que almejam a subtração de direitos e a perpetuação da subordinação dos seus semelhantes.

Oswaldo Francisco de Almeida Júnior e Sueli Bortolin (2007, p. 9), afirmam a seguinte percepção sobre o ato de ler:

Acreditamos que a leitura é o principal fazer do profissional da informação e em consequência, deve ser motivo de reflexão, debate e discussão no âmbito da Ciência da Informação. Ela, leitura, deve ser considerada como parte intrínseca do processo de apropriação da informação.

A partir da concepção apresentada pelos autores, entende-se que seja imprescindível a recorrente investigação da temática da leitura no campo da Ciência da Informação, visto que a mesma é posta como a ‘engrenagem’ principal para o alcance da apropriação da informação. Outrossim, essa ação, a leitura, deve ser mediada pelos profissionais da informação, que têm nos estudos realizados no campo da Ciência da Informação a base para suas práticas, que junto à vivência alcançada por eles, podem desenvolver uma mediação consciente da leitura, em que se possa efetivamente evidenciar os elementos que estão presentes no cotidiano dos sujeitos, integram seus discursos e influenciam seu modo de se relacionar com o outro. Entretanto, muitas vezes, não estão perceptíveis para eles, o que evoca a necessidade de uma mediação que apoie a leitura atenta, reflexiva e crítica dos sujeitos, dos contextos e de suas relações, portanto, é possível afirmar que só por meio do ato de ler que o sujeito se apropria da informação e, conseqüentemente, constrói novos conhecimentos.

Oswaldo Francisco de Almeida Júnior e Sueli Bortolin (2007) entendem ainda que, antes de tudo, o mediador é um leitor e que a partir do seu gosto pela leitura é possível considerar sua subjetividade no ato de mediar a leitura, para tanto, compreende-se que o faça sem imposição, favorecendo a relação dos demais leitores com os dispositivos utilizados.

Ana Claudia Medeiros de Sousa, Raquel do Rosário Santos e Ingrid Paixão de Jesus (2020, p. 18), tomando como base o conceito estabelecido por Oswaldo Francisco de Almeida Júnior (2009), refletem que mediação da leitura é:

[...] uma ação realizada conscientemente por um profissional da educação, da informação e/ou da cultura, de maneira individual ou coletiva, que propicie uma leitura singular ou plural na ambiência dos dispositivos informacionais, sociais e culturais, na perspectiva de possibilitar a apropriação da informação.

Desse modo, compreende-se que além das categorias destacadas pelas autoras, com base no conceito de mediação da informação, sendo atividades individuais ou coletivas, singulares ou plurais, também se destaca que a mediação da leitura pode ser direta ou indireta. Tomando como base as categorias de mediação da informação defendidas por Oswaldo Francisco de Almeida Júnior (2009), nas atividades de mediação direta da leitura ocorre a interação entre o agente mediador e o leitor, de maneira em que a presença desses sujeitos é essencial para o desenvolvimento das atividades.

Por outro lado, a mediação da leitura também pode ser realizada por meio de seu ato produtor, quando suas atividades criativas realizam a mediação, mas sem sua presença física, sendo considerada a mediação indireta da leitura. Assim, em uma exposição artística, as obras de arte podem ser consideradas uma ação indireta de mediação da leitura, visto que favorece uma interferência do agente mediador com os sujeitos leitores, mesmo que esse não esteja fisicamente presente.

Desse modo, atribui-se ao mediador da leitura a possibilidade de interferir de maneira ética na condução da formação de cidadãos, fomentando o desejo e a necessidade de ler e de buscar informação. Portanto, para modificar a sua realidade, o leitor, por meio da ação mediadora, passa a interagir com o produtor do documento, como também com os demais sujeitos, meios e dispositivos, favorecendo a construção do conhecimento, conforme defende Henriette Ferreira Gomes (2019), sendo a informação o conhecimento em estado de compartilhamento. Dessa maneira, ao realizar uma leitura promissora, o sujeito pode articular elementos necessários para o alcance da consciência de seus deveres, para que lutem em busca de que sejam assegurados os seus direitos e, ainda, sigam rumo à conquista de novos.

Em relação a esses aspectos, Lidia Eugenia Cavalcante (2020), para além de acreditar na educação e na leitura como promotoras das mudanças da realidade, também destaca ser fundamental que exista um processo de mediação da leitura, que de acordo com o pensamento da autora vem a ser

[...] uma trilha de experiências que aproxima os sujeitos. Ser do mundo e estar no mundo faz com que as diferentes formas de ver o mundo se encontrem nas narrativas de cada um, com diálogo e respeito para construção interativa das trocas de saberes, onde todas as intervenções são importantes, desde de que se pautem na ética. (CAVALCANTE, 2020, p. 7- 8).

Com base no pensamento da autora, a mediação da leitura deve ser pautada em uma relação ética, com o intuito de promover o compartilhamento dos entendimentos, das experiências, das memórias e das vivências dos sujeitos envolvidos, considerando as suas particularidades e saberes. Dessa maneira, compreende-se que a mediação da leitura deve ser realizada considerando essas diferenças, favorecendo a criação do diálogo respeitoso, de modo que os sujeitos possam apresentar tais perspectivas e, ao passo em que o mediador faz a escolha do texto de forma consciente, seleciona o conteúdo e o dispositivo a ser utilizado, o mesmo deverá compreender que todo o processo deve ser relacionado com o contexto histórico e também de uma constituição memorialística dos demais sujeitos envolvidos no processo de mediação.

Portanto, os diversos dispositivos informacionais podem proporcionar uma aproximação com os sujeitos, de modo que sua história de vida, a forma de se expressar e se relacionar com o mundo sejam contemplados, ou seja, pode ocorrer uma ruptura na aproximação entre um leitor que não domina a linguagem escrita se o mediador utilizar apenas essa expressão para se comunicar e realizar as atividades mediadoras. Dessa maneira, o repertório informacional que sustenta as atividades mediadoras deve ser diverso e contemplar os advindos das artes.

Diante disso, vale destacar o breve histórico trazido por Lúcia Santaella (2008) em relação às artes visuais ou belas artes. Segundo a autora, no mundo antigo e na Idade Média o que se conhece hoje como artes visuais era considerado artesanato utilitário, assim como fabricação de móveis e sapatos, entre outros, e só a partir do Renascimento os artistas conseguiram levantar o *status* da arte ao destacar o seu caráter intelectual e teórico. Ainda de acordo com a autora, por volta do Século XVIII, as belas artes foram classificadas em pintura, escultura, arquitetura, poesia e música. Em virtude do apoio recebido dos mais ricos e poderosos, a arquitetura, a pintura e a escultura foram consideradas as

principais artes visuais da Europa até meados do Século XIX. Lucia Santaella (2008) conclui esse recorte histórico apontando que

[...] As mudanças trazidas pela Revolução Industrial, pelo desenvolvimento do sistema econômico capitalista e pela emergência de uma cultura urbana e de uma sociedade de consumo alteraram irremediavelmente o contexto social no qual as belas artes operavam. Desde então e cada vez mais, nossa cultura foi perdendo a proeminência das 'belas letras' e 'belas artes' para ser dominada pelos meios de comunicação. (SANTAELLA, 2008, p. 5-6).

Portanto, de acordo com as informações trazidas pela autora, é possível compreender que em diferentes períodos históricos ocorreram mudanças no conceito e na classificação das artes visuais e que a Revolução Industrial, decorrente do desenvolvimento do sistema econômico capitalista e da sociedade de consumo, desencadeou uma profunda transformação na percepção social do fazer artístico. Sabe-se que as discussões em torno do conceito e da classificação das artes há séculos são tratadas por grandes pensadores, a exemplo de Platão, Hegel, Schopenhauer, Adorno, entre outros.

Considerando um período recente, ressalta-se o entendimento de Lúcia Santaella (2017) de que,

[...] o campo da arte está muito longe de ser o que costumávamos pensar que fosse. Depois do desfile de ismos da arte moderna, interrompido pela disrupção provocada pela arte pop, esta seguida pela avalanche dos estilos pós-modernos que impregnaram todas as artes – arquitetura, artes visuais, cinema, dança, performance, design – a partir dos anos 1980, os caminhos da produção e criação artísticas foram se tornando cada vez mais múltiplos, diversificados e heterogêneos.

Diante de todas as transformações e influências sofridas pelo campo da arte, a autora reafirma a multiplicidade de possibilidades de uma produção artística, destacando que não existem limites, nem concepções preestabelecidas que possam limitar os artistas em relação a suas escolhas em termos dos materiais, dos meios, suportes, das técnicas, das tecnologias etc.

As artes plásticas compreendem toda expressão artística produzida a partir dos mais variados materiais – argila, ferro, madeira etc. - e podem fomentar o despertar de sentimentos, interpretações e ideias, sendo expressa, dentre outras formas, através da escultura, pintura, gravura, desenho, fotografia, cerâmica e arquitetura.

Fazendo um recorte especificamente com relação à pintura, expressão artística objeto de destaque na presente pesquisa, observa-se no texto produzido por Jacques Taminiaux (1991) intitulado *Le penseur et le peintre: sur Merleau-Ponty (O pensador e o pintor: sobre Merleau-Ponty)* - traduzido por Tiago Nunes Soares (2023) - conduz reflexão, de que

[...] pintar é ir além do que se pinta. Desde que existe, a pintura excede a si mesma. Ao mesmo tempo que ela se oferece aos olhares, ela abre um campo de visibilidade que a transborda, seu poder perceptivo é acoplado a um poder prospectivo. (TAMINIAUX, 1991, traduzido por SOARES, 2023, p. 283).

O pensamento do autor ratifica o entendimento de que a pintura é mais do que se pinta, assim favorece ao sujeito leitor a possibilidade de ampliar a compreensão em relação aquilo que foi representado através da pintura, podendo enxergar muito além do que se vê, o que o autor descreve como sendo o transbordar da visão. E esse transbordar promove conexões com as experiências e vivências, ou seja, com o repertório informacional trazido por cada sujeito leitor.

Portanto, pode-se considerar a arte como é um dispositivo informacional, visto que, além do que já foi exposto anteriormente, Ana Claudia Inacio da Silva Pirolo (2011, p. 7) também defende

A arte como uma representação simbólica de um momento, de uma referência, de um contexto, procura transparecer um ideal, uma idéia, um conteúdo, uma informação, para quem a observa. Uma obra de arte pode ser apreciada e compreendida, ser considerada um instrumento para desencadear uma possível informação em um observador.

A autora reforça o entendimento de que a obra de arte quando compreendida pelo sujeito leitor pode ser um dispositivo informacional.

Portanto, seguindo os entendimentos aqui apresentados, compreende-se que o ato de ler envolvendo a pintura se dá a partir do repertório que o sujeito leitor adquiriu em suas vivências, subsidiando a interpretação dos elementos utilizados pelo artista plástico na construção da obra ali representada. Desse modo, a mediação da leitura por meio da pintura deve ser pautada no favorecimento, cada vez mais consciente, em tornar o sujeito leitor íntimo das variadas manifestações artísticas.

Desse modo, entende-se que a partir da pintura os sujeitos podem realizar leituras diversas, compreendendo elementos de um tempo histórico distinto do seu, o modo com que o produtor percebe e se relaciona com o mundo, como também aspectos que envolvem a própria produção da arte, a exemplo, do tipo de material utilizado para a pintura. Cada um desses elementos são informações que podem ser acionadas/lidas pelo sujeito em contato com a obra. Entretanto, esse processo de realizar uma leitura mais ampla só será possível por meio da interferência do agente mediador da leitura, que poderá evidenciar a multiplicidade de informações registradas no documento artístico.

Nesse sentido, destaca-se a possibilidade de a pintura refletir traços da literatura, ou seja, do artista revelar, em suas produções, leituras que ele realizou de dada obra, tomando-a como base para refletir sobre temas de interesse. Assim, o artista pode desenvolver um processo de mediação da leitura, quando por meio de sua obra interfere no processo de aproximação do sujeito com outras expressões, como a literatura.

Seguindo na perspectiva da mediação da leitura, é importante destacar a concepção inerente à leitura literária, para tanto, evidencia-se a consideração feita por Sueli Bortolin (2010), ao tratar da mediação oral da literatura como sendo uma ação, planejada ou espontânea, promovida pelo mediador da leitura, com o intuito de aproximar o “leitor-ouvinte” dos textos literários. Embora a autora apresente duas classificações, a mediação da leitura planejada ou espontânea, entende-se que a mediação espontânea ocorre no contexto familiar, na atuação de professores e outros sujeitos que entre as suas intencionalidades desenvolvem a mediação da leitura. Entretanto, nesse contexto da pesquisa, compreende-se a necessidade de uma mediação planejada, portanto, consciente do objetivo que se pretende alcançar, que envolva a prática, mas também um arcabouço teórico, que fundamente a mediação da leitura, favorecendo que o agente mediador, junto aos leitores, alcance novas percepções, ampliem seus repertórios e estejam atentos às possibilidades decorrentes do ato de ler.

Nesse sentido, Sueli Bortolin (2010) apresenta o que considera mediação oral da literatura, no contexto das atividades de narração literárias como sendo

[...] narrativas orais de textos diversificados, colagens poéticas, rodas de leitura, clubes de leitura, montagens de jograis, leituras públicas de textos (em hospitais, praças, ônibus, restaurantes, rádio e televisão),

saraus literários, bate papo com escritores, oficinas de produção e leitura de textos, festivais de filmes, entrevistas com pioneiros, realização de encontros com repentistas e cordelistas, cantorias, sessões de piadas, causos, adivinhações, parlendas, trava-línguas etc. (BORTOLIN, 2010, p. 137-138).

Diante da exposição feita pela autora, das mais variadas possibilidades de se efetuar a mediação oral da literatura, compreende-se que a ação mediadora pode ser realizada com base nas narrativas orais e visuais advindas das percepções imagéticas que se dão a partir do acesso aos mais diversos dispositivos, tomando como exemplo as obras de arte, que podem estar em museus e galerias de arte, como também nos lugares populares. Desse modo, o agente mediador deve estar atento para possibilitar que haja uma ruptura para o lugar da informalidade, apoiando que a leitura literária chegue onde os mais diversos leitores se encontram, a exemplo de shoppings, escolas ou mesmo nas mídias sociais, como também em equipamentos culturais que estejam localizados nas periferias e nos centros das cidades, próximos ao grande público, ou seja, com fácil acesso, possibilitando que as pessoas mais desfavorecidas econômica e socialmente tenham o acesso viabilizado.

O que não quer dizer que inexista cultura ou literatura própria desse lugar, mas é interessante que esse encontro entre a diversidade cultural e literária ocorra para que os referidos sujeitos possam ter uma percepção mais ampliada sobre o seu lugar que não é apenas o lugar da periferia. Desse modo, a base literária se associa às outras expressões, se apresentam em diversos dispositivos, podendo tratar de aspectos da literatura, como também se associar aos aspectos culturais de um dado contexto social e favorecer que as narrativas sejam desenvolvidas no processo de mediação da leitura.

Destaca-se também o entendimento de Antonio Candido (2011), quando defende que toda obra literária é um objeto construído e que, enquanto construção, possui grande poder humanizador e favorece a formação de indivíduos mais compreensivos. O autor também apresenta a literatura como sendo uma necessidade universal para que o indivíduo possa preservar a sua personalidade, aprimorar os seus sentimentos e a sua forma de ver o mundo, por meio dela ser capaz de “embarcar em viagens” pelos mais diversos universos, independente que seja por intermédio de poemas, dramas, lendas, anedotas, modas de viola, ele ainda enfatiza:

Portanto, a luta pelos direitos humanos abrange a luta por um estado de coisas em que todos possam ter acesso aos diferentes níveis da cultura. A distinção entre cultura popular e cultura erudita não deve servir para justificar e manter uma separação iníqua, como se do ponto de vista cultural a sociedade fosse dividida em esferas incomunicáveis, dando lugar a dois tipos incomunicáveis de fruidores. Uma sociedade justa pressupõe o respeito dos direitos humanos, e a fruição da arte e da literatura em todas as modalidades e em todos os níveis é um direito inalienável. (CANDIDO, 2011, p. 193).

Partindo do entendimento de que as classes dominantes possuem acesso irrestrito aos mais variados níveis de cultura e de instrução, podem, muitas das vezes, manifestar interesse por determinadas “obras” pautadas apenas no ‘modismo’ e no fato de “obter prestígio” por possuir ou admirar determinada arte, sendo que muitas vezes são privados da percepção e do reconhecimento do verdadeiro interesse pela tal obra. Desse modo, compreende-se que a garantia do acesso às variadas expressões artísticas ao grande público, incluindo os seus diferentes níveis de erudição, possibilitaria a interação entre as diferentes “camadas” da sociedade, favorecendo um ‘enriquecimento’ da cultura de um modo geral. Assim como acontece, por exemplo, com as pessoas do “asfalto” que resolvem conhecer as comunidades e se inteirar da cultura que se consome naquele lugar, podendo vivenciar o processo humanizador apresentado pelo autor.

Com base na reflexão apresentada por Antonio Candido (2011), a leitura literária pode ser compreendida desde a leitura realizada por meio de uma moda de viola, poemas, dramas, lendas, anedotas, como também de uma conversa vivenciada em um transporte público, visto que em cada um desses elementos possuem informações sobre as práticas culturais que regem e expressam a existência dos sujeitos. Para o autor, a literatura se articula à cultura, portanto, a leitura desses elementos é fundamental para a atribuição de sentido da vida dos sujeitos.

Destaca-se ainda que, como afirma Antonio Candido (2011), para alcançar uma sociedade mais justa deve-se favorecer o acesso à fruição da arte e da literatura, em diferentes formas. Ratifica-se o papel social dos mediadores da leitura ao assumirem o compromisso com essa sociedade mais justa, ao potencializar que os diferentes dispositivos possam ser acessados, interpretados

em seu contexto histórico, cultural e político, e que as informações materializadas em tais dispositivos possam ser apropriadas.

Diante do exposto, justifica-se estudos como este que se debruçam sobre a mediação cultural e mediação da leitura que tem como objeto as obras de arte, como dispositivos de leitura e de resignificação das práticas sociais e culturais dos diferentes grupos formadores da sociedade.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para alcançar os objetivos propostos neste trabalho, fez-se necessária a adoção de um caminho metodológico que consiste em “[...] estudar e avaliar os vários métodos disponíveis, identificando suas limitações ou não em nível das implicações de suas utilizações.” (BARROS; LEHFELD, 2000, p. 1). É através da adoção de métodos que se garante a realização da pesquisa.

O desenvolvimento da pesquisa requer a escolha de um caminho metodológico que dê sustentação e validade científica para os resultados alcançados. Nessa conjuntura, para realização da pesquisa em tela, buscou-se adotar métodos e técnicas que irão viabilizar o alcance dos objetivos propostos.

4.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA

Este estudo versa sobre o entrelaçamento da literatura com as artes plásticas como práticas de mediação da leitura. Para tanto, o **problema** estudado nesta pesquisa foi o de investigar: como a literatura influencia nas artes plásticas de Flávio Tavares e em suas práticas de mediação da leitura, de modo a fortalecer os vestígios identitários dos leitores?

Com o intuito de responder esta questão, a pesquisa teve como **objetivo geral** evidenciar as influências das narrativas literárias paraibanas nas artes plásticas de Flávio Tavares e como tais influências refletem na interação e reconhecimento cultural dos leitores de suas obras.

Para alcançar esse objetivo, foram traçados os seguintes **objetivos específicos**:

- a) identificar em que medida as obras de Flávio Tavares, influenciadas pelas narrativas literárias, transparecem a sua constituição identitária e memorialística e demonstram a sua atuação protagonista;
- b) mapear as narrativas literárias e os traços socioculturais que influenciam a obra de Flávio Tavares;
- c) verificar se as atividades de mediação da leitura e mediação cultural realizadas por Flávio Tavares, por meio de suas obras, influenciam seus leitores, possibilitando o reconhecimento de seus traços culturais.

Diante do exposto, esta pesquisa se configura como descritiva, pois busca descrever as características de determinada população. (GIL, 2010). Dessa maneira, este estudo retrata características das produções artísticas de Flávio Tavares que são relacionadas às narrativas literárias.

No que diz respeito ao método, é adotado o estudo de caso que, de acordo com Antonio Carlos Gil (2010), consiste no aprofundamento exaustivo dos objetos e permite seu amplo e detalhado conhecimento.

Também foi utilizado o método documental, uma vez que se propôs a mapear narrativas literárias presentes nas pinturas e desenhos de Flávio Tavares, ou seja, na pesquisa fez uso de fontes informacionais que não receberam tratamento analítico, pois como julga Antonio Carlos Gil (2010, p. 66)

[...] a pesquisa documental assemelha-se muito à pesquisa bibliográfica. A única diferença entre ambas está na natureza das fontes. Enquanto a pesquisa bibliográfica se utiliza fundamentalmente das contribuições dos diversos autores sobre determinado assunto, a pesquisa documental vale-se de materiais que não receberam ainda o tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetivos da pesquisa.

Para análise documental adotou-se método indiciário, que possibilita evidenciar aspectos informacionais que contribuem para esclarecer a realidade. Nas artes, dentre elas, as plásticas, o artista expressa sua visão de mundo, seu contexto social, seus anseios. Portanto, o método indiciário viabiliza a análise que vai para além do traço estilístico do artista, quando evidencia traços peculiares dos produtores, pois como cita Carlo Ginzburg (1986, p. 177), o método indiciário é investigativo e apresenta como um dos exemplos o trabalho de Sherlock Holmes (1859-1930) que destacava: “O conhecedor de arte é comparável ao detetive que descobre o autor do crime baseado em indícios imperceptíveis para a maioria.” Assim, fez-se necessário examinar os traços informacionais presentes nas artes plásticas de Flávio Tavares.

Para alcançar os objetivos citados, delineou-se ainda a definição do universo e os critérios de seleção da amostra, como também os instrumentos, os procedimentos de coleta dos dados e o tratamento das informações obtidas para o desenvolvimento do estudo.

4.2 CORPUS DA PESQUISA: O QUADRO DA VIDA DE FLÁVIO TAVARES

O universo desta pesquisa foi a produção artística de Flávio Tavares. Entretanto, para alcançar os objetivos traçados foi necessário estabelecer critérios de seleção para a definição da amostra. Nesse sentido, o primeiro critério, com base na intencionalidade, foi a seleção das obras de Flávio Tavares que possuem relação com autores paraibanos, que expressam elementos identitários de seu povo e lugar de pertencimento, sendo selecionados os seguintes autores que embasaram as obras do Artista: *Ariano Suassuna*; *Augusto dos Anjos*; *José Lins do Rego* e *José Américo de Almeida*. Por meio desse critério, buscou-se subsidiar o alcance do objetivo de mapear as narrativas literárias e os traços socioculturais que influenciam a obra de Flávio Tavares.

Além desse primeiro critério, também foi estabelecido um segundo critério, por acessibilidade, sendo selecionadas obras publicadas nas redes sociais digitais e no *site* do Artista, no período de 5 anos, entre os anos de 2017 e 2021. Dessa maneira, a amostra foi composta por 8 pinturas, a saber: *O Espírito criador do povo nordestino*, 2010; *Ariano Suassuna e seu pai*, 2000; *O trono alumioso da musa incandescente*, 2020; *Embaixo do Tamarindo*, 1995; *Augusto dos Anjos*, 1985; *Menino de Engenho*, 2020; *Fogo Morto*, 2020 e *A Bagaceira*, 2012.

Vale destacar que, a partir da seleção da amostra, identificou-se que entre as obras de Flávio Tavares que se encaixavam nos critérios descritos anteriormente, havia algumas obras que se configuravam como estudos de desenhos feitos pelo Artista na busca por compor as telas que pretendia pintar. Entre as obras que seguem os mesmos critérios indicados, também foram identificadas telas cuja figura ou cenário eram “fragmentos” de painéis que traziam outros elementos, ou seja, algumas telas eram compostas por um mesmo cenário sendo apresentado por perspectivas diferentes, como se fosse observado a partir de outros ângulos, além de telas que davam destaque a um elemento específico que já havia sido contemplado em outra tela já selecionada, justificando a eliminação de tais obras por outras que melhor representassem e alcançassem os critérios de seleção da amostra.

Para tanto, com o intuito de assegurar o alcance dos objetivos dentro do tempo previsto para a realização da pesquisa e o cumprimento dos critérios de

intencionalidade já estabelecidos, fez-se a seleção das obras que compõem a amostra e serão apresentadas na próxima seção.

Quanto ao cumprimento do objetivo que se refere à identificação das práticas de mediação da leitura literária realizadas por Flávio Tavares e das ações que refletem a interação e o reconhecimento cultural dos seus leitores, foi preciso selecionar uma amostra do universo de sujeitos que são conhecedores de sua obra. Para tanto, a amostra foi composta por um quantitativo de sete (7) pessoas que foram selecionadas pelos critérios:

- a) profissionais que são conhecedores da obra de Flávio Tavares e que foram indicados por ele: dois curadores, um crítico de arte, um jornalista, uma escritora, um fotojornalista e uma professora;
- b) sujeitos que aceitaram participar da pesquisa.

Vale destacar que o endereço eletrônico do questionário foi disponibilizado ao grupo acima mencionado através de *e-mail* e mensagem por aplicativo de conversas, iniciando-se o primeiro contato em 16 de dezembro de 2022, obtendo resposta imediata apenas de um dos participantes, sendo necessária mais tentativas de contato com os demais, o que se pode explicar em virtude da proximidade do período de final do ano, como foi posto por alguns deles.

Para alcance desse objetivo, também foi acrescentado a essa amostra um grupo de participantes dos perfis no *facebook* e no *instagram* de Flávio Tavares que desejassem responder ao questionário. Essa ampliação da amostra ocorreu por entender que, além dos sujeitos indicados pelo Artista, que se configuram como leitores especializados de sua obra, também era necessário conhecer a percepção daqueles que de algum modo sentiram motivação para buscar informações sobre esse Artista nas redes sociais, como também ter o encontro com as obras de Flávio Tavares, representando a possibilidade de múltiplas leituras.

Para tanto, solicitou-se a Flávio Tavares que disponibilizasse em seus perfis do *facebook* e *instagram* o endereço eletrônico que remetia ao questionário, para que os interessados pudessem participar da pesquisa. Na ocasião, contou-se com a valorosa contribuição de sua esposa Alba Tavares para fazer a postagem no perfil do Artista. Também foi disponibilizado o endereço eletrônico

do questionário no *instagram* pessoal da pesquisadora, remetendo-o, com o consentimento de Flávio Tavares, ao perfil do Artista, de modo que as pessoas que o acompanham em seu perfil pudessem ter acesso. Dessa maneira, a amostra teve como critério a acessibilidade, sendo composta por sujeitos que se disponibilizaram a participar voluntariamente da pesquisa. Como apontado anteriormente, em virtude do período de final ano, só foi possível disponibilizar o endereço eletrônico do questionário no dia 16 de janeiro de 2023, ficando acessível por um período de 15 dias, encerrando o tempo de resposta em 30 de janeiro de 2023. Vale ressaltar que uma respondente indicada por Flávio Tavares manifestou interesse em responder ao questionário fora do prazo estabelecido, tendo respondido no mês de fevereiro de 2023. No geral foram obtidas 20 respostas, sendo 07 respostas dos participantes indicados pelo Artista e 13 respostas do seu público nas redes sociais.

A partir da formação das amostras, que corresponde às etapas da pesquisa, foi necessário apresentar o artista plástico Flávio Tavares, cuja obra foi objeto de análise desta pesquisa.

Além da pintura, Flávio Tavares produz charge, escultura em madeira e em pedra, litogravura, xilogravura, desenho, gravura em metal e aquarela. Com pouco mais de 20 anos, já havia feito exposições em Recife, Rio de Janeiro e São Paulo. Em 1974, Flávio Tavares foi premiado no Salão de Arte Global e no ano de 1976 ele lança, em São Paulo, o álbum de desenhos intitulado *O Pavão sem Mistério* (Anexo C), que retrata, de maneira muito crítica, situações vivenciadas pelo povo que se encontra subjugado a um regime ditatorial como o vivido no Brasil à época. O álbum contou com o texto de apresentação do renomado cartunista *Ziraldo*. Nesse mesmo período foi estudar pintura nos Estados Unidos, tendo frequentado a *Universidade de Yale*, a *Universidade de Connecticut* e o *Simon Rock College*. Também teve a oportunidade de estudar em Caiena, na Guiana Francesa. Além de aprofundar seus conhecimentos relacionados às artes, Flávio Tavares também aproveitou para realizar exposições de seus trabalhos (GOMES, 2015).

Com 60 anos de carreira, o artista já participou de muitas outras exposições por todo o Brasil e também por vários países, a exemplo de Israel, Alemanha, Estados Unidos, França, Equador, Índia, Argentina e Portugal. No Brasil, o Artista expôs em João Pessoa, Salvador, Olinda, Recife, Rio de Janeiro, Brasília, São Paulo e Porto Alegre. Desde cedo se dedicando ao desenho e à pintura, Flávio

Tavares, que fora criado em uma família que ‘respirava arte’, recebendo influência do seu pai, do seu avô e de sua mãe, Otaviana Araújo de Melo - uma mulher forte, devota da Nossa Senhora e que atuava integralmente na condução dos filhos e administração do lar. Possivelmente Flávio Tavares absorveu de D. Otaviana a religiosidade, visto que o Artista aborda o tema em alguns de seus trabalhos, como também a inspiração para representar, de maneira recorrente, a presença feminina em contexto de protagonismo.

Outra característica presente nas obras de Flávio Tavares é o viés sociopolítico, sendo comum observar em suas obras detalhes que convidam à reflexão sobre as relações humanas em toda a sua completude: relações de poder, exploração da vida e dos recursos existentes no mundo, racismo, sexismo, perpetuação do distanciamento das classes sociais, entre outros temas socioculturais. A título de exemplo, pode-se citar o painel em óleo sobre tela feito em 2018, em que o artista retrata a situação política do país naquele ano. A obra intitulada *Brasil, O Golpe: A Ópera do fim do mundo* (Anexo A), foi exposta no Encontro Nacional de Artes Visuais no SESC de João Pessoa/Paraíba, oportunidade na qual o Artista foi homenageado e expôs outras obras suas, além do lançamento do livro intitulado *A Linha do Sonho*, que traz a compilação de diversas obras suas.

Tais características aqui citadas - tanto da formação familiar, identitária e sociocultural quanto o posicionamento sociopolítico que demonstra seu protagonismo social - são evidenciadas nas obras de Flávio Tavares, com alusão à narrativa literária e justificam a adoção de tais obras deste reconhecido Artista como objeto de investigação.

Para o desenvolvimento desta pesquisa e alcance dos objetivos propostos foram adotadas técnicas e instrumentos para realização de coleta de dados que serão apresentados na próxima subseção.

4.3 TÉCNICAS E INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS

Para atingir o primeiro objetivo, que se refere a identificar em que medida as obras de Flávio Tavares, influenciadas pelas narrativas literárias, transparecem a sua constituição identitária e memorialística e demonstram a sua atuação protagonista, foi realizada uma entrevista com o artista plástico Flávio Tavares

visando conhecer sua história, as influências sofridas, suas práticas como leitor e artista plástico. Conforme se pode observar no Quadro 1, para atingir o primeiro objetivo, o instrumento de coleta de dados utilizado foi o roteiro de entrevista semiestruturado (Apêndice A). A entrevista foi realizada no dia 9 de março de 2021, através do aplicativo *Google Meet*.

Nessa mesma etapa, foram identificados nomes de conhecedores das artes plásticas, especificamente, das produções de Flávio Tavares, tais como dois curadores, um crítico de arte, um jornalista, uma escritora, um fotojornalista e uma professora que serão convidados a responder o questionário (Apêndice B) cujo tema é a produção artística de Flávio Tavares.

Na etapa seguinte da pesquisa, para o cumprimento do segundo objetivo, de mapeamento das narrativas literárias e dos traços socioculturais que influenciam a obra de Flávio Tavares, considerando o cotidiano do seu lugar de pertencimento, as temáticas de interesse coletivo e a mediação da leitura literária, foi adotada a técnica de análise documental das obras que correspondem a amostra supracitada, técnica associada ao método indiciário. Para isso, foi utilizado como instrumento um diário de bordo para registro das percepções obtidas a partir dos aspectos presentes nas obras analisadas.

Para melhor visualizar as técnicas e os instrumentos citados, elaborou-se o Quadro a seguir.

Quadro 1 – Técnicas, instrumentos e amostra da pesquisa

Objetivo	Técnica	Instrumento	Amostra
Identificar em que medida as obras de Flávio Tavares, influenciadas pelas narrativas literárias, transparecem a sua constituição identitária e memorialística e demonstram a sua atuação protagonista.	Entrevista	Roteiro de entrevista semiestruturado	Flávio Tavares
Mapear as narrativas literárias e os traços socioculturais que influenciam a obra de Flávio Tavares	Análise documental	Diário de bordo - cotidiano do seu lugar de pertencimento; - temáticas de interesse coletivo; - Mediação da leitura literária.	Foi composta pelas obras que têm relação com escritores paraibanos; Obras que estão indicadas nas redes sociais e demais ambientes virtuais de Flávio Tavares nos últimos 5 anos. Dessa maneira, a amostra foi composta por 8 obras, a saber: O Espírito criador do povo nordestino, 2010; Ariano Suassuna e seu pai, 2000; O trono alumioso da musa incandescente, 2020; Embaixo do Tamarindo, 1995; Augusto dos Anjos, 1985; Menino de Engenho, 2020; Fogo Morto, 2020 e A Bagaceira, 2012.
Verificar se as atividades de mediação da leitura e mediação cultural realizadas por Flávio Tavares, por meio de suas obras, influenciam seus leitores, possibilitando o reconhecimento de seus traços culturais	Aplicação de questionário	Questionário	Pessoas que Flávio Tavares indica como conhecedoras de suas artes. Sendo elas: dois curadores, um crítico de arte, um jornalista, uma escritora, um fotojornalista e uma professora; além de voluntários, em geral, leitores de suas obras que acompanham suas redes sociais.

Fonte: Elaborado pela autora (2022)

Para alcançar o terceiro objetivo, que foi verificar se as atividades de mediação da leitura e mediação cultural realizadas por Flávio Tavares, por meio de suas obras, influenciam seus leitores, possibilitando o reconhecimento de seus traços culturais, foi aplicado o questionário (Apêndice B). Por fim, nessa terceira etapa, foi realizada a aplicação do questionário, via *e-mail/link*, com os profissionais indicados por Flávio Tavares durante a entrevista, como também com o público leitor da obra do Artista que o acompanha em suas redes sociais, *facebook* e *instagram*.

Segundo Marina de Andrade Marconi e Eva Maria Lakatos (2003, p. 201), “Questionário é um instrumento de coleta de dados, constituído por uma série ordenada de perguntas, que devem ser respondidas por escrito e sem a presença do entrevistador.” Assim, esse instrumento foi composto por 16 questões divididas em 03 categorias, a saber: A – Caracterização das/os leitoras/es respondentes; B – A influência de Flávio Tavares no ato de leitura dos sujeitos; e C – Mediação cultural.

Após apresentar as técnicas e os instrumentos que são adotados nesta pesquisa, descreve-se na próxima subseção como foi realizada a coleta de dados.

4.4 PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS

Para o cumprimento do primeiro objetivo específico, que corresponde a busca por identificar em que medida as obras de Flávio Tavares, influenciadas pelas narrativas literárias, transparecem a sua constituição identitária e memorialística e demonstram a sua atuação protagonista, foi realizada uma entrevista com Flávio Tavares, a partir da adoção do roteiro de entrevista semiestruturado (Apêndice A). Tal prática foi antecedida por uma apresentação da pesquisa, conforme relatado anteriormente, de modo a convidar o Artista e esclarecer sobre a entrevista, que foi agendada e realizada por meio de uma plataforma virtual, por motivo de cumprimento das orientações da Organização Mundial de Saúde, cuja diretriz era manter um distanciamento social para a não propagação da Covid-19, que no Brasil se proliferou a partir do ano de 2020.

No dia 9 de março de 2021, às 15h30min, com utilização da plataforma do *Google Meet*, a pesquisadora se apresentou ao entrevistado Flávio Tavares, expondo as questões do roteiro de entrevista, com a posterior resposta do sujeito

entrevistado. Essa dinâmica foi registrada através da gravação da reunião. Vale ressaltar, que esse procedimento foi um dos primeiros a serem cumpridos devido à necessidade de entendimento das práticas e do acesso às reflexões de Flávio Tavares sobre sua constituição identitária, além de levantar nomes de pessoas conhecedoras de suas artes plásticas.

Na etapa seguinte da pesquisa, para o cumprimento do segundo objetivo, que corresponde a mapear as narrativas literárias e os traços socioculturais que influenciam a obra de Flávio Tavares, foi necessário o acesso às obras de Flávio Tavares, entretanto, em virtude do momento pandêmico, tais obras foram acessadas por meio digital. Para tanto, buscou-se o contato com o Artista, sendo apresentada esta pesquisa e solicitada autorização para acesso às obras.

Nessa etapa da pesquisa, foi adotada a técnica de análise documental das pinturas que têm relação com escritores paraibanos. As percepções obtidas a partir dos aspectos presentes nas obras foram registradas no diário de bordo, para serem apresentadas e discutidas à luz da literatura. Tais aspectos permearam a identificação e análise das pinturas selecionadas, considerando a apresentação das características técnicas da obra, as peculiaridades que remetem às obras literárias e os traços do cotidiano do seu lugar de pertencimento e de si mesmo (do Artista).

Na última etapa da pesquisa, no intuito de alcançar o terceiro objetivo, que foi verificar se as atividades de mediação cultural realizadas por Flávio Tavares, por meio de suas obras, influenciam seus leitores, possibilitando o reconhecimento de seus traços culturais, foi realizada a aplicação do questionário, junto às pessoas indicadas pelo próprio Artista como conhecedoras de suas artes, sendo elas: dois curadores, um crítico de arte, um jornalista, uma escritora, um fotojornalista e uma professora, como também de voluntários que se caracterizam como leitores que acompanham as redes sociais de Flávio Tavares e sentem alguma identificação com suas obras.

Em um primeiro momento, a pesquisadora buscou contato com os participantes da pesquisa, indicados pelo Artista, a fim de apresentar o estudo e agendar o envio do instrumento, que foi disponibilizado por *e-mail* ou por meio de aplicativo de mensagem. Dando prosseguimento a esta etapa da pesquisa, o grupo de leitores voluntários, teve acesso ao questionário por meio do perfil do

Artista nas redes sociais, *facebook* e *instagram*, tendo o tempo de resposta equivalente a quinze dias, conforme indicado anteriormente.

Após o processo de coleta de dados, as respostas obtidas por meio da entrevista e do questionário, como também as informações sobre as obras de arte, foram tratadas e analisadas, cujos procedimentos serão apresentados na seção a seguir.

4.5 PROCEDIMENTOS PARA A ANÁLISE DOS DADOS

Quanto aos procedimentos de análise dos dados coletados no questionário, na entrevista e nas obras de Flávio Tavares, foi adotada a abordagem qualitativa, que auxiliou na interpretação das respostas dissertativas dos participantes da pesquisa, tendo como técnica a análise de conteúdo. A abordagem qualitativa também subsidiou a análise documental, em que foram observados aspectos subjetivos presentes nas obras do Artista.

A respeito da abordagem qualitativa, Vanice dos Santos e Rosana Jardim Candeloro (2006, p. 71), compreendem que ela “[...] possibilita que o pesquisador recolha dados subjetivos, bem como outros níveis de consciência da população estudada, a partir de depoimentos dos entrevistados, ou seja, informações pertinentes ao universo a ser investigado.” Dessa maneira, a pesquisa buscou analisar aspectos subjetivos presentes nas falas dos participantes da pesquisa com o intuito de evidenciar dados que se referem aos valores simbólicos que permeiam a produção de Flávio Tavares.

Para Antonio Carlos Gil (2010, p. 175), “[...] não há fórmulas ou receitas predefinidas para orientar os pesquisadores [...]” na abordagem qualitativa, uma vez que, o pesquisador considera todos os aspectos que permeiam o fenômeno em análise. Neste ponto, é válido citar que a análise do fenômeno resultou do conhecimento e do procedimento da pesquisadora, que neste estudo foi adotada a técnica de análise de conteúdo, visando determinar categorias para a definição dos indicadores coletados através da técnica de aplicação de questionário. Esse instrumento foi composto por questões objetivas e discursivas, com o intuito de atingir os objetivos propostos, considerando que, segundo Laurence Bardin (2011), a análise do material coletado deve ter como base as seguintes etapas:

pré-análise; exploração do material; e tratamento dos resultados, inferência e interpretação.

A pré-análise referiu-se ao levantamento das obras segundo os critérios de delineamento da amostra, anteriormente indicados, como também a busca pela participação na pesquisa tanto de Flávio Tavares quanto dos demais respondentes do questionário. Na exploração do material, houve a primeira análise e a seleção dos dados coletados, que associada ao tratamento dos resultados, possibilitaram a inferência e interpretação dos dados à luz da literatura.

5 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Nesta seção, são apresentados os resultados da pesquisa e a discussão com base no arcabouço teórico e empírico. Para tanto, faz-se necessário destacar uma breve descrição da trajetória de vida de Flávio Tavares e da sua constituição como artista.

Em espaço virtual criado para tratar sobre Flávio Tavares e suas obras, na seção que trata de sua biografia, tem uma publicação desenvolvida por Eudes Rocha, no ano de 2005, que descreve um pouco da vida desse Artista. Com base nessa biografia, em seu *site* e em entrevistas aos jornais locais, pode-se dizer que Flávio Roberto Tavares de Melo nasceu em João Pessoa, no dia 15 de fevereiro de 1950, integrante de uma família religiosa e muito ligada às artes, herdando a sensibilidade artística do pai que, além de médico conceituado, era um homem das artes visuais e das letras. Flávio Tavares também teve influência de seu avô paterno, Pedro Damião Tavares de Melo, tido como um grande desenhista e renomado fotógrafo, reconhecido por seu perfeccionismo ao tratar das composições de luz e sombra.

Ainda na infância, Flávio Tavares já demonstrava interesse pelo desenho e pela pintura, a princípio tendo sido orientado pelo pai. Aos 11 anos, ingressou no Curso de pintura do Colégio Pio X; fez curso de arte livre na Universidade Federal da Paraíba (UFPB), quando teve aulas com *Raul Córdula Filho*, artista visual e crítico de arte. Flávio Tavares também teve aulas com o já reverenciado pintor, desenhista e gravador *Hermano José Guedes*.

Cada vez mais envolvido com o meio artístico, Flávio Tavares passou a viajar para Recife e a se relacionar com artistas pernambucanos, promovendo de forma espontânea um intercâmbio entre os praticantes das artes dos dois estados, fomentando o enriquecimento da sua visão enquanto artista. Flávio Tavares estudava Sociologia na UFPB e mesmo já tendo cursado o seu terceiro ano, resolveu dedicar-se inteiramente às artes, conforme apresenta *Dyógenes Chaves Gomes* (2015), no *Dicionário de Artes Visuais da Paraíba*. Desde então, o Artista tem desenvolvido uma produção efervescente que inclui diferentes dispositivos, tais como, desenhos, gravuras, pinturas, charges e esculturas, que tem, cada vez mais, alcançado o respeito pela crítica.

Durante sua carreira como artista plástico, Flávio Tavares lançou alguns livros que reúnem boa parte de suas obras, entre eles: *Flávio Tavares: Obras escolhidas* (2005), em comemoração aos seus 40 anos de efetiva produção artística, com tradução em inglês e espanhol, no qual são apresentados 295 obras produzidas nas mais variadas técnicas; *Flávio Tavares: Desenho e Pintura* (2006), uma homenagem aos 40 anos de produção artística que reúne 80 obras do referido artista; *Flávio Tavares: Desenho e Pintura* (2011), pode-se dizer que seja uma reedição da obra anterior, com o acréscimo de novas obras; *A Linha do Sonho* (2017), uma compilação de diversos desenhos feitos à caneta em papéis de variadas cores; além dos catálogos de cada exposição realizada ao longo de sua trajetória.

Flávio Tavares também ilustrou muitas capas e capítulos de livros, a exemplo de: *A quatro mãos* de Sérgio Castro Pinto (1996); *Janelas da Alma* de Lígia Cunha (1999); *Zoo imaginário* de Sérgio Castro Pinto (2006); *Canção do caos* de Ricardo Anísio (2008); *Cila* de Ronaldo Monte (2013); *De paisagens e de outras tardes* de Ana Adelaide Peixoto (2016); *Mar do olhar* de Juca Pontes (2017).

Em 6 de julho de 2013, aos 63 anos, Flávio Tavares passou a ocupar a cadeira de n.º 14 da Academia Paraibana de Letras, que pertencia ao poeta Ronaldo Cunha Lima. Flávio Tavares foi o primeiro artista plástico a ocupar uma cadeira na academia, reconhecimento que demonstra, mais uma vez, a importância desse Artista para a cultura brasileira, sendo, dessa forma, indissociável o reconhecimento do viés literário apresentado em sua obra.

Flávio Tavares é casado com a bióloga e mestre em genética Alba Maria Cavalcante Tavares de Melo, é pai de Marcelo, Marieta e Eduardo, avô de Gabriel, Lucas e Davi. Mora em João Pessoa – PB, seu ateliê é parte da sua residência, espaço no qual o Artista produz as suas obras, local em que ficam temporariamente expostas, uma verdadeira galeria de arte que agrega tanto as obras do próprio Artista, como também obras de artistas admirados pelo casal.

Esta autora, ao ser convidada por Flávio e Alba Tavares para visitar a casa deles, pôde vivenciar um momento magnífico de uma verdadeira aula de Arte, tanto na apresentação das suas obras, que naquele momento preenchiam os espaços da residência, e que eram comentadas pelo Artista com uma fascinante contextualização, pautada na riqueza de informações, como também nas demais

obras de artistas da predileção do casal. Também teve a oportunidade de vivenciar uma aula sobre aquarela, visto que Flávio Tavares teve a sensibilidade de identificar que a autora dava os seus primeiros passos no aprendizado da técnica, chegando a presenteá-la com a aquarela pintada naquele momento, alguns materiais para aquarela e valiosas dicas para a prática da técnica em questão. Desse modo, Flávio Tavares (re)construiu o sentido de leitura de artes plásticas desta Autora, contribuindo para a ampliação do conhecimento sobre a cultura, a pintura e a vida, como ser um mediador de maneira orgânica, independente do momento e lugar em que está.

Na próxima subseção são apresentadas as narrativas de Flávio Tavares a partir da entrevista realizada junto a esse Artista, que transparece a sua constituição identitária e memorialística e demonstra a sua atuação protagonista. A subseção seguinte trata do entrelaçamento das pinturas de Flávio Tavares com as obras literárias de escritores paraibanos. Por fim, são apresentadas falas de sujeitos que participaram de ações realizadas por Flávio Tavares e que demonstram as interferências desse Artista que possibilitaram o reconhecimento de seus traços culturais.

5.1 CONSTITUIÇÃO IDENTITÁRIA E MEMORIALÍSTICA DE FLÁVIO TAVARES: O DESCORTINAR DE UMA ATUAÇÃO PROTAGONISTA

Para identificar em que medida as obras de Flávio Tavares, influenciadas pelas narrativas literárias, transparecem a sua constituição identitária e memorialística e demonstram a sua atuação protagonista, foi realizada uma entrevista que aborda a relação existente entre sua obra e a literatura, em especial as obras de autores paraibanos.

Ao ser questionado sobre o que o motivou a produzir obras que remetem à literatura, Flávio Tavares relata que não foi uma motivação aleatória. Ele cita que essa motivação é proveniente da sua convivência familiar que era permeada de acesso e de produção de expressões artísticas, a exemplo do seu pai que era um “*excelente desenhista*”, além de seus irmãos, que dentre os seis, quatro desenhavam, e essas produções já apresentavam alinhamento com obras literárias, enfatizando que “*essa influência vem de casa*”.

Flávio Tavares ainda afirma que durante os três anos em que cursou Sociologia, em paralelo, continuou nutrindo o desejo pelas artes plásticas e pelo aprimoramento de suas habilidades que cada vez aflorava mais. Nesse período ele passou a conviver com pessoas ligadas à literatura, fato que o levou a fazer inúmeras ilustrações para os livros de poetas e escritores paraibanos. Para enfatizar o entrelaçamento de sua obra com a literatura, Flávio Tavares relatou:

Eu passei um tempo fazendo charges em jornal e convivia mais ainda com o pessoal de literatura, então eu perseguia a literatura e a literatura me perseguia dentro do campo natural e a imagem na literatura junto com a pintura. Eu sofri muita influência de alguns pintores que a narrativa era muita ligada à cultura literária do Nordeste [...] estas influências (Jorge Amado, Floriano Teixeira, Portinari - mesmo [este último] não sendo nordestino) me acompanharam como um ponto imagético de inspiração também, porque ninguém se faz só [...] Bem, é mais ou menos isso, vamos dizer assim, o começo da história veio por aí, num sabe? Desse convívio em colégio, familiar e faculdade. Sem dúvida alguma, a importância da leitura era uma coisa fundamental, como a presença também do cinema e outras artes como o teatro. Eu fui cenógrafo também, illustrei Ariano Suassuna, Molière, essa coisa toda que está interligada indiscutivelmente ao campo literário.

Conforme reflete Paulo Freire (1989), a leitura de mundo precede a leitura da palavra, dessa maneira, o *mundo* no qual Flávio Tavares foi formado o auxiliou a ser o artista e o mediador que ele é. Pode-se afirmar que ele medeia o mundo a que ele pertence, para o contexto sociocultural que ele está inserido. A partir dessa narrativa de Flávio Tavares, pode-se evidenciar que seu agir como mediador da leitura literária está fundamentado em sua experiência existencial, em seu agir no mundo. Assim, pode-se afirmar que o mediador da leitura, quando age vinculado ao seu repertório de saber, articulado ao contexto que integra e busca uma relação com o lugar de pertencimento do outro, alcança uma atribuição de sentido em seu agir, tendo uma significação para si e para o outro.

As referências como familiares, amigos, escritores dentre outros sujeitos e dispositivos, tornam-se essenciais na formação de um mediador. Dessa maneira, a referência também pode nortear e fundamentar a prática do sujeito. Independente se é mediador de artes plásticas, de música, de um livro, um contador de história, entre outros, esse agente vai buscar uma referência. Dessa maneira, o leitor poderá identificar na obra ou ações de um mediador, as suas referências, que incluem desde os integrantes do seio familiar até das outras instituições com as quais ele pôde viver. Esse processo referencial também pode

conduzir o outro a um reconhecimento, estimulando e fortalecendo os vínculos de afinidade, que apoia a ação mediadora.

Flávio Tavares foi mediado e ao passo que ampliou sua interação com outros artistas e dispositivos mais amplificou seu repertório cultural e informacional, o que possibilitou o aprimoramento de sua mediação e do seu próprio fazer artístico. O entrelaçamento das várias expressões e tipos de dispositivos são fatores preponderantes para enriquecer sua mediação. Como resultado de sua convivência com artistas, adotou a literatura e o cinema como um dos pilares para sua produção.

Ainda tratando sobre a influência da literatura em sua produção, Flávio Tavares também aborda a importância da leitura, o que ratifica o entendimento de Oswaldo Francisco de Almeida Júnior e Sueli Bortolin (2007) de que para ser um mediador da leitura é necessário que o sujeito goste de ler. Em suas obras, como dispositivo mediador, Flávio Tavares evidencia sua leitura de mundo, de suas experiências e das várias expressões artísticas que reconhece e interage. A experiência que Flávio Tavares tem com a literatura se aproxima da reflexão de Sueli Bortolin (2010) quando afirma que o mediador da leitura promove interferências com o intuito de aproximar o leitor dos textos literários. Nesse sentido, pode-se afirmar que o mediador da leitura deve estar atento à diversidade de dispositivos e proporcionar ao leitor acesso às múltiplas leituras, para que ele possa ganhar uma expressão própria de compartilhar sua leitura.

Paulo Freire (1981) ao tratar sobre a importância de o sujeito expressar-se no mundo evidencia a necessidade de como realizar essa ação. Dessa maneira, as artes plásticas, a música, a fotografia, entre outros dispositivos, podem ser reconhecidos como textos que permitem o sujeito expressar-se. O mediador da leitura deve estar atento na adoção desses diversos dispositivos e reconhecê-los como relevantes no processo de pertencimento e formação dos sujeitos sociais.

Sobre a escolha de obras literárias que inspiram a produção de seu trabalho como artista plástico, Flávio Tavares relata que

[...] Zé Lins a inspiração é muito direta, né? É uma pintura aonde o princípio ilustrativo já tá implícito dentro, né? Os outros são incorporações culturais que você vai decifrando [...] Ligada a Augusto dos Anjos, que eu illustrei muito Augusto dos Anjos com o universo tenebroso dele. Eu tinha muito medo porque lá em casa, eu era muito novo, meu pai quando chegava em casa recitando: "eu sou a sombra,

venho de outras eras”, eu ficava com medo, eu dizia: isso é coisa de filme de alma, de terror (risos). Aí mais tarde eu fui fazer Augusto dos Anjos, aí comecei a entrar mesmo na poesia dele e a gente vê que ele além de um gênio, simplesmente ele iluminava essa tragédia da alma humana, né? E daí, hoje em dia mesmo quando eu estou desenhando um tema pesado, aí vem Augusto dos Anjos como lembranças, num sabe? Quando você passa para uma cena de campo, você indiscutivelmente se lembra de determinados autores da saga, que desde Guimarães Rosa a Zé Lins, passando por José Américo de Almeida e essa inspiração eu fico com medo de dizer que está incorporada porque faz parte do mundo da gente, eu tô dentro da literatura, não tem como escapar, a não ser, vamos dizer, nesse caleidoscópio, os próprios sonhos que essas interações literárias fizeram com que você não saiba mais o que é literatura e o que é você, vamos dizer assim, o Eu da pessoa. (risos)

Ao relacionar sua produção com a obra de José Lins do Rego, Flávio Tavares expressa uma aproximação com um ambiente que lhe é familiar, que são os cenários litorâneos e do brejo paraibano, levando-o a produzir obras que fazem referências aos personagens, cenários e práticas sociais presentes na literatura desse escritor. A partir dessa relação expressa pelos aspectos socioculturais nos dispositivos produzidos por José Lins do Rego, pode-se inferir que essa associação se dá por Flávio Tavares desejar preservar e disseminar os traços identitários e memorialísticos individuais e coletivos do seu lugar de pertencimento. É um ‘familiar coletivo’, que lhe é simbólico e, por isso, é representado por ele, posto que, de acordo com o entendimento de Abraham Moles (1974), quando o sujeito interage com o seu meio social e se apropria dos aspectos informacionais que lhes são provenientes, constituirá o seu repertório informacional.

A obra de Flávio Tavares transparece esses dois ‘familiares’, o nordestino e o de dentro de casa, aquilo que de mais íntimo ele tem. Ele, enquanto leitor, foi encantado por José Lins do Rego porque reporta o Artista para esses eixos familiares que se apresentam de maneira tão importantes em sua fala.

Ao passo em que conheceu com mais profundidade a obra de Augusto dos Anjos, Flávio Tavares confessa que foi possível perceber que a poesia dele vai muito além do seu famoso lado tenebroso, que reconhece a genialidade do poeta que era capaz de iluminar a tragédia da alma humana. Flávio Tavares ainda cita autores como Guimarães Rosa e José Américo de Almeida, outro escritor paraibano, como referências que se agrupam a José Lins do Rego na temática do campo e conclui que definitivamente está dentro da literatura, pois, ele julga que

essas interações literárias fizeram com que ele já não soubesse separar o que é literatura e o que é ele como sujeito no mundo, vivência que se aproxima do pensamento de Lídia Eugenia Cavalcante (2020) quando defende a leitura como alicerce da construção do conhecimento. Assim, é por meio da leitura que os sujeitos, como Flávio Tavares, interagem com o mundo, se aproximam das diversas expressões e se apropriam das informações que são produzidas e estão disponíveis, portanto, podem, nesse processo, construir novos conhecimentos.

Flávio Tavares também reflete sobre os elementos constituintes de uma obra que lhe serve de inspiração e diz que “quando uma obra inspira uma temática, ela começa como um quadro” e segue fazendo uma analogia com a música mencionando forma, fundo, melodia, harmonia, ainda falando que o sujeito precisa saber “a sinfonia das cores”. Mais uma vez, é possível identificar o quanto as artes fazem parte do pensamento dele, integram seu repertório de saber, e são meios de expressões de seu conhecimento. É importante destacar que Flávio Tavares chega a enfatizar que o saber não necessariamente seja decorrente do estudar, pois para ele a escola pode vir a “engessar” o processo criativo do sujeito e cita como exemplo os pintores naif³, por quem expressa grande admiração e complementa dizendo que eles “têm essa sinfonia dentro deles, naturalmente”.

Para Flávio Tavares é possível que em uma obra literária o leitor possa identificar os personagens como representação de pessoas do seu convívio. O que acontece com sua obra, em que seus pais e irmãos são personagens constantes e, para ilustrar, menciona uma fala do cineasta espanhol Pedro Almodóvar quando questionado se o seu filme *Dor e Glória* seria uma biografia, e o mesmo responde: “Não, isso é uma autobiografia ficcional”. Flávio Tavares ainda complementa

[...] Esse crivo ficcional, ele entra nisso, você tá incorporado [...] brigas e alegrias dentro da família, você vai encontrar em muita coisa de romance, você vai. A vida está ligada à literatura, sem dúvida alguma. E essa temática, ela aflora e você consegue botar uma ordem para não cair no campo familiar, particular, porque se torna, às vezes, uma coisa muito fechada, você para se tornar universal, você lê [...]

³ naif – expressão artística que tem como característica principal a espontaneidade do artista que expõe o seu universo na simplicidade poética de traços totalmente dissociados de formação acadêmica.

Esse relato de Flávio Tavares, conduz a reflexão de que “A vida está ligada à literatura” e pode-se afirmar que a mediação está ligada à vida. O mediador da leitura deve agir considerando que os autores estão externalizando as suas percepções de vida, como os seus prazeres, os seus sofrimentos, as suas sensações, sentimentos etc. Considera-se a produção literária uma extensão, uma expressão do sujeito, de suas vivências e do repertório de conhecimento adquirido das práticas socioculturais.

Percebe-se o quanto a literatura é presente na vida de Flávio Tavares e lhe é familiar, pois, conforme ele lê, consegue identificar seus familiares e a leitura pode lhe inspirar na criação de mais uma obra e nessa produção, possivelmente, os seus familiares estarão presentes, em representação, o que passaria a caracterizar o seu trabalho como “uma coisa muito fechada” e, complementando um círculo legitimamente virtuoso, ele usa a leitura literária para que sua obra se torne um dispositivo de expressão universal.

Flávio Tavares ainda apresenta o seu entendimento do quanto a leitura se faz necessária para o ser humano afirmando que

[...] Você não consegue ser grande, no sentido de ser gente num é, em qualquer área, se você não tiver a leitura. Eu achava que um centro universitário, de literatura, arte, deveria ser de forma estrelar. Ali dentro estaria teatro, aula de pintura, literatura, restaurante e as outras profissões orbitando. Você obrigaria o médico a passar pelo centro de arte e ir lá na biblioteca, obrigaria o engenheiro ver a pessoa cantando, obrigaria todas as profissões a ter esse cruzamento com a literatura, com arte, teatro, porque aí isso, eu acho que melhorava mais a condição humana, sabe?

Mais uma vez, Flávio Tavares destaca a importância da leitura e, em sua visão, a estrutura de instituições de ensino superior deveria ser construída de forma estratégica para que as artes e a literatura fossem o centro do campus e as demais áreas se colocassem no entorno, de modo a estimular os demais estudantes a circular pelo “centro” e pudesse vivenciar o processo formativo daqueles outros estudantes, pois para Flávio Tavares as artes têm o poder de tornar as pessoas mais humanas e que o sujeito só alcança essa qualidade quando se realiza a leitura. Em relação a esses aspectos, Antonio Candido (2011) defende que toda obra literária vem a ser um objeto construído e enquanto construção interfere no desenvolvimento dos sujeitos como um ser humanizado e favorece na formação de indivíduos mais compreensivos. Com base na reflexão

de Flávio Tavares, pode-se afirmar que a leitura é um ato humanizado que deve ser basilar na formação dos sujeitos, pois os conduz a um processo de interpretar criticamente o contexto sociocultural que integra.

É perceptível a representação autêntica de Flávio Tavares ao transparecer outras expressões artísticas, seja ela a literatura, a música, o cinema, o teatro, a escultura etc., e ele indica um movimento simbólico quando cita o livro *Lendo Imagens*, no qual o professor e escritor argentino *Alberto Manguel* defende que os sujeitos pensam por imagem. Para exemplificar, Flávio Tavares comenta que quando

[...] você diz agora mesmo ‘Vou tomar um café’, você se levanta daí, em termo de imagem, vê a xícara de café, vê o bule, você está vendo imagens. A literatura, ela é imagem [...] ‘Então vou para o mar’, o mar você vê. Então, a literatura, ela é mais pintura do que a pintura é literatura. Ela está muito mais em um campo imagético [...]

Flávio Tavares exemplifica como o símbolo se faz presente na literatura, considerando que “a literatura é imagem”, sendo possível perceber a força do símbolo, pois, quando se fala “eu vou tomar café”, as palavras mencionadas logo se convertem em imagem em nossa mente, ou seja, a leitura perpassa as várias expressões, entre a palavra, a imagem e o som, contribuindo para a atribuição de sentido aos dispositivos e aos enunciados que permeiam nosso cotidiano. Por isso, Flávio Tavares também fala em música, escultura e cinema. Nesse sentido, pode-se dizer que a leitura ocorre por meio das várias expressões, em dispositivos diferentes, de modo que os sujeitos possam expressar-se e fazer-se interpretar, em um ato contínuo de relação que só ocorre por meio do coletivo. Essa reflexão se aproxima do que defende Lígia Maria Moreira Dumont (2020), quando afirma que a leitura envolve sentido e significado, no qual o sentido é ligado ao sujeito e o significado é vinculado ao coletivo, àquilo que o coletivo já consegue expressar de modo mais consolidado. Dessa maneira, a leitura é o ato simbólico, representativo do sujeito, que envolve mais de uma instância de expressão e que na condição de mediador, Flávio Tavares busca expressar a autenticidade que ele conseguiu alcançar como leitor.

O Artista ainda explica que a pintura tem um princípio sensorial e tradutório e esclarece que, para ele, o princípio sensorial se estabelece a partir do momento em que

[...] você não olha querendo saber se é Jorge Amado, García Márquez ou Zé Lins, você olha aquela figura né, depois é que você sabe que aquilo é um engenho, que aquilo é cana-de-açúcar, então, se a cana-de-açúcar faz parte de um princípio mágico, como o skin splash⁴ de Van Gogh, que deixa de ser árvore e passa a ser o movimento dos ventos, num é? Então ali, Van Gogh, ele é magistral com a ideia de que a natureza fala através da própria existência. Então, nesse momento você tem que cuidar, não é de Zé Lins, você tem que, como Zé Lins cuidou da palavra, você tem que cuidar, exatamente, é de como essas imagens, elas estão sendo magnetizadas para traduzir o princípio de, vamos dizer, de ânima, de alma [...] É muito perigoso o caminho da pintura junto com a literatura, porque não é que você tenha que recriar, tem que dar aquela ênfase que a força literária exige.

Ao explicar o princípio sensorial da pintura, Flávio Tavares argumenta que ao contemplar uma pintura é necessário que os sujeitos estejam atentos às imagens, de modo a perceber elementos que possam remeter às características de autores literários. E o artista plástico, além de cuidar das técnicas necessárias para reproduzir em imagem o que a sua criatividade inspira, deve respeitar o que a obra literária exige, ou seja, o artífice precisa cuidar de como essas imagens serão expressas e registradas por meio das artes plásticas, de maneira que possa conduzir os leitores a evocar a obra literária que foi revelada.

Notadamente, Flávio Tavares se utiliza de um imenso requinte na construção de sua obra, não se preocupa em deixar visível as características dos autores literários por quem nutre admiração, mas em ser expressivamente tão primoroso com sua obra quanto os autores foram com as deles. Dessa maneira, pode-se dizer que uma atividade mediadora está associada a outra, integrando e ampliando, em um processo contínuo e necessário para que os sujeitos possam se apropriar das informações, ações e dos dispositivos de mediação. Essa percepção estabelece relações com o pensamento de Ivete Pieruccini (2007), quando a autora aponta que os dispositivos integram e interferem no agir dos sujeitos. Assim, a inter-relação da literatura, leitura e a mediação dessas, está vinculada às ações antecessoras de mediação e de práticas culturalmente articuladas aos sujeitos que integram e interagem nas ações.

Com base nas reflexões de Roberto DaMatta (1981) sobre a cultura, pode-se entender que ao realizar uma leitura atenta sobre as práticas e os dispositivos culturais é possível evidenciar as diferenças existentes entre os sujeitos. Tomando

⁴ skin splash - técnica utilizada na pintura para alcançar um efeito de respingo.

como base essa afirmação, percebe-se que Flávio Tavares representa os aspectos culturais em suas obras e o motivo que o leva a evidenciá-los é expresso a partir do argumento de que ele sendo um pintor figurativo faz referência a uma célebre frase de *Leon Tolstói* “*Se queres ser universal, começa por pintar a tua aldeia*” e declara que

[...] Os aspectos culturais são enraizados nessas três vertentes: Augusto dos Anjos, como o drama maior da alma, num é? Quando eu quero fazer um drama maior eu não vou me lembrar de Guerra e Paz de Tolstói, eu vou me lembrar de Augusto dos Anjos. Quando eu quero me lembrar de alguma coisa ligada às alegorias da carnavalização, a carnavalização como multiplicidade de imagens e de assuntos ao mesmo tempo, eu me lembro de Machado de Assis [...] Então, você quando quer falar da sua terra, o cheiro da terra, o cheiro do verde, num é? Você entra pelo mundo de Zé Lins e vai nas montanhas dos cariris velhos, chegando em Graciliano Ramos [...] Quando você fala em dramas, de temperos sensuais, indiscutivelmente você se lembra de Jorge Amado, a sensualidade, a cor de Jorge Amado, a cor do mar, a cor das reações do povo, da alegria que é total [...] Quer dizer, essa literatura que você imagina, que marca, eu acho que é exatamente isso, quando você vê “Os Plantadores de Café” de Jorge Amado, você sente a brasilidade que Sérgio Buarque de Holanda falou. O Brasil, não é ufanismo não, nem é patriotismo não, é uma coisa que toda cultura transmite, você quando chega com sua pintura lá fora no exterior, você sente melhor isso [...] que Villa Lobos tanto fez isso na música, essa é a realidade que o bem constante, essa janela aberta ao mundo que a literatura faz pra todos, não é só pra pintura não.

Ao destacar os aspectos culturais que são retratados em suas obras e os motivos pelos quais o leva a torná-los evidentes, Flávio Tavares apresenta as raízes nas quais a sua arte se nutre, a partir da sua visão tanto de leitor quanto do artista visual e, baseado em sua visão de leitor, faz um detalhamento preciso das características de cada escritor que o inspira. Aspectos que se articulam com o conceito de cultura apresentado por Bárbara Damiane da Silva e João Arlindo dos Santos Neto (2017), quando evidenciam que a cultura envolve gostos, comportamentos, posições, discursos, características e divergências expressos na interação com o meio social.

Flávio Tavares apresenta as características que identifica em escritores, o que demonstra um adentramento às obras produzidas pelos literários por ele citado, por exemplo, ao indicar que quando deseja representar o drama é remetido a *Augusto dos Anjos*; ao mesmo tempo que para falar do campo inspira-se em *José Lins do Rego*; como também para falar de sensualidade, de alegria e de cores, pauta-se na obra de *Jorge Amado*. Entende-se que essas características

mencionadas por Flávio Tavares representam aspectos identitários e memorialísticos do povo nordestino, o que remete ao conceito de memória apresentado por Michael Pollak (1992), sendo essa um fator de extrema importância no sentido de continuidade e coerência de uma pessoa ou um grupo. Portanto, as obras literárias ao serem mediadas nas artes produzidas por Flávio Tavares transparecem tanto sua constituição identitária e memorialista, como representa a identidade do povo nordestino.

No decorrer da entrevista buscou-se investigar quais vivências (laços sociais, familiares, profissionais) se aproximam de narrativas literárias e são retratadas em suas obras. Em resposta, Flávio Tavares apresenta uma espécie de 'linha do tempo' das influências literárias que sofreu ao longo da sua vida,

[...]Então esse universo de Jorge Amado, das amantes, das cachaças, das tragédias do cacau, daquela coisa, a gente viveu aqui no Nordeste, todo mundo tem uma parte disso, aqueles coronéis vestidos de branco fumando charuto de Havana. Teve uma existência aqui no Brasil que passou por isso, esse tempo que termina e vamos dizer que começa outro com a Bossa Nova, com Rubem Braga, com Carlos Drummond, com outros escritores, aí começa uma nova vertente até atingir Chico Buarque como escritor. É o Brasil, a gente foi incorporado num mundo aonde essa literatura, ela teve um papel tradutório pra gente, mas a gente também, foi traduzido, dentro da vida da gente através da literatura.

Em sua resposta Flávio Tavares cita alguns nomes de escritores que, em sua visão, marcaram épocas e destaca que no Brasil as pessoas foram introduzidas em uma literatura, que 'traduzia' o mundo, como também transparecia atributos das pessoas.

Flávio Tavares continua respondendo à questão, destacando as influências de outros lugares na constituição identitária de uma sociedade, ao afirmar que "A gente tem um pouco hoje em dia da paisagem do Japão com aquelas luzes de neon que eu vejo em cinema e tem uma coisa da selva amazônica e tem das favelas". Esse entendimento expresso pelo artista demonstra uma aproximação com a reflexão de Stuart Hall (2006), ao tratar sobre as constantes transformações em que os sujeitos sofrem pelo contato com práticas culturais dos diversos contextos socioculturais em virtude do processo de globalização.

A leitura dá a possibilidade, enquanto leitor e mediador, de conhecer e de transmitir saberes, e só é possível conhecer pelo ato de decodificar e interpretar a informação, uma vez que "[...] o conhecimento em estado de compartilhamento

(informação) é potencializador da formação e da qualificação.” (GOMES, 2019, p. 18). Portanto, o mediador da leitura também vai favorecer o acesso à informação. Flávio Tavares evidencia essa afirmativa ao demonstrar seu repertório de leituras que formam e transformam a possibilidade de se ter acesso para além do conteúdo textual, na medida em que suas artes possibilitam ao leitor ter acesso às representações das práticas de vida e os aspectos ligados ao sujeito e os seus contextos.

Quanto às práticas de mediação da leitura literária realizadas por Flávio Tavares e as ações que refletem a interação e o reconhecimento cultural dos seus leitores, ao ser questionado se ele se reconhece como um mediador da leitura por meio de suas obras, ao entender a mediação da leitura como prática desenvolvida por uma pessoa com o objetivo de despertar em outros sujeitos o gosto e o prazer pela leitura, seja ela literária, artística, musical etc., Flávio Tavares afirma que

Reconheço sim, eu reconheço e ao mesmo tempo, como eu já falei sobre isso, o medo de você não ter a mesma força da leitura e também não é uma norma, vamos dizer, dentro da pessoa, ele, vamos dizer “funcionar” através da literatura, mas é uma história que aonde você lendo imagem, você faz com que o outro também leia aquela história que tá ali narrada num é? [...] vamos dizer pra gente falar claramente de Menino de Engenho, não precisa você olhar aquele quadro, ter lido José Lins do Rego sabe, não precisa. Você está olhando um moinho, se alguém de fora perguntar que roupa é aquela, se tem alguma coisa típica de alguma região, tudo bem, mas antes é importante você olhar a pintura e através da pintura, isso que eu falei da arte descritiva, indiscutivelmente você vai ler as imagens, aí você vai chegar a Zé Lins, aí dentro do pintor, ou dentro do artista, do ilustrador, muitas vezes ele não tá dentro dessa narrativa literária, ele as vezes tá mais dentro de um espírito de Zé Lins, do que do próprio livro de Zé Lins.

Flávio Tavares, ao se reconhecer como um mediador da leitura, externaliza que esse agir é realizado por meio da expressão imagética, em que a obra literária adquire uma representação em sua obra artística. O artista ainda afirma que não se limita a seguir uma norma que venha limitar o seu trabalho, de modo que restrinja a fruição da literatura. A sua intenção é a de que conforme o sujeito faça a leitura da imagem elaborada por ele também consiga ler a história ali narrada, pois, conforme Flávio Tavares, o artista muitas vezes ultrapassa a narrativa apresentada pelo autor em seu livro. Assim, Flávio Tavares promove a mediação da leitura literária por meio da mediação das suas obras, em um agir inter-relacionado de representatividades do artista, ou seja, de Flávio Tavares, do

literário, do seu lugar de pertencimento, sendo o próprio contexto social e cultural que envolve tanto ele quanto o autor e o sujeito leitor.

E ao ser indagado se já havia sido reconhecido por algum leitor como um mediador da leitura ou que despertou o interesse pela leitura literária, Flávio Tavares comentou que

Já, tem o filho de amigos meu [que] disse: Flávio, esse último quadro que você fez que são dos engenhos, você pode me indicar qual é o livro de Zé Lins que você achou mais importante? Aí eu digo: Fogo Morto. Aí a pessoa depois que lê Fogo Morto, aí ele disse: os outros livros de Zé Lins que eu li, são excelentes Flávio. Não são muitos não, mas aparece. Augusto dos Anjos mesmo, meu Eduardo quando era pequeno (risos), interessantíssimo porque foi uma pessoa de fora que tava aqui, aí falaram em Augusto dos Anjos, aí ele disse: mas é pena porque Eduardo, ele não sabe... Aí "pou" ele citou um poema de Augusto dos Anjos na hora. Eu vivia mostrando a ele um quadro que tá na galeria da Academia Paraibana de Letras, o quadro "O Eu" de Augusto dos Anjos. Aí ele recitou uma partezinha e aí a pessoa: mas você sabe poesias de Augusto dos Anjos e ele: sei, sei (balançando a cabeça e rindo). Mesmo que não seja, um pouquinho de nada, sabe. Há uma presença constante da literatura, de sempre pedir emprestado os livros, quando eu pintei o Machado de Assis, o Memorial Aires num é, que fala um pouco na libertação ainda da escravidão, muita gente foi ler, porque só lia Dom Casmurro num é? Existe muita interligação inclusive com, na época, quem gostava muito de divulgar determinados pontos da literatura eram os escritores Luiz Augusto Crispim, Sérgio Castro Pinto, o poeta Hildeberto [Barbosa Filho] também. Eles, na hora diziam: olha Flávio, alguém viu um quadro seu e tava perguntando de que livro tu tirasse aquele quadro, essas coisas assim num é?

Flávio Tavares cita exemplos de pessoas que despertaram o interesse pela leitura através de suas ações, desde o filho ainda pequeno recitando poemas de *Augusto dos Anjos*, passando por amigos escritores, até pessoas que após apreciar suas obras revelam o interesse de conhecer mais dos autores literários identificados em alguns traços de suas obras. Flávio Tavares ainda relata momentos em que pessoas relacionadas às artes e ao jornalismo fazem relações entre suas obras e personagens ou cenários de diversos escritores conhecidos e também relata ocasião em que sua obra inspira um espectador a escrever um conto, ou seja, as artes plásticas inspirando a literatura.

Em relação a escolha dos aspectos culturais que influenciam a produção artística de Flávio Tavares, na entrevista buscou-se questioná-lo se em sua obra existem traços identitários próprios ou que representam o seu contexto social. Como resposta, Flávio Tavares explicou

Evidente que ninguém pode, eu conheço alguns pintores, da minha geração inclusive, que eles têm um orgulho enorme, quase messiânico de dizer assim: eu nasci pintor, eu não tenho influência de ninguém [...] eu fico olhando assim e digo: bem, é possível né, da gente... nessa vida tudo é possível.

Com base na fala, quase que irônica, de Flávio Tavares, percebe-se que ele defende que o artista é influenciado pelo contexto e pelo outro. Notadamente, Flávio Tavares compreende que o repertório de cada sujeito é constituído a partir de suas vivências, do acesso que tem as mais variadas expressões artísticas, pensamento que se coaduna ao de Joel Candau (2012), quando declara que a memória ao mesmo tempo que modela o sujeito é também por ele modelada, e que sem memória o sujeito se esvazia, vive apenas o momento presente e sua identidade desaparece. Porém, Flávio Tavares cita que alguns artistas se apresentam como pintores que já “nasceram prontos” e que não sofreram influência alguma, o que é uma “postura messiânica”, visto que para ele o sujeito passa por uma (trans)formação.

Na entrevista, Flávio Tavares cita esse processo transformador que ele vivenciou ao ter a influência, por exemplo de Francisco Brennand, na sua formação como artista plástico. Ele também consegue fazer uma relação das obras deste último artista com as obras de Jenner Augusto e as características aproximadas dos traços de Di Cavalcanti, entretanto, ressalta que a obra de Francisco Brennand é mais ligada ao cordel. Dessa forma, percebe-se que existe um processo referencial, no qual Flávio Tavares, assim como outros artistas e profissionais, buscam no outro, aspectos de admiração e que compõem a forma pela qual agem em suas atividades profissionais e sua atuação na vida social.

Ainda tratando de suas influências, Flávio Tavares apresentou os dispositivos de informação que lhe foram mediados e, conseqüentemente, influenciaram a sua formação enquanto leitor e artista.

[...] quando papai chegava em casa com livros, eu ainda tenho livros de 67 no meu aniversário, que ele me deu de presente, de Gauguin, eu achava que Gauguin era um pintor perto de Di Cavalcanti, pela cor, a exuberância tropical, aquelas ilhas no Thaiti, as influências que você sofre na vida, desde um pequeno desenho, de você querer desenhar como um grande desenhista, como um De la Croix, como o Floriano Teixeira mesmo, que pra mim é o mestre maior, isso tudo é influência, a síntese de Floriano Teixeira no traço, entre os blocos dele, pesados né? Por exemplo uma feira e, de repente, ele dá um soco num personagem, só com um traço bem leve, inclusive ele e Karibé, eles vão se encontrar

numa estética do simples, que é a mais difícil, é você ser simples e ao mesmo tempo traduzir toda a força do mundo, aquela coisa belíssima como Matisse fazia no desenho.

Ao apresentar os dispositivos informacionais que exerceram influência em sua construção como artista, Flávio Tavares cita os livros e as produções artísticas de determinadas personalidades. É possível perceber a importância dos livros para o seu núcleo familiar, retratada tanto na escolha feita pelo pai de lhe presentear em seu aniversário com um livro de arte quanto na significação dada por ele ao livro, visto que, passados mais de 50 anos ele ainda o guarda. Flávio Tavares ainda segue destacando as influências no decorrer da infância e da adolescência e que levaram o menino a fazer um pequeno desenho, com o qual foi despertado o desejo de desenhar, integrando a base de sua formação como um reconhecido desenhista.

Flávio Tavares continua apresentando alguns dos artistas que admira e inevitavelmente o influenciaram, citando Gauguin, mais uma vez Di Cavalcanti, Floriano Teixeira, que para ele “é o mestre maior”, Karibé, Matisse e De la Croix, ao passo que continua estabelecendo relações entre as produções artísticas dos mesmos a partir de sua visão de artista e de admirador. Pode-se inferir que sua admiração e reconhecimento a esses artistas é possível pelo acesso que ele teve aos dispositivos que lhe informam sobre técnicas e demais elementos que lhe fazem sentido.

Seguindo na apresentação das suas influências e dos dispositivos aos quais teve acesso, Flávio Tavares continua citando obras literárias, como também faz uma reflexão do contexto sócio-político do Brasil, quando apresenta como costuma fazer para registrar suas inspirações e sentimentos.

Então essas imagens, elas vêm do interior e, indiscutivelmente, essas influências vêm de um contexto, eu que fiz muitos anos e faço ainda charges políticas, eu todo dia faço pra mim mesmo a charge, todo dia esse governo que tá aí é uma charge pronta. Eles são mais criativos que a gente no absurdo, quer dizer, é tanta coisa que entra no cotidiano da gente, que você diz: eu não acredito que em pleno século XXI a gente esteja vivendo uma coisa, uma barbárie dessa tão absurda, né? Então é mais trágico, talvez, você fazer uma coisa ligada ao universo medieval hoje, você traduzir o universo medieval para mostrar essa escuridão que a gente está vivendo, este blackout da inteligência, porque você desenhar a cara desse povo que está aí que não vale à pena. Então a literatura, é melhor você pegar Edgar Allan Poe e fazer logo uma coisa interligada a alma escura, a alma sem sombra de Augusto dos Anjos, quando ele vai para esse mundo dos vermes, da transformação do

corpo, da carne, da própria terra. Então a literatura, ela vem com o texto, mesmo que você tenha lido quando você era pequeno, determinadas coisas, ela hoje em dia, incorpora o seu dia a dia com a verdade dialética, você está dentro da literatura, você já não sabe mais se o que você está falando é o que sai de dentro de você ou se você já leu isso em algum canto e que esqueceu que já está dentro de você, você não vai falar entre aspas.

É possível perceber o quanto a literatura se faz presente na vida de Flávio Tavares, visto que ela é o cerne que conduz ao alcance de uma postura como cidadão com consciência política. Com isso, Flávio Tavares apresenta sua versão chargista, dispositivo utilizado por ele desde os tempos da ditadura militar vivida no Brasil, há pouco mais de 30 anos. Desde então, algumas de suas produções estão diretamente ligadas à situação política e social do Brasil e, especialmente ao momento atual, destaca a necessidade de se utilizar do dispositivo charge para expressar sua percepção sobre a política vigente no país. O Artista conclui afirmando que “*você não vai falar entre aspas*” levando-se em consideração que: “*tudo que você é hoje seja consequência de tudo que você traz em sua memória*”, mesmo que inconsciente, acreditando que o sujeito esteja relacionado ao que evidencia a literatura, dificultando a compreensão do que realmente é um pensamento genuíno ou se já teve acesso de maneira anterior.

Quando Flávio Tavares afirma que o sujeito é fruto das vivências que teve no decorrer de sua existência, mesmo que ainda não tenha lido algo diretamente relacionado ao que esteja falando, o sujeito foi nutrido por experiências que o lapidou e resultou no que propaga através de suas palavras e ações. Flávio Tavares reitera a essencialidade da literatura na sua produção de artes plásticas e enfatiza que “*Ela [a pintura] existe sem a literatura, num sabe? Mas você vai ter que criar do seu mundo uma literatura particular de ler o mundo por conta própria [...]*”.

Ele ainda aponta que há a possibilidade de se viver executando suas habilidades, seja ela qual for, sem a influência da literatura, mas o sujeito terá que criar seu próprio repertório de literatura a partir da leitura de suas vivências e interação com o mundo. Flávio Tavares indica a necessidade de conhecer o mundo por intermédio de um repertório adquirido por meio do que foi registrado nos mais diversos dispositivos. Por outro lado, pode-se inferir segundo a fala de Flávio Tavares que sem esse acesso aos dispositivos o sujeito deve desenvolver seu repertório de saber a partir das suas vivências com o contexto sociocultural.

Essas diferentes expressões da leitura são indicadas por Maria Helena Martins (1988) quando afirma que essa ação decorre da escrita, mas também da imagem e de outras linguagens.

Ao ser questionado sobre um auto reconhecimento enquanto mediador cultural, no sentido de aproximar sujeitos de contextos e práticas socioculturais distintas a partir de sua obra, Flávio Tavares respondeu que

Eu posso me considerar, num sabe? Diante do que eu faço uma vida inteira, eu tô com 71 anos, mas quando eu tô trabalhando como eu tô agora mesmo neste painel eu não penso nisso, porque quando eu tô trabalhando, às vezes eu sinto necessidade, é de você não transmitir o que você aprendeu pra outras pessoas, e é por isso que eu dou muito louvor a esse trabalho que você está fazendo, porque ele, essa mediação cultural, ela abre um leque pra várias pessoas passar a entender ou passar a saber um processo pelo menos criativo, num é? E isso é muito bom, por isso que, às vezes, eu pego o meu próprio telefone e Eduardo ou Alba vai e me filma, porque eu dei poucas aulas [...] mas eu sinto que ficou uma coisa meio órfã assim de você não ter mais alunos [...] não é que não tenha tempo, é que o tempo hoje em dia, você tem medo. A gente pegou essa pandemia como uma coisa absurda, você se tranca, então essa mediação ela está se tornando, talvez, por um lado numa coisa melhor porque existem esses meios de comunicação, mas pelo lado visceral, humano, você perde.

A partir da resposta de Flávio Tavares, percebe-se que ele se considera um agente da mediação cultural, afirmando que essa ação decorre de um processo longitudinal, que permeia sua vida privada, com a família e amigos, como também no exercício de um agente mediador que percebe a importância de apresentar e aproximar as artes plásticas e as informações por ela materializadas dos diferentes sujeitos, o que remete ao conceito de mediador cultural cunhado por Celly de Britto Lima e Edmir Perrotti (2017) em que defendem ser o mediador cultural como o sujeito que atua através da negociação de sentidos, na realização de tarefas e na proposição de ação que viabilizem a apropriação e o protagonismo cultural deles e da coletividade.

Vale ainda destacar que ele trata do distanciamento social imposto durante a pandemia da Covid-19, que por questões sanitárias os sujeitos tiveram que se manter em isolamento com o intuito de evitar a disseminação do vírus. Como mediador, ele sentiu a falta de ter o contato humano. Flávio Tavares destaca que pela sua responsabilidade social, por meio do agir mediador dá continuidade a esse processo, ampliando a interação com os sujeitos por meio de dispositivos de comunicação na *web*, a exemplo das redes sociais, como *instagram* e *facebook*.

Percebe-se, ainda, uma necessidade de registrar sua produção, salvaguardar e disseminar seu processo criativo. É possível identificar a leitura emocional e crítica defendida por Maria Helena Martins (1988), quando Flávio Tavares diz que “*essa mediação cultural, ela abre um leque pra várias pessoas passar a entender ou passar a saber um processo pelo menos criativo*”. Infere-se a necessidade de Flávio Tavares, por meio da mediação cultural, no desenvolvimento da arte, materializar o processo produtivo, de reflexão, e possibilitar aos outros sujeitos a oportunidade de refletir sobre aspectos identitários e das práticas culturais que são expressos no seu fazer artístico.

Com base nas respostas apresentadas, percebe-se a influência que a literatura exerce na produção artística de Flávio Tavares, possibilitando a constituição de leitor mediador que articula concepções de vida, do seu lugar de pertença, com aspectos da literatura que se relacionam com questões socioculturais.

No intuito de seguir buscando o alcance do primeiro objetivo, que é o de identificar em que medida as obras de Flávio Tavares, influenciadas pelas narrativas literárias, transparecem a sua constituição identitária e memorialística e demonstram a sua atuação protagonista, são apresentados outros trechos da entrevista realizada com Flávio Tavares.

No processo de realização da entrevista com Flávio Tavares foi questionado sobre sua participação em atividades em que foi possível o compartilhamento dos diferentes aspectos socioculturais e identitários. Flávio Tavares respondeu que

Sim, quando o método Paulo Freire, existia a Sepla - Secretaria de Planejamento, era antes da ditadura. Eu tinha uns 14 anos, quando eu acompanhava alguns amigos, irmãos meus interligados à família, que a gente saía de João Pessoa e ia pra Mari, ia pra Sapé, eu cheguei a conhecer [João] Pedro Teixeira, o líder camponês, num é? E nas cooperativas, eu fazia desenhos assim, eu ainda me lembro, ‘Como é que o patrão explora o trabalhador?’, ‘Como é que ele se alimenta bem e o outro não?’ Aí eu fazia e a professora ia dando aula e falando isso. Era uma politização, era uma coisa que quando chegou a ditadura acabou evidentemente [...]

No início do processo de sua formação artística, Flávio Tavares teve a oportunidade de participar de ações desempenhadas na alfabetização de trabalhadores rurais e sua função nesse processo era a de transformar em

desenhos as situações que a professora trabalhava na aula, buscando facilitar o entendimento dos alfabetizados, o que remete ao entendimento de Humberto Maturana e Francisco Varela (1995, p. 68) quando afirmam que: “[...] todo ato de conhecer produz um mundo”. Dessa maneira, Flávio Tavares, junto com a professora, auxiliou na formação de cidadãos capazes de desenvolver uma leitura crítica, em especial, nas relações de trabalho, fomentando o processo de conscientização da classe trabalhadora, possibilitando o despertar para a luta pelo direito a melhores condições de trabalho e também por remunerações dignas, pois de acordo com Paulo Freire (1981), o simples fato de aprender a ler e escrever não faz milagres, reiterando o pensamento de que não basta o cidadão saber ler e escrever, faz-se necessário desenvolver o seu pensamento crítico para que possa ter clareza e discernimento das situações vividas e possibilidade de se movimentar, de maneira conscientemente, na busca de melhores condições de vida para si e para os seus semelhantes.

Flávio Tavares também desenvolveu atividades que podem ser reconhecidas como de mediação direta da leitura, ao compartilhar sua arte em escolas públicas das regiões periféricas da cidade de João Pessoa/PB. Ele relata o quanto foi surpreendido com a desenvoltura e interesse dos estudantes das referidas escolas

[...] E eu continuei esses trabalhos em colégios [...] Adriana Maia, ela é professora de um colégio chamado Santos Dumont. Quando eu cheguei lá, eu me surpreendi, os alunos, eles tinham estudado partes de obras da cana de açúcar, do mundo de Zé Lins, outras coisas. Eles abordavam em entrevista, assuntos assim que eu não tava preparado pra responder. Dentro de mim eu subestimei ‘não, isso é coisa de aluno’, aí eu comecei a trabalhar junto com eles essa ideia de como eles estavam avançados no tempo, né? Perguntando sobre música, sobre isso, sobre aquilo, o universo da escola, às vezes você pensa que fica só naqueles cursinhos, não, as escolas de periferia, elas são muito fortes, eles são muito atentos [...] brilhantes, brilhantes [...]

Flávio Tavares também cita ações de interferência de compartilhamento dos diferentes aspectos socioculturais e identitários junto a integrantes de grupos sub-representados, tais como os cegos, os ciganos e os indígenas. Flávio Tavares consegue identificar a atitude protagonista, a exemplo dos sujeitos residentes da periferia e vinculados à escola pública, quando ele os caracteriza como fortes e brilhantes.

Pode-se entender que apesar das dificuldades que cercam os referidos sujeitos, no processo de ensino-aprendizagem, quando lhes são concedidas oportunidades, os mesmos conseguem alcançar uma posição de destaque. Percebe-se a necessidade de mediadores culturais disponíveis a dialogar, viabilizando a negociação, como aponta Amanda Leal de Oliveira (2014, p. 114) ao destacar a “[...] consideração do outro enquanto possibilidade de troca e mudanças (dele e do si mesmo).” Características que são identificadas em Flávio Tavares, como mediador cultural, ao se relacionar com o outro, apresentando perspectivas e possibilidades, oportunizando uma ressignificação da sua vida e de sua existência, mas sem deixar de considerar suas experiências e saberes que são basilares para alcançarem uma conscientização da luta contra o apagamento e o silenciamento do brilhantismo que possuem.

Flávio Tavares ainda reflete sobre a falta de inclusão de sujeitos que estão ligados às comunidades sub-representadas, ao citar ações desenvolvidas no Instituto dos Cegos de João Pessoa, como também de ações provenientes de políticas públicas da

[...] época do governo Lula, [que] desenvolveu vários momentos desses pontos de cultura aonde dava possibilidade aos ciganos. Eu fui a uma comunidade em Sousa, os ciganos de Sousa, brilhantes!; o pessoal, os índios caboclinhos na cidade de Pedra de Fogo; as diversidades de cultura lá na Serra do Talhado [...] às vezes eu acho o ateliê muito burguês, o ateliê como formação de ateliê, não como lugar que você pinta, ele deveria ser aberto, mas infelizmente a questão de espaço, de como você tem o cotidiano disso, você não sabe como orquestrar essas coisas, sabe? A gente não tem políticas culturais, a gente está perdido dentro do universo pulverizado em futilidades.

O Artista apresenta algumas ações que vivenciou durante o governo Lula, um processo de inclusão dos sujeitos, e nesse o reconhecimento das mais variadas culturas existentes em nosso país tão diverso e que, historicamente, sempre foram invisibilizadas. Ele destaca o pouco acesso às artes, a políticas públicas que protejam e garantam a dignidade das pessoas, sem distinção, assim como defende Denys Cuche (1999), ao abordar o movimento rumo ao processo civilizatório que apresenta distanciamento entre grupos sociais e vem afirmar que todos os povos têm vocação para entrar no mesmo movimento de civilização, e cabe aos “mais avançados” ajudarem os “mais atrasados” a diminuir essa defasagem. Tomando como base essa discussão apresentada por Denys Cuche

(1999), pode-se entender que “os povos”, ou seja, os diferentes grupos sociais, por meio do processo de mediação cultural, podem ter um encontro com suas diferenças e semelhanças, entendendo-se e respeitando em uma perspectiva de alteridade que favorece o crescimento coletivo.

Flávio Tavares passa a ter uma apropriação do tema e do sentido da mediação cultural, conduzindo a inferência que ele também alcança uma conscientização do seu papel e da sua atuação como mediador cultural, conforme questão anterior em que ele se posiciona como agente mediador.

Em sua resposta, Flávio Tavares trata sobre um outro grupo constantemente invisibilizado que são as mulheres. O Artista cita o trabalho conjunto com Ronaldo Fraga

Há dois anos atrás, um estilista, Ronaldo Fraga, ele pegou as rendeiras do Cariri, de várias cidades em volta de Monteiro e usou alguns desenhos meus para fazer uma intervenção cultural na renda renascença. Eu, na hora, eu fiquei meio reticente no sentido assim... Por que você vai interferir culturalmente? Se isso não é o paternalismo cultural. Como se diz, eu tô cansado dessa colonização, vamos dizer, do homem branco, vai chegar numa comunidade, eu sou um desenhista bom e elas estão fazendo alguma coisa. Mas não, o Ronaldo Fraga, ele é um homem muito inteligente, ele fez a coisa fechada, quer dizer, foi uma série que ele fez aproveitando a criação, interagindo com a criação delas, já existiam os adereços de flores, vegetais, coisas assim, mas deu transpiração pra eles, porque não houve uma interferência, como quem diz que agora está melhor, esse princípio de aculturação, a gente tem que ter muito cuidado.

Ao relembrar a experiência vivida junto às mulheres artesãs do Cariri paraibano e de *Ronaldo Fraga*, um renomado estilista brasileiro, Flávio Tavares fala de uma ação em que houve uma interferência consciente do “fazer coletivo”, existindo o respeito com a produção do sujeito e da sua ideia original. Momento em que foi desenvolvido um trabalho no qual todos os sujeitos envolvidos puderam agregar suas experiências e conhecimentos na realização de um projeto, afastando completamente a possibilidade de se impor um princípio de aculturação. Essa ação fica explícita no processo dialógico em que *Ronaldo Fraga*, Flávio Tavares e as rendeiras do Cariri paraibano puderam compartilhar seus conhecimentos e experiências, sem que houvesse um movimento que se aproxime do que José Jorge de Carvalho (2010) considera como “espetacularização”, em que os artistas populares são colocados na condição de objetos.

Retomando a questão da influência da literatura em sua produção artística, Flávio Tavares menciona o questionamento realizado aos artistas quanto a possibilidade de se transformarem em ilustradores. Desse modo, Flávio Tavares reflete que

[...] A pintura fica... essa história vem, você vai terminar sendo um ilustrador? Eu sou um ilustrador, agora eu posso estar ilustrando Zé Lins do Rego, mas posso também estar usando Zé Lins do Rego para contextualizar o coronel. Eu posso mais ser o moleque Ricardo do que o coronel e ao mesmo tempo, através do coronel eu posso estar sendo esmagado pelas grandes usinas de Fogo Morto [...] mas se eu fosse escrever, eu estaria mais dentro das imagens do que eu como pintor, dentro da literatura. Assim, na hora, agora mesmo pra você que eu descrevi determinados momentos você entende que a literatura, ela é muito forte, ela é uma coisa extremamente necessária pra mediação de qualquer área de estudo, num é?

Durante outros momentos da entrevista Flávio Tavares teceu comentário em relação ao fato de alguns pintores se referirem à arte de ilustrar com certa hierarquia, o que ele discorda e ao se reconhecer também como um ilustrador, afirmando que em seus trabalhos pode ilustrar um personagem, mas ao mesmo tempo pode usar o personagem para contextualização de sua personalidade ou função social, por exemplo. Ele acredita que a literatura movimenta o imaginário de quem trabalha com os dispositivos de arte e enfatiza que para que ocorra a mediação em qualquer que seja a área de estudo, sendo “extremamente necessária”. Flávio Tavares ainda reflete que apesar de ser um pintor e estar muito inserido e inspirado na literatura, se fosse um escritor inevitavelmente exploraria muito mais a imagem. Assim, percebe-se uma atitude de reconhecimento do valor das diversas expressões artísticas e um processo consciente de se posicionar contra atitudes de antagonistas que desejam hierarquizar as manifestações artísticas, privilegiando algumas em detrimento de outras, entretanto, Flávio Tavares em uma atitude consciente e protagonista reconhece o valor de expressar-se ser mais importante do que a forma com que se expressa.

Ao tratar da mediação cultural e da mediação da leitura que apoiam na formação consciente do sujeito leitor, como também relacionando esses aspectos da constituição identitária e protagonista expressas nas obras de Flávio Tavares, buscou-se saber da relação de enfrentamento às questões sociais, culturais e políticas retratadas em suas obras. Flávio Tavares aponta que

[...] Na época da ditadura, a minha pintura, ela estava permeada por uma áurea católica, eram anjos, mulheres, frutas e uma coisa assim onírica e lá em casa todo mundo tinha uma coisa assim... Eu fiz uma exposição no Rio de Janeiro, não sei se é 74, que eu já usei um mundo mais tenebroso, um desenho mais forte, um esmagamento do ser humano, figuras em pau de arara num sabe? Fui introduzindo lentamente a incorporação da brutalidade de uma época. [...] O desenho meu tem muita coisa ligada a isso, durante a vida inteira, a pintura menos, porque eu não sabia fazer a interligação do grotesco com uma estética mais natural, a fisionomia mais natural. Então, é por isso que eu disse que a minha arte, ela não é revolucionária na estética.

Flávio Tavares declara que sua obra não vem propor uma revolução estética, não possui um teor revolucionário, ele contextualiza exemplificando que *“quando eu vou pintar o cavalo, eu pinto o cavalo, mesmo que ele seja um pouco diferente do cavalo, ele tá dentro dessa coisa”*. O artista também descreve que sua arte, no início da carreira, apresentava características sacra, às vezes de natureza morta ou com traços oníricos⁵, além das mulheres ainda quase sempre presentes em seus trabalhos.

Diante da situação vivida no país durante a ditadura militar, ele passa a produzir charges políticas e a sua arte passa a retratar aspectos culturais, sociais e políticos expressando o seu posicionamento crítico por meio do desenho e da pintura.

A partir do exposto, pode-se compreender que pelas vivências de Flávio Tavares houve uma mudança de postura em que o artista passa a agir criticamente e com liberdade diante do mundo, posicionando-se frente às questões socioculturais, de forma a representar as suas leituras.

Na entrevista, Flávio Tavares ainda menciona obras suas que trazem como características marcantes as evidências de fatos políticos, como por exemplo o álbum *Agora, O Pavão sem mistério*; a série *Os Banquetes e a Brutalidade*; os painéis *Brasil, O Golpe: A Ópera do fim do mundo*; *Carmem Miranda* e *O Rei da Vela* (Anexo B), entre outros.

Flávio Tavares ainda comenta que a ideia que o conduziu a produzir a obra *Agora, O Pavão sem mistério*, foi a seguinte: *“[...] um pavão sem as penas, ele não passa de uma ave comum e a vida da gente na época da censura, sem as ideias, sem a liberdade, a gente não passa de um presidiário.”* Fica explícito na resposta de Flávio Tavares que as obras dele demonstram sua postura

⁵ onírico - relacionado com um mundo de sonhos.

protagonista, sua maneira de se posicionar diante da realidade, de expressá-la de uma forma crítica e consciente, aproximando-se do que defende Edmir Perrotti (2017) ao tratar de protagonismo cultural, como uma luta e uma atitude diante do mundo.

Expressando ainda o seu protagonismo cultural, Flávio Tavares atua de maneira consciente no intuito de refletir e levar à reflexão essas questões sociais que estava vivenciando em uma época de censura. Ele não se deixou dominar pela impossibilidade de se expressar, encontrando na ilustração de charges um meio de fazer isso. Assim, também se identifica uma postura protagonista de enfrentamento diante das adversidades impostas pelo “sistema”, em uma tomada de posição do direito de expressar-se e possibilitar o pensamento crítico do leitor.

Ao comentar sobre a obra que estava se dedicando no momento da entrevista, intitulada de *Claustrum*, em que retrata suas reflexões em relação a sua vida pessoal, as relações humanas e a política, Flávio Tavares afirma que: “O Brasil perdeu essa capacidade de liberdade muito antes de adquirir a sapiência coletiva num é? A gente tá sendo dominado justamente por meios que estão aí massificando as pessoas de forma absurda”. Com base nessa afirmação, é possível perceber a sua preocupação em relação a um processo massificador que vem sendo implementado por uma corrente de pensamentos extremistas que caminha na perspectiva de “atingir” grande parte das pessoas que não tiveram oportunidade de desenvolver um repertório que pudesse fazer frente as variadas formas de alienação.

É possível constatar que o artista Flávio Tavares se utiliza dos dispositivos de arte produzidos por ele para se expressar e também para levar informação para o público em geral. Durante a entrevista realizada, em muitos momentos, percebe-se o quanto Flávio Tavares evidencia a necessidade do artista em interagir com público, quando em uma de suas falas ele ressalta que “O artista tem essa necessidade dele conseguir um pouco interagir com um mundo que você tá vivenciando” e conseguindo alcançar essa interação com o mundo em que o público se encontra inserido é possível estabelecer um processo dialógico em que Flávio Tavares interfere e recebe a interferência dos sujeitos leitores. Desse modo, ratifica-se que sua postura protagonista não se limita a esfera privada, mas se articula com o coletivo, aproximando-se do que defende Edmir Perrotti (2017) ao tratar do protagonismo cultural.

Segundo Flávio Tavares, a utilização de uma simbologia ligada ao fabulário facilita muito na inserção de temas ou fatos que poderiam de certa maneira sofrer algum tipo de censura, pois para ele: *“através da fábula, então você é capaz de falar do rei, sem o rei saber que você está falando dele (risos)”*. Partindo desse princípio, o artista se coloca de maneira mais livre para seguir a sua criação, não se importando com um possível enfrentamento diante do tema representado na obra.

Conhecendo-se a sua produção artística que retrata com perspicácia as questões políticas e sociais, que trazem influências tanto da literatura quanto de outras expressões artísticas, e ainda apresenta claramente personagens e fatos conhecidos dentro da política nacional, perguntou-se sobre a existência de alguma censura de suas obras e Flávio Tavares respondeu que

Não, assim, não, não passei pela censura oficial não, aquela censura que tinha, muitos passaram de forma dolorosa de cortar a música, de tirar o livro de circulação. Eu cheguei a ser preso porque eu tava pichando a rua, eu pichei a casa de um coronel do exército aí a polícia me pegou, pegou e depois fui solto num é? Mas... foi um acidente de trabalho (risos) [...] Mas, de todas as censuras, a pior censura é a autocensura, aquela que o artista tá querendo fazer isso ou aquilo, ele não tem meios de fazer aquela obra porque se você tem o ofício de pintar pra viver, é uma canga, você não tem liberdade. Então o mercado de arte pra assimilar um artista que tenha plena liberdade na imagem, ele é um mercado praticamente inexistente, porque ninguém vai botar na sua casa um quadro de uma pessoa torturada [...] pra existir essa obra tem que existir as instituições, era isso que o Brasil deveria fazer, fazer museus.

Apesar de não ter sofrido censura direta em suas obras, como afirma Flávio Tavares, ele destaca um ponto crucial para o exercício da liberdade do artista, de que caso necessite sobreviver do seu trabalho, a sua demanda se limita bastante diante do fato de que a arte produzida pelo artista, geralmente, será adquirida por pessoas que desejam ter a obra em seus acervos pessoais, fato que vem a restringir a liberdade do artista em relação às informações que deseja que compoñam sua arte. Para ilustrar a situação, ele cita o exemplo em que *Portinari* foi questionado sobre trabalhos que estava fazendo: *“Como é Portinari, que você tá fazendo retrato de madame? Ele disse: Eu tenho que sobreviver e antes de ser artista eu sou um pintor e pintor é pra pintar tudo”*. Flávio Tavares ainda complementa dizendo que para seguir sobrevivendo do seu ofício e buscando um pouco de liberdade em sua arte, às vezes se está pintor, noutras se é artista, ou

seja, em ocasiões ele será um pintor que é demandado e cumprirá seu ofício visando a obtenção de recursos, inclusive para manter sua arte, que em outro momento lhe concede a “liberdade” de expressar-se artisticamente.

Flávio Tavares também chama a atenção para a questão do acesso ainda restrito aos dispositivos informacionais e culturais, por parte significativa da população. Citando como o exemplo a falta de museu no Estado da Paraíba comenta que

A Paraíba só tem Campina Grande, mas o museu de Campina Grande tem muito boas obras, mas ele é muito parado, a gente quase não tem uma dinâmica de desenvolver uma cultura de museu aqui na Paraíba [...] A gente sempre lutou pela existência de um museu, porque um museu é que faz a arte ser transpirada para o grande público, pra o povo, pra você ver [...] pra você ir lá estudar, sentir, discutir, é essa a função da arte, por isso que eu gosto muito de mural, mural é mais aberto ao público, mais aberto à discussão.

Ao falar sobre o museu e outros ambientes informacionais que tratam sobre obras de arte, Flávio Tavares destaca a importância de um dispositivo que oportuniza o processo do debate, da reflexão e do agir de outros protagonistas, como os agentes mediadores, que podem favorecer essas trocas de informações. Ele também lamenta o fato do Estado da Paraíba só possuir um museu e também o fato do mesmo não funcionar com a dinamicidade necessária para atender às expectativas dos artistas. Assim, o “sistema” consegue impor uma censura de forma velada, na qual o artista precisa retratar o “belo” para poder vender e sobreviver, à medida em que a população não tem museus para ter acesso às obras de arte, resta a televisão que tem o propósito não necessariamente de informar, mas de conduzir o máximo de pessoas para onde o próprio “sistema” orienta.

No Brasil, o artista pode fazer uso de suas redes sociais para apresentar ao mundo a sua visão crítica das coisas, porém faz-se necessário discutir que parte da população tem acesso à internet e qual parcela desse grupo tem acesso a esses perfis que disseminam a arte, como também quais são os sujeitos que se apropriam das informações expostas tanto nos dispositivos de comunicação quanto no dispositivo de arte, o que remete ao entendimento de Edmir Perrotti (2017, p. 22) quando afirma que “[...] não há, também, como deixar de considerar que o acesso, embora indispensável, não é condição suficiente de apropriação

cultural.” Não se pode esquecer de que os dispositivos culturais existentes no país, em geral, se encontram muito distantes das populações com menor condição financeira, implantando mais um empecilho em relação ao acesso a esses dispositivos por parte da população. Fato que evidencia a importância da manutenção de políticas públicas de ações afirmativas que possam subsidiar a reparação das políticas de segregação e exploração implantadas no Brasil desde o seu “descobrimto”.

Nesse contexto, buscou-se saber de sua interação com os seus leitores. Sobre esse tema Flávio Tavares falou dos recursos de comunicação que utiliza nesse processo de interação, apontando que

Ah, é muito precário, é muito facebook, tem um canal de YouTube num é, que eu penso botar esse filme que Eduardo tá fazendo, com esse último quadro, mas o recurso é muito assim com uma visão ainda caseira, porque são amigos de facebook que divulgam, não tenho nenhuma instituição oficial que divulgue o trabalho, assim... fica muito ainda fechado a um pequeno público num é? [...] Sim, [já] o Instagram eu domino menos, que eu me esqueço, num sabe? Divulga muito, o Instagram é ótimo, ótimo mesmo. E tem gente de fora que participa mesmo, você interage com muitos artistas bons ligados não só à área de pintura, mas de música, de literatura. Tem muita coisa boa, não há o que reclamar dos meios sociais não. Apenas que eu acho que há em todo mundo uma espécie de cansaço.

O Artista faz uso das redes sociais contando com a ajuda dos familiares, pois ele considera que o objetivo fim - que é o de se comunicar e interagir com o público e com outros artistas das mais variadas expressões - seja muito importante, proporcionando a ampliação do alcance da sua interação e da divulgação de suas práticas artísticas. Porém, ele faz um alerta para um momento em que se vivencia um processo cansativo, um pouco desgastado em virtude da situação decorrente da pandemia da Covid-19.

Flávio Tavares também defende que o artista precisa acreditar na arte, que o importante é conhecer outras pessoas e ainda destaca a importância de: “*Que você sinta seu papel na sociedade, que você tá do lado certo*”. Entende-se que Flávio Tavares trata também da questão do ser (re)conhecido, de se ter consciência do papel na sociedade, de estar trilhando um caminho que na maioria das vezes não é fácil, mas que é necessário transmitir suas convicções ao mundo.

O Artista foi questionado se considerava importante a ação dialógica e em que medida essa interação com o seu público influencia em sua produção artística e a resposta apresentada foi que

Ele influencia no sentido de você ter um compromisso de sala de aula num sabe? E ao mesmo tempo aprendendo com os alunos, há sempre uma intertextualidade, vamos dizer assim, de você ver opiniões fantásticas de pessoas, você se sente comprometido [...] o público tem uma importância fenomenal, essa mediação entre o público, isso que você tá fazendo comigo, é uma coisa importantíssima, magnetiza a pessoa sabe, não é a necessidade de aplauso, nem de plateia não, é uma necessidade de você estar com o outro e ao mesmo tempo você estando com o outro você sente ânimo [...] Então a arte tá dando vida no sentido pessoal e sinto que as pessoas gostam de tá junto com o fazer da pessoa assim, existe uma afetividade, pronto a palavra é essa, existe um sentimento afetivo é muito bonito e isso é o que move a gente, que move a força, é um compromisso, num é um compromisso de futuro não, é um compromisso do dia de hoje, é uma coisa mais importante que você tá fazendo aquele trabalho, como um pão sendo feito na padaria e é o alimento do dia a dia num sabe?

Para Flávio Tavares o diálogo mantido com o seu público exerce um “magnetismo” que o preenche de ânimo e que desperta o compromisso de permanecer atuando nessa interação de forma a nutrir cada vez mais a afetividade desenvolvida e ainda se assume comprometido em fazer do seu trabalho de cada dia o “alimento” necessário para todos os que se envolvem direta ou indiretamente com a obra. Esse entendimento expresso pelo artista demonstra a sua atuação protagonista, evidenciando uma aproximação com a reflexão de Edmir Perrotti (2017, p. 15) quando fala que: “[...] protagonistas assumem a luta pela construção, pela criação, como atitude face ao mundo.”

Quando perguntado se considera que o seu público se sente representado por meio de suas obras, Flávio Tavares respondeu que

Acho que sim, eu acredito assim, que há um propósito da obra ser o autor, que todo autor é a obra. Então essa história de você se confundir com a obra isso não, mas eu acho que representa muito o universo meu, como eu olho, talvez seja essa empatia que algumas pessoas têm, seja o olhar que as pessoas têm também do mundo que gostaria de pintar ou de ver aquele mundo, através dos olhos dos outros, que só pode ser isso, alguma coisa quando eu pinto uma cena tal, essa cena você gostaria de ter pintado ou é como você quando ouve uma música aí diz: ‘ah, gostaria muito de ter feito essa música pra você’, então existe essa empatia, existe essa interligação da obra como, vamos dizer assim, uma essência que representa muito o mundo deles e o nosso também num é? Há uma passagem muito séria entre esses dois mundos.

Para Flávio Tavares fica evidente que o seu público se sente representado em sua obra, pois possivelmente apresenta o mundo que as pessoas gostariam de ver ou ter criado, um mundo idealizado pelas pessoas, não no sentido de sonho, de utopia, mas no sentido de concretizar através da arte o lugar em que se vive, demonstrando suas belezas, mas também apontando de maneira crítica as situações relevantes para que ele seja o mundo que deseja ver ou aonde se deseja viver.

Na próxima subseção é apresentado o entrelaçamento das pinturas de Flávio Tavares com as obras de literatos paraibanos.

5.2 ENTRELACES DAS NARRATIVAS LITERÁRIAS E DOS TRAÇOS SOCIOCULTURAIS CONTIDAS NAS PINCELADAS DE FLÁVIO TAVARES

Flávio Tavares em suas obras adota técnicas como óleo sobre tela, acrílica sobre tela, aquarela, nanquim, entre outras. O Artista, para além da multiplicidade de técnicas e de traços ancorados na originalidade, manifesta o sentimento de um verdadeiro amante da arte, quando se constata que várias de suas produções são inspiradas em outras expressões artísticas, como, por exemplo, na literatura, no cinema e na música. Ao realizar a leitura de suas obras também é possível identificar a riqueza de informações que circulam livremente pelo seu trabalho, que envolve traços do cotidiano do seu lugar de pertencimento, que é o nordeste brasileiro, como também temáticas de interesse coletivo, como o meio ambiente, as relações de trabalho, a política etc. Assim, pode-se refletir que tais obras são dispositivos informacionais, por meio dos quais Flávio Tavares tem um “encontro” com o leitor, possibilitando interferir em sua percepção e relação com o mundo, portanto, desenvolvendo uma mediação indireta da leitura.

Em se tratando das produções de Flávio Tavares que são advindas de obras bibliográficas de literatos, pode-se identificar telas e desenhos associados às produções de escritores como *Jorge Amado*, *Gabriel García Márquez*, *Machado de Assis*, *Ariano Suassuna*, *José Lins do Rego*, *José Américo de Almeida*, *Augusto dos Anjos*, sendo os quatro últimos paraibanos. Para além das diversas temáticas, algumas citadas anteriormente, Flávio Tavares também focaliza em sua obra a literatura em um cotidiano sobre os paraibanos, evidenciando signos representativos desse povo, como: os trabalhadores da

cana-de-açúcar e dos engenhos, associados à obra de *José Lins do Rego*; os retirantes da seca, presentes na obra de *José Américo de Almeida*; o sertanejo e o vaqueiro, retratados na obra de *Ariano Suassuna*; como também os animais e as feras, nos poemas de *Augusto dos Anjos*.

Com isso, inicia-se esta seção focalizando a obra de Flávio Tavares que, na visão da pesquisadora, possibilita a identificação de todos os literatos paraibanos citados anteriormente e a partir dela, na sequência, são apresentadas duas obras de cada um desses literatos, com exceção de *José Américo de Almeida* que tem apenas uma obra correspondente, obedecendo todos os critérios já estabelecidos. É importante destacar que as análises expostas no trabalho não têm a pretensão de engessar o processo interpretativo das respectivas artes, mas para poder alcançar o objetivo proposto de compreender tais obras, como dispositivos capazes de ampliar o processo de mediação da leitura, buscou-se fazer associações entre as telas e passagens registradas nas obras literárias dos autores paraibanos mencionados.

A Figura 1 refere-se ao painel *O Espírito Criador do Povo Nordestino*, uma obra criada em 2010 utilizando a técnica de óleo sobre tela, possui o formato de 380 x 150 cm e atualmente faz parte do acervo do Tribunal de Contas da Paraíba⁶. No referido painel é possível observar elementos representativos de várias cidades paraibanas, apesar de receber o título que especifica o povo nordestino, entende-se que o Artista possa considerar o lugar onde nasceu e vive até hoje como um exemplo claro do que seja o Nordeste, de como toda a região foi constituída através da garra e do trabalho de seu povo, seja pelo cultivo do algodão, da cana-de-açúcar e do milho, na lida nos engenhos, no trabalho com o gado, entre outros.

Na obra, o Artista faz referência aos povos originários que desde o início do processo de colonização apresentaram forte resistência à usurpação implementada pelo homem branco, lutaram bravamente para defender a sua terra e que, infelizmente, foram sendo derrotados e obrigados a ocupar apenas uma pequena parte de todo o território que lhes pertencia. Outra referência trazida por Flávio Tavares, é o vaqueiro, forte símbolo do povo sertanejo que segue na lida

⁶ Tribunal de Contas do Estado da Paraíba - situado na R. Prof. Geraldo Von Sohsten, 147 - Jaguaribe, João Pessoa - PB.

com os seus tradicionais chapéus e vestes em couro, os paramentos utilizados para proteção contra os espinhos e galhos secos da caatinga nordestina onde o gado era criado de maneira mais livre. Também é possível observar uma alusão aos tropeiros da Borborema, homens que viajavam em tropas de burros levando o algodão produzido no sertão paraibano para a cidade de Campina Grande e que na volta levavam consigo gêneros alimentícios para serem comercializados em sua região de origem.

Dessa maneira, além da representação dos indígenas, do vaqueiro, tropeiros da Borborema, Flávio Tavares referencia os agricultores, apresentados na Figura 1 pelos apanhadores de algodão e de milho, pelos cortadores de cana-de-açúcar dos engenhos e pelas vendedoras de frutas. Em meio a tanta riqueza apresentada na idealização do Artista, em relação à construção do seu estado, foram igualmente retratados os quebradores de pedras da região do Seridó paraibano, como também os artesãos do estado.

Figura 1 – O Espírito Criador do Povo Nordestino



Fonte: http://flaviotavares.com.br/pt_br/galeria/

Nota: Obra criada em 2010; Óleo sobre tela. Integra o acervo do Tribunal de Contas da Paraíba, em João Pessoa.

Entende-se que as informações contidas na tela são decorrentes da escolha do Artista com o objetivo de alcançar o leitor, mas para além desse conteúdo que se objetiva, existem as subjetividades do sujeito leitor e que elas estão ancoradas no seu repertório informacional, nas suas vivências e

experiências de leituras de mundo e que são acionadas no contato com o dispositivo informacional de que se trata aqui na obra de Flávio Tavares. Esse dispositivo tem em si implicações (posto que ele interfere), como também o tem o Artista, que por meio dele interfere no acesso à informação, mas o sujeito leitor aciona informações de acordo com o seu repertório informacional, ou seja, existe nesse processo subjetividades que vão além da intenção do agente mediador.

Com base no entendimento de Maria Helena Martins (1988), quando defende a expansão da ideia de leitura para além do texto escrito, provoca a considerar outras expressões do fazer humano que são passíveis de registrar e compartilhar informações, portanto, de se ler. Entende-se que para realizar a leitura de uma tela, o leitor acessará o seu repertório informacional e cultural que respaldarão o seu pensamento na concepção das mais variadas interpretações, por isso, compreende-se que os elementos retratados na Figura 1 podem evocar nos leitores experiências vivenciadas nos espaços representados, a exemplo da ilustração do *Lajedo de Pai Mateus*⁷, ou até mesmo fazer associação com obras de literatos que têm em suas produções elementos apresentados na obra.

Em determinadas situações, a informação que o Artista desejou compartilhar, por meio do dispositivo que influencia o processo de mediação da leitura, pode ser apropriada, ou apenas desestabilizar outras informações que o leitor possui em seu repertório de conhecimento, sendo que a informação inicial não seja totalmente apreendida pelo leitor. Assim, cada sujeito leitor poderá ampliar ou ressignificar seu repertório de acordo com o processo de apropriação da informação que realiza, subsidiado pela atuação dos agentes mediadores.

Ainda alinhado ao exposto, destaca-se a descrição que Flávio Tavares fez da obra citada - *O Espírito Criador do Povo Nordestino* - representada na Figura 1, em uma publicação em seu perfil no *facebook*, em 21 de julho de 2019, da seguinte maneira:

*Minha querida PARAIBA.
O sol no sertão acima do pico do Jabre iluminando a nossa terra.
Tem a beleza de Cabaceira, a Fazenda Acauã onde Ariano Suassuna morou quando era pequenino, a pedra da Boca em Araruna, o açude de São Gonçalo, a serra da Borborema, os engenhos de José Américo, Zé Lins e Augusto dos Anjos, do lado direito a Ponta do Cabo Branco, à*

⁷ Lajedo de Pai Mateus é uma elevação rochosa com formações arredondadas em granito, fica situado na região do município de Cabaceiras, conta-se que no século XVIII um ermitão e curandeiro, conhecido por Pai Mateus, habitou o lugar.

esquerda, vaqueiros, vacas e cabritos, algodão e a Itaquiara do Ingá (o maior monólito com inscrições rupestre da América do Sul, registrado no Livro O Despertar dos Mágicos de Jacques Bergier e Louis Pauwels), tem também a paisagem do vale dos Dinossauros em Sousa no alto sertão. No primeiro plano do painel está representado nossa arte popular, o homem de chapéu escuro é minha homenagem ao grande escultor de Sumé, BENTO. Tem muita magia nesse nossa pequenina mulher macho sim senhor. Viva o nosso Reinado do Sol. (TAVARES, 2019).

Flávio Tavares reafirma o que foi citado anteriormente, tanto quando se observou que a obra é capaz de evocar espaços geográficos da Paraíba quanto aos elementos que compõem as obras de literatos paraibanos, uma vez que o próprio Artista plástico faz menção a tais elementos em sua descrição. O encadeamento das interpretações é favorecido a partir da apresentação feita pelo Artista, possibilitando aos que já conhecem a região a identificação de detalhes que, em alguns casos podem não ter sido percebidos, como também convida a ser realizada uma leitura e compreensão de tais elementos pelos leitores que ainda não conhecem o estado. Pode-se dizer ainda que, em ambas situações, existe um processo de mediação cultural com base em informações compartilhadas por Flávio Tavares, promovendo um despertar no interesse do leitor em (re)conhecer o universo representado no painel em questão.

Ainda na Figura 1, é possível observar elementos que destacam várias microrregiões do estado, sendo importante destacar que Flávio Tavares constrói o seu painel em um formato livre, não levando em consideração a geografia real do estado. O Artista evidencia pontos que, provavelmente, possam ter alguma importância para si, a exemplo da Praia do Cabo Branco, que também fora representada em outras obras suas. Destaca-se especialmente uma dessas obras, uma tela feita em 1998 e apresentada na exposição *Canteiros da Memória*. Na obra em questão, o Artista traz a sua família retratada na referida praia, tendo o seu pai de costa contemplando a paisagem e a sua mãe com os seus irmãos em seu entorno. Essa tela citada é repostada em suas redes sociais na *web* algumas vezes, evidenciando que seja um momento importante e recorrente em sua memória afetiva, ou seja, esse lugar, a Praia do Cabo Branco, pode ser representativo para a constituição memorialística e identitária de Flávio Tavares. Assim, ao intitular a obra *O Espírito Criador do Povo Nordestino*, ela também representa Flávio Tavares como um ser atrelado a esse território, esse nordestino criador da obra e também sendo criatura formada e representada por ela.

Na tela representada na Figura 1, percebe-se também uma área de elevação rochosa e iluminada que o Artista apresenta como sendo “O sol no sertão acima do pico do Jabre iluminando a nossa terra” (fragmento do trecho citado no perfil do *facebook* do Artista e apresentado acima). O *Pico do Jabre* é o ponto mais alto da Paraíba e está localizado no município de Matureia, próximo à cidade de Patos, que por sua vez recebe a alcunha de ‘a morada do sol’. No entorno do *Pico do Jabre*, o Artista representa outro aglomerado rochoso conhecido por Pedra da Boca, situada no município de Araruna; a Fazenda Acauhan, fonte de inspiração do escritor *Ariano Suassuna*; o Lajedo de Pai Mateus e também a representação de um engenho, elemento de muita importância e forte presença nas obras de outros escritores, a exemplo de *José Lins do Rego*, *Augusto dos Anjos* e *José Américo de Almeida*.

É possível identificar uma outra elevação rochosa bem no centro da tela, a Pedra da Itaquiara, um sítio arqueológico situado no município de Ingá, e em seu entorno, o Artista representa os povos originários; o Vale dos Dinossauros de Sousa; a comitiva dos tropeiros da Borborema, talvez em uma tentativa de representar que esses espaços geográficos foram e são elementos de referência para as pessoas que percorrem o caminho do interior ao litoral, ou vice-versa.

Pode-se dizer também que ao representar esses espaços geográficos, destacados na Figura 1, a obra assume o papel de um “mapa” que descreve elementos significativos da cultura paraibana, ou seja, a obra retrata elementos que evocam o sentimento de pertencimento do Artista e do povo paraibano, que ao realizar uma leitura desse dispositivo pode se sentir também integrado por reconhecer esses pontos de referência da geografia de sua “terra”. Desse modo, além de atribuir um sentimento de pertencimento, também faz referência à memória individual e coletiva do povo paraibano, como aponta Joel Candau (2012), quando descreve a memória como sendo a identidade em ação, constituindo um jogo com as lembranças e os esquecimentos e, ainda, que ela, a memória, é responsável pelo sentimento de identidade.

Na referida tela se constata também a representação de catadores de algodão, dos quebradores de pedras e dos cortadores de cana, como também do vaqueiro e das vendedoras de frutas, ou seja, dos trabalhadores que lidam com atividades representativas da cultura paraibana e integram os sujeitos responsáveis pela formação e desenvolvimento econômico, político e cultural do

povo paraibano. Ocupando o primeiro plano da tela, Flávio Tavares dá destaque aos artistas populares de sua terra, de maneira a reverenciar o artista “popular”, como se tivesse a pretensão de destacar o valor da diversidade cultural de sua região. Portanto, é possível perceber as influências que ele recebeu da cultura do seu povo, em sua descrição da obra em questão, ele destaca os lugares de origem e temas constantes nas obras dos escritores paraibanos já citados, conhecidos nacional e internacionalmente, mas dá destaque especial aos artistas populares do Estado, evidenciando a pessoa de *Bento de Sumé*⁸.

Entende-se que as expressões artísticas são capazes de ampliar/potencializar a mediação cultural e a mediação da leitura, fundamentadas no processo de mediação da informação, a exemplo do trabalho de Flávio Tavares, quando faz alusão aos elementos presentes na literatura paraibana. Reforça-se que o mediador da leitura deve utilizar os variados dispositivos informacionais para alcançar o objetivo da ação mediadora. Conforme apresenta Maria Helena Martins (1988) quando afirma que a leitura é realizada quando ocorre o diálogo entre o leitor e o objeto lido, independentemente do tipo de expressão do fazer humano.

Após a análise e interpretação da Figura 1 - que estrategicamente foi selecionada por ser possível a identificação de elementos presentes em obras de escritores paraibanos, serão apresentadas figuras que ilustram indícios presentes nas obras destes escritores. Dessa maneira, inicia-se por *Ariano Villar Suassuna*, que nasceu em Paraíba do Norte, atual capital paraibana, em 16 de junho de 1927, filho do então presidente do Estado da Paraíba, João Suassuna, assassinado por motivos políticos no Rio de Janeiro, durante a Revolução de 30. *Ariano Suassuna* e família passaram a morar na Fazenda Acauhan, em Sousa, e depois mudaram-se para Taperoá, mais tarde foram morar em Recife por conta dos estudos. Formado em Direito e em Filosofia, *Ariano Suassuna* foi professor, poeta, romancista, dramaturgo, Membro das Academias Brasileira, Paraibana e Pernambucana de Letras, criador do Movimento Armorial⁹. Suas obras retratam a vida do povo nordestino por meio das riquezas de sua cultura popular.

⁸ Bento de Sumé é o artista popular Bento Medeiros Gouveia da cidade de Sumé. O artista expressa sua arte através de santos e de animais, em especial os pássaros, entalhados em madeira.

⁹ Movimento Armorial - movimento artístico criado na década de 1970 que aglutina variadas expressões de arte (música, artes plásticas, arquitetura, literatura, etc) que são fortemente marcadas por traços representativos do nordeste brasileiro, a exemplo da literatura de cordel.

Reconhecer a história de vida de *Ariano Suassuna* é relevante para perceber como Flávio Tavares representa com apreço essa importante figura da literatura paraibana e brasileira em suas obras e os traços identificados pelo Artista que demonstram esse sentimento de admiração e de representatividade de si e de outros sujeitos pertencentes ao seu contexto sociocultural.

A Figura 2, que ilustra a produção de Flávio Tavares expressa em acrílico sobre tela, intitulada *Ariano Suassuna e seu Pai*, medindo 80 x 140 cm foi criada no ano 2000 e faz parte do Acervo da Academia Paraibana de Letras¹⁰. Na obra em questão é possível identificar em primeiro plano, à esquerda da tela, a representação do escritor paraibano *Ariano Suassuna*, vestido com suas tradicionais roupas em linho branco, mais ao centro e de costas sentado em um tamborete, o cantador e poeta cordelista paraibano *João Melchíades Ferreira*, que virou personagem de *O Romance d'A Pedra do Reino e o Príncipe do Sangue do Vai-e-Volta*¹¹ e na extremidade direita o ex-presidente da Paraíba, João Suassuna, pai de *Ariano Suassuna*. Os referidos personagens se encontram em um cenário que remete a um palco, possivelmente de um teatro, onde aparece uma cena que também remete ao romance *O Romance d'A Pedra do Reino e o Príncipe do Sangue do Vai-e-Volta*, contendo elementos como as cavalhadas, o cordão azul e o cordão encarnado, as duas pedras cumpridas e paralelas apontando para o céu e que dão nome ao romance, o castelo, a paisagem pedregosa e a vegetação típica do sertão, o cangaceiro, a onça Caetana, o rei D. Sebastião de Portugal, o Veado-Galheiro de chifres entrançados, as Garças lindíssimas e brancas, o touro alado, ou seja, alguns elementos que estão descritos na obra do literato.

É possível também identificar logo atrás de *Ariano Suassuna*, o que poderia se chamar de coxia do teatro, os brasões das famílias Dantas e Suassuna, os tradicionais retratos do casal que dá origem a essa família, ou seja, a família formada a partir da união de Rita de Cássia Dantas Villar com João Urbano Pessoa de Vasconcelos Suassuna. Desse modo, além de representar o cenário público da obra, Flávio Tavares também destaca elementos da constituição

¹⁰ Academia Paraibana de Letras - situada na R. Duque de Caxias, 37 - Centro, João Pessoa - PB.

¹¹ *O Romance d'A Pedra do Reino e o Príncipe do Sangue do Vai-e-Volta* - foi publicado em 1971, romance que vinha sendo escrito por Ariano Suassuna desde 1958. Foi traduzido para o alemão e o francês e também apresentado como microssérie de uma tv brasileira.

identitária de *Ariano Suassuna*, evocando traços de sua vida privada que também podem ser representativos para o sujeito leitor, por exemplo, a exposição de quadros da base familiar, conforme pode ser observado na Figura 2.

Figura 2 – Ariano Suassuna e seu pai



Fonte: http://flaviotavares.com.br/pt_br/galeria/

Nota: Obra criada em 2000; Acrílica sobre tela. Integra o acervo da Academia Paraibana de Letras, em João Pessoa.

Diante do exposto, foi possível constatar que os elementos retratados na tela têm um significado dentro da obra do escritor paraibano e que Flávio Tavares se utiliza desses detalhes tornando sua obra um dispositivo que permite a interpretação de tais elementos, fomentando a identificação dos mesmos por parte de quem já fez a leitura de obras de *Ariano Suassuna*, como também despertando a curiosidade dos leitores que ainda não a fizeram. Esses indícios mencionados fortalecem o argumento aqui apresentado de que Flávio Tavares também assume o papel de mediador da leitura literária, visto que, segundo Sueli Bortolin (2010), a mediação da leitura deve ser entendida como uma interferência que pode ser espontânea ou planejada, em que o mediador da leitura busca aproximar o leitor de textos literários, tanto por meio da voz viva quanto pela voz mediatizada. Nesta pesquisa, amplia-se esse pensamento com a inclusão de outras formas de expressão, tal qual as artes plásticas.

Vale ainda ressaltar que, a partir da citação de Sueli Bortolin (2010), em que esse Agente Mediador utiliza uma “mídia” para ampliar o acesso ao dispositivo

original, visto que as figuras aqui apresentadas são disponibilizadas em ambientes virtuais, como *site*, *Instagram*, entre outros pertencentes ao Artista, percebe-se que Flávio Tavares realiza uma mediação “midiatizada”. Além dessa estratégia que amplia o acesso à informação e à leitura literária para sujeitos que estão distantes do seu espaço geográfico, o Artista também realiza uma mediação “viva”, quando possibilita o encontro consigo (conforme apresentado nas próximas seções), em ambiente físico. Assim, Flávio Tavares se destaca como um mediador da leitura literária que se preocupa em ampliar o acesso à informação e as práticas culturais, por meio das atividades mediadoras que realiza para além do ambiente físico.

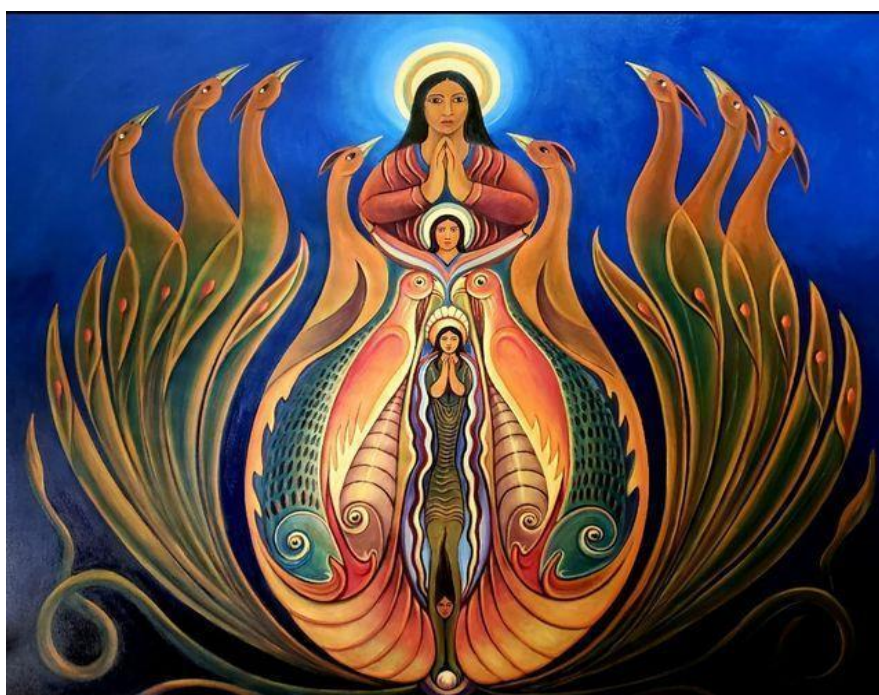
É válido destacar que no processo mediador, quando se utiliza de diferentes dispositivos informacionais para realizar uma ação mediadora, a exemplo do que tem sido apresentado nesta pesquisa, com a observação do entrelaçamento das pinturas de Flávio Tavares com a obra literária de *Ariano Suassuna*, pode se alcançar no leitor o desenvolvimento do sentimento de pertencimento a partir da identificação de elementos que são basilares na sua constituição identitária. Por isso, cabe ao agente mediador buscar planejar ações que possam ampliar a percepção do leitor, na relação que ele constitui com o ato de ler significativo que, de acordo com Lígia Maria Moreira Dumont (2020), ocorre a partir do momento em que a informação se transforma em conhecimento e assim permita que uma leitura induza a outras.

É possível observar, tanto na Figura 2 quanto na Figura 3, a presença de elementos da natureza, a exemplo dos espaços geográficos com suas vegetações características, como também alguns animais como o boi, o burro, o cavalo, o bode, a onça e, especificamente, o pavão que é colocado como ponto central do primeiro plano da tela. Infere-se que a figura do pavão e sua localização possa estar representando uma relação com a criação, o nascimento, visto que, na Figura 2 o animal se coloca entre o pai de *Ariano Suassuna* e o cantador de viola *João Melchíades*, padrinho de crisma e mestre de cantoria de D. Pedro Dinis Ferreira-Quaderna. *João Melchíades* se assemelha a um narrador, que “traduzia” ou “comunicava” o mistério e a beleza do mundo por meio de sua cantoria para o personagem principal de *O Romance d’A Pedra do Reino e o Príncipe do Sangue do Vai-e-Volta*, o D. Pedro Dinis Ferreira-Quaderna. Essa relação pode ser associada ao papel desempenhado pela figura paterna, fato que pode justificar a

aproximação do pai de *Ariano Suassuna* e o cantador de viola *João Melchíades* na obra de Flávio Tavares, pois o fato de *Ariano Suassuna* ter perdido o pai quando ainda criança pode ter feito ele representar a importância desse personagem que “traduz ou comunica” o mistério e a beleza do mundo, como possivelmente faria o seu pai.

Na Figura 3 o pavão se encontra na centralidade da criação, já não mais associado à figura masculina, mas tendo a mulher como o “eixo fundamental da criação”.

Figura 3 – O trono alumioso da musa incandescente



Fonte: <https://www.facebook.com/profile.php?id=100012172950096>

Nota: Obra criada em 2020; Acrílica sobre tela. Integra acervo particular.

A Figura 3 é uma tela criada por Flávio Tavares em 2020 e faz parte da série *Santuários da Amazônia*, foi produzida em acrílica sobre tela e compõe um acervo particular. A tela recebe o nome de *O trono alumioso da musa incandescente*, uma homenagem que o Artista fez a *Ariano Suassuna*, como declarou em uma de suas redes sociais na *web*. Entende-se que Flávio Tavares, possivelmente, tenha associado à sua inspiração pautada nas lendas, fauna e flora amazônicas a influência d’*O Romance d’A Pedra do Reino* e o *Príncipe do Sangue do Vai-e-Volta*, visto que logo no início do livro de *Ariano Suassuna* encontra-se o verso que diz,

*Ave Musa incandescente
do deserto do Sertão!
Forje, no Sol do meu Sangue,
o Trono do meu clarão:
cante as Pedras encantadas
e a Catedral Soterrada,
Castelo deste meu Chão! (SUASSUNA, 2012).*

Como visto na Figura 2, apresentada com muitos traços que remetem à obra de *Ariano Suassuna*, em especial *O Romance d'A Pedra do Reino e o Príncipe do Sangue do Vai-e-Volta*, o verso acima apresentado faz parte do referido romance e apresenta a figura feminina referenciada na ideia das musas e remete a outros trechos do mesmo livro, como, por exemplo, quando o escritor cita a necessidade de ser socorrido pelas Musas de outros Poetas Brasileiros e de sua própria. Em outros trechos o autor, *Ariano Suassuna*, ainda cita outras musas como: as musas da vida e da morte, como também a musa da face ensolarada. Pode-se inferir que essa última musa é representada na tela da Figura 3. Esse aspecto pode ser associado à recordação da passagem em que o cantador *Melquíades* cita as tais musas na busca por conceituar o ser poeta dizendo:

Ser Poeta, não é somente escrever estrofes! Ser Poeta, é ser um 'geníaco', um 'filho assinalado das Musas', um homem capaz de se alçar à umbela de ouro do Sol, de onde Deus fala ao Poeta! Deus fala através das pedras, sim, das pedras que revestem de concreto o traje particular da Ideia! (SUASSUNA, 1971).

No romance em que o leitor se depara com um mundo enigmático e narrado por Quaderna, observa-se a menção que o poeta cantador *Melquíades* faz dos filhos das musas que foram assinalados, ou seja, marcados de maneira distinta e, ainda continua apresentando em seu diálogo os tipos de poeta, entre eles o Poeta Cantador de repente, categoria em que ele próprio se encaixa, e segue defendendo que "O Mundo é um livro imenso, que Deus desdobra aos olhos do Poeta! Pela criação visível, fala o Divino invisível sua Linguagem simbólica." Declara ainda que para além de vocação, a poesia é tão sublime quanto a música e a pintura, suas irmãs gêmeas. Assim, *Ariano Suassuna* vai apresentando os personagens do seu universo repleto de mistérios, dando espaço para que as pessoas que muitas vezes são retratadas como sofredoras e miseráveis sejam

apresentadas como “uma gente”, que apesar da dura vida que leva, carrega consigo, com muita dignidade, a nobreza da alma e a simplicidade da vida.

Nesse romance pautado na narrativa de Quaderna, são atribuídos títulos de nobreza para os mais variados tipos de pessoas que povoam o Sertão, fato que se assemelha ao trabalho de Flávio Tavares que vem apresentando em sua obra, de maneira recorrente, a nobreza e a grandiosidade existente no Sertão, no Nordeste e, sobretudo, nas pessoas que ali vivem. Em suas telas é notória a valorização que o Artista confere, em especial, ao trabalhador nordestino. Podendo ser conferido em muitas de suas artes, especialmente no painel *Getúlio Vargas e o Povo Nordestino* (Anexo E) que retrata a criação do Ministério do Trabalho, obras em que o Artista apresenta o povo trabalhador como os verdadeiros pilares que sustentam o país.

Observa-se na Figura 3, o destaque da imagem feminina, em aspectos distintos, desde a pequenina mulher que surge na parte mais abaixo da obra, bem no centro acima de uma pérola dando a ideia de nascimento que, entre outros elementos, compõe a representação de uma genitália feminina. Mais acima, pode ser vista uma outra figura feminina de mãos postas e que, de acordo com Flávio Tavares, é a representação da Rainha das Águas, a Iara, representando a cultura dos povos originários. Continuando no sentido ascendente da tela, nota-se a imagem de mais uma figura feminina, que nas palavras do Artista seria “Oxalá de braços abertos, sustentando uma espécie de ovo cósmico” e contribuindo para a harmonia entre o sincretismo religioso, tem-se a *Deusa da Mulher Vestida de Sol*, que tem relação com outra obra de Ariano Suassuna, a peça de teatro *Uma mulher vestida de sol*, de 1947. Percebe-se também a apresentação de pares de animais como pássaros e peixes, todos envolvidos por alguns exemplares da chamada fênix, uma ave mitológica que carrega em si a representação do triunfar da vida, do renascer das cinzas preservando sua essência. Portanto, observa-se que a composição da tela retratada na Figura 3 está centrada na exaltação da figura feminina, pautada nos fabulários da Amazônia e de Ariano Suassuna.

Ressalta-se que nessa e em outras obras o Artista, Flávio Tavares, busca representar a importância da mulher, pois, tomando como base Ariano Suassuna, que também teve sua formação com base nos cuidados maternos, do mesmo modo, Flávio Tavares possui uma ligação com sua mãe, a retratando em muitas de suas obras. A mulher, apesar de não ter o devido reconhecimento na sociedade

brasileira e durante muito tempo vem buscando os seus direitos, no que tange a equidade social, essa figura relevante para a sociedade, é a base para muitas famílias, em especial, nordestinas, que comprovadamente, assumem a responsabilidade de cuidar da formação familiar e, em muitos casos, o sustento da família. Assim, mais uma vez, nota-se características identitárias e memorialísticas nas obras de Flávio Tavares, no que tange a representação da formação e das relações na sociedade e que pode exemplificar claramente o pensamento de Joel Candau (2005), quando destaca que memória e identidade se apoiam, se conjugam e se nutrem mutuamente na produção da trajetória de uma vida.

Ainda centrado na temática da natureza e adentrando nas telas de Flávio Tavares que estão alinhadas à poesia de *Augusto dos Anjos*, é importante destacar algumas informações que dizem respeito a este literato. *Augusto de Carvalho Rodrigues dos Anjos* era descendente de antigos senhores de engenho e nasceu, em 20 de abril de 1884, no Engenho Pau D'Arco, na Vila do Espírito Santo, atual cidade de Sapé-Paraíba. Estudou em casa com o seu pai e ingressou no Liceu Paraibano para cursar o ensino secundário. Formou-se em Direito, mas não seguiu carreira, escreveu para alguns jornais e passou a atuar como professor. *Augusto dos Anjos* é conhecido por muitos como o poeta da morte, em decorrência da constante lembrança da finitude da vida, dos temas sombrios e mórbidos, do emprego da subjetividade e do vocabulário científico sempre presentes em seus poemas, mas também é considerado por outros como um poeta genial cuja obra trazia muitas críticas sociais, apresentando a realidade nua e crua, apontando as mazelas do mundo, as relações violentas, a ingratidão e que não se enquadra em escola literária alguma. Autor de um único livro denominado "*Eu*", *Augusto dos Anjos* é um dos poetas mais lidos e reeditados do país e foi eleito o Paraibano do Século XX¹².

A obra é uma ilustração feita em nanquim aquarelado do poema *Debaixo do Tamarindo*, que foi publicado inicialmente no único livro do poeta intitulado *Eu*, livro este que depois de sua morte, por iniciativa de seu amigo, escritor e dramaturgo *Órris Soares*, fora publicado em 1919, com o acréscimo de outros

¹² Paraibano do Século XX - foi uma eleição popular realizada por uma rede de televisão, na ocasião Ariano Suassuna que também concorria ao título, fez campanha para que Augusto dos Anjos fosse eleito.

poemas e reeditado como *Eu e Outras Poesias*. Com base nessa publicação, Flávio Tavares, em 1994, desenvolve uma obra intitulada *Embaixo do Tamarindo*, que integra um acervo particular, conforme apresenta-se a seguir.

Figura 4 – Embaixo do Tamarindo



Fonte: <https://www.facebook.com/profile.php?id=100012172950096>

Nota: Obra criada em 1995; Bico de pena aquarelado. Integra Acervo Particular, em João Pessoa.

Na Figura 4, em publicação feita por Flávio Tavares em uma de suas redes sociais na *web*, a imagem inicialmente publicada no livro *Augusto dos Anjos - A saga de um poeta*, cujos organizadores são *Murilo Melo Filho* e *Juca Pontes*, pode-se perceber que ao lado da ilustração foi citado o poema que provavelmente o inspirou na realização da obra. Essa apresentação de imagem e texto possibilita a associação que o leitor da publicação poderá realizar ao ler tais dispositivos, fomentando o acesso a parte da obra do poeta paraibano e possibilitando o despertar do interesse dos leitores em conhecer mais da obra do referido poeta. Atitude mediadora que se aproxima do entendimento de Lidia Eugenia Cavalcante (2020) quando afirma que a liberdade e a autonomia dos sujeitos a partir do ato de ler é um exercício de alteridade e que o ato de ler pode desenvolver saberes críticos e reflexivos subsidiando a construção de conhecimentos.

Na tela pintada em tons ocres e marrons é notória a densidade das imagens retratadas, sendo possível observar, em primeiro plano, a figura solitária do poeta de costas e embaixo do pé de tamarindo que, por sua vez, encontra-se carregado não apenas de suas memórias, mas também de seus antepassados e os da

própria árvore como apontado por *Augusto dos Anjos* quando, no referido poema, cita:

No tempo de meu Pai, sob estes galhos,
 Como uma vela fúnebre de cera,
 Chorei bilhões de vezes com a canseira
 De inexorabilíssimos trabalhos!
**Hoje, esta árvore, de amplos agasalhos,
 Guarda, como caixa derradeira,
 O passado da Flora Brasileira
 E a paleontologia dos Carvalhos!**
 Quando pararem todos os relógios
 De minha vida, e a voz dos necrológicos
 Gritar nos noticiários que eu morri,
 Voltando à pátria da homogeneidade,
 Abraçada com a própria Eternidade
 A minha sombra há de ficar aqui! (ANJOS, 2012, grifo nosso).

Ao ler o poema é possível perceber, entre outros aspectos, a importância que tal árvore tem para *Augusto dos Anjos*. Observa-se que o pé de tamarindo representa para ele não apenas o passado, como o presente e também o futuro, visto que a árvore, é descrita pelo próprio poeta como a “caixa derradeira”, guardiã das lembranças de ambos. Considerando que *Augusto dos Anjos* reforça em seu poema a sua relação quase simbiótica com a árvore, essa ação torna-se evidente quando ele cita a “paleontologia dos Carvalhos”, fazendo a ligação de um dos seus sobrenomes com uma espécie de árvore que também compõe a flora brasileira. O pé de tamarindo é apresentado como o palco das memórias do poeta ou até mesmo o caleidoscópio de suas vivências. E tal relevância é reiterada quando *Augusto dos Anjos*, ainda em *Debaixo do Tamarindo*, encerra o poema expressando o desejo de que ao morrer a sua sombra possa ficar ali.

A representação do pé de tamarindo carregado das mais variadas imagens também remete ao pensamento de Abraham Moles (1974), quando ao tratar de cultura afirma que o nosso conhecimento é composto por partes desordenadas que são ligadas ao acaso por uma relação de proximidade, de comunhão de ideias, de época de aquisição. Diante disso, entende-se que Flávio Tavares pode ter feito a representação cultural do poeta *Augusto dos Anjos* que se coloca à sombra do pé de tamarindo repleto dos sentimentos e imagens que permearam as suas vivências.

O pé de tamarindo possui destaque na história de *Augusto dos Anjos*, sendo mencionado por ele em outros poemas, a exemplo do poema *Vozes da morte*, em que descreve:

Agora, sim! Vamos morrer, reunidos,
Tamarindo de minha desventura
[...] Na multiplicidade dos teus ramos,
Pelo muito que em vida nos amamos,
Depois da morte, ainda teremos filhos! (ANJOS, 2012).

O trecho do poema *Vozes da morte* descrito acima pode transmitir a ideia de que *Augusto dos Anjos* enxerga que para além da relação de amor existente entre ele e a árvore haverá de surgir uma descendência de ambos, decorrendo da multiplicidade dos ramos, ou seja, das novas árvores que dali surgirão, como também dos filhos que o próprio poeta venha a ter. Pode-se perceber que esse poema é referenciado na obra de Flávio Tavares, Figura 4, em que existem imagens de vários sujeitos. Infere-se também a possibilidade de estar sendo representada desde a ancestralidade até a descendência de *Augusto dos Anjos*.

Na Figura 4, também é possível observar a casa em que o poeta nasceu, pessoas com semblantes tensos, aflitos e sisudos, verifica-se também a representação do velório de um homem, que possivelmente seja o pai de *Augusto dos Anjos*, acontecimento muito marcante na vida do poeta, visto que tal fato é retratado nos sonetos *I - A meu pai doente; II - A meu pai morto e III - "Podre meu Pai! A Morte o olhar lhe vidra"*. Na cena do velório vê-se junto ao corpo uma mulher e outro homem, imagens que remetem a "*Acorde-o! Deixa-o, Mãe, dormir primeiro!*", trecho que faz parte de um dos sonetos citados em que o poeta descreve que ao acordar, percebeu que seu pai dormia, mas que na realidade ele não ouviu o seu derradeiro alento. Vê-se também animais, monstros e uma figura representativa da morte com uma foice.

É importante também observar que Flávio Tavares faz uma outra representação do próprio poeta na copa da árvore e apesar de também fazer uso de tintas de cores mais sóbrias, o Artista destaca o semblante tranquilo e um pouco mais iluminado do enigmático de *Augusto dos Anjos*, talvez uma alusão aos que o reconhecem pela forma magistral de uso de antíteses em seus poemas, a exemplo de "Monstro de escuridão e rutilância" que o poeta traz em *Psicologia de um Vencido*. Ao perceber o fato de que Flávio Tavares representa o poeta com o

rosto iluminado e ainda com o semblante aparentemente tranquilo, pode-se entender que o Artista se afasta da rotulação estabelecida por muitos de que *Augusto dos Anjos* foi um homem amargurado, fúnebre e melancólico. Assim, percebe-se indícios de uma representação de uma leitura de Flávio Tavares, um ato mediador que possibilita a outros leitores uma ressignificação do entendimento que teve em suas leituras.

Com o uso de paletas de coloração mais escuras que as utilizadas na tela ilustrada na Figura 4, constata-se que a Figura 5 é mais uma obra com referências ao poeta citado, não apenas pelo fato da mesma ser intitulada *Augusto dos Anjos*, mas também pelas características descritas a seguir. A obra abaixo, um painel medindo 200 x 300 cm, faz parte do Acervo da Academia Paraibana de Letras cujo patrono é o próprio poeta *Augusto dos Anjos*. Na imagem, o leitor pode identificar um personagem em destaque que tem sua face refletida na representação de um espelho, que pode levar o espectador a associar tal personagem ao literato.

Figura 5 – Augusto dos Anjos



Fonte: http://flaviotavares.com.br/pt_br/galeria/

Nota: Obra criada em 1985; Acrílica sobre tela. Integra o acervo da Academia Paraibana de Letras, em João Pessoa.

No painel ilustrado na Figura 5, observa-se mais uma alusão ao poeta em meio a um contexto sombrio permeado por aspectos conflitantes da sociedade,

vê-se novamente animais, monstros e pessoas aflitas. Na imagem em que se observa mais uma vez a figura de *Augusto dos Anjos* de costas para o público e de frente para o seu pé de tamarindo, é possível perceber que, independente da classe social que o sujeito ocupa, vai existir a possibilidade de vivenciar o trágico, o sofrimento, o pavor e a morte, reforçando a mensagem de que todos os seres vivos estão sujeitos ao mesmo destino, a homogeneidade descrita nos poemas do literato. Também percebe-se que Flávio Tavares, mais uma vez, representa a tranquilidade na expressão do *Augusto dos Anjos* que dessa vez se coloca diante do espelho, de onde reflete uma luz fascinante que surge contrapondo o cenário tenebroso que envolve a sua figura, apontando um espaço de possível segurança e bem-estar, visto que o espelho reflete não só a si mesmo, como também ao pé de tamarindo, a árvore que o acompanhou desde a infância e que é mencionada por ele em outros poemas, conforme citado anteriormente, o que pode remeter mais uma vez ao poema *Debaixo do Tamarindo* de *Augusto dos Anjos*.

A partir da observação dos personagens que estão presentes na Figura 5, pessoas que possivelmente estiveram presentes na trajetória de vida de *Augusto dos Anjos*, como por exemplo, senhoras e senhores de engenho, pode-se inferir que Flávio Tavares estimula o leitor a buscar poemas de autoria de *Augusto dos Anjos*, sobretudo aqueles em que o literato expressou sentimentos de seu eu mais íntimo e conflitante, diante do mundo que ele percebe. Dessa maneira, observa-se mais uma aproximação com o pensamento de Abraham Moles (1974) quando expressa que a cultura será operacionalmente acessível por meio da soma de seus atos culturais passados, ou seja, dos elementos que constituem o repertório cultural de cada sujeito. Portanto, pode-se constatar que Flávio Tavares busca representar o contexto sociocultural, representando os senhores de engenhos, jagunços, pessoas subalternizadas - logo que, no tempo histórico de *Augusto dos Anjos* o trabalho no ambiente de engenho era análogo ao da escravidão. De mesmo modo, a tela contém elementos representativos de civilizações medievais, de monstros e de fantasmas que povoavam os pensamentos expressos na obra do poeta e que também podem ser semelhantes aos que podem povoar o pensamento de qualquer outra pessoa.

Pode-se constatar que a Figura 5 é mais uma tela em que Flávio Tavares produz a partir das obras de um literato paraibano e que, ao mesmo tempo, traz elementos que estão presentes nas obras literárias, também apresenta

representações de artefatos que são significativos para cultura nordestina e que de mesmo modo são abordadas na obra que se segue, tendo o retrato da cultura dos engenhos visto pelos olhos de *José Lins do Rego* e em suas vivências no engenho da família.

Nas obras a seguir, tem-se o trabalho de Flávio Tavares trazendo elementos presentes na literatura de *José Lins do Rego Cavalcanti*, nascido em 3 de junho de 1901, no Engenho Corredor, município de Pilar – PB. Filho de proprietário de engenho, formou-se em direito no Recife – PE, onde escrevia para jornais, atuou como promotor público, fiscal de bancos e de consumo e em 1932 publicou seu primeiro livro, *Menino de Engenho*, obra de grande importância para o modernismo brasileiro.

Na Figura 6, tem-se uma obra de Flávio Tavares que recebe o nome de *Menino de Engenho*. A obra foi criada no ano de 2020, no momento em que o mundo enfrentava a Pandemia da Covid-19 e que todos foram orientados a fazer um isolamento social. O Artista inicia um processo de interação com o seu público através das suas redes sociais na *web* que recebeu o nome de Diário da Quarentena. Nesse diário, Flávio Tavares passou a gravar vídeos em que apresentava o seu atelier, fazia demonstrações das diversas modalidades de artes plásticas que produz, além do seu processo de criação. Nesse contexto, surge uma série de obras com a temática *O mundo de Zé Lins*, em que o Artista apresenta todo o processo de criação, desde os esboços e estudos feitos até a pintura em si, ao passo que vai trazendo as referências presentes na obra de *José Lins do Rego*, que também são muito constantes no cotidiano do povo paraibano.

Figura 6 – Menino de Engenho



Fonte: <https://www.facebook.com/profile.php?id=100012172950096>

Nota: Obra criada em 2020; Acrílica sobre tela. Integra Acervo Pessoal, em João Pessoa.

Observa-se na Figura 6 uma referência a obra *Menino de Engenho*, um romance de *José Lins do Rego*, publicado em 1932, considerado uma das obras literárias de maior importância dentre a segunda geração do modernismo brasileiro. O romance retrata o processo de decadência do ciclo da cana-de-açúcar e traz uma narrativa muito regionalista.

No vídeo divulgado em suas redes sociais na *web* em que apresenta a criação da obra identificada como Figura 6, Flávio Tavares faz um paralelo entre o romance *Menino de Engenho* e a gravação do filme de *Glauber Rocha* e *Walter Lima Júnior*, baseado no livro de *José Lins do Rego*, gravado em 1965. Nesse vídeo, o Artista relata as lembranças do universo que envolvia as gravações do referido filme enquanto pinta a tela que tem como cenário o ambiente de um engenho, em que é possível acompanhar o surgimento do engenho das memórias do pequeno Carlinhos. Esse contexto apresenta uma aproximação com a reflexão realizada por Joel Candau (2012) quando defende que a memória nos modela ao mesmo tempo que é modelada por nós. Partindo desse entendimento, é possível perceber que a narrativa apresentada por Flávio Tavares no vídeo citado demonstra o entrelaçar das memórias tanto do menino Carlinhos quanto do “menino Flávio”, que em sua infância acompanhou a gravação do filme que retrata o romance.

A Figura 6 possibilita a visão do prédio do engenho propriamente dito, lugar em que se fabricava o açúcar, a rapadura, o mel de engenho e a aguardente. Atenta-se também para a casa de purgar - lugar onde o açúcar era colocado para a 'filtragem do mel de furo', o bueiro ou chaminé por onde a fumaça das caldeiras era 'liberada' e a cavalição do engenho. O Artista retrata ainda a irmã mais nova de Clarisse, a saudosa mãe de Carlinhos, a amável tia Maria, que de dentro da casa-grande observa o menino que brinca com a gaiola e o passarinho que a sua doce e querida prima Lili chamava de Marechal, mais ao fundo da tela um homem montado a cavalo que pode ser o tio Juca. Voltando ao primeiro plano, junto a tia Maria, observa-se elementos que remetem ao avô do menino, o coronel José Paulino, que é representado por um chapéu e uma bengala, símbolo do status social da pessoa que a usava.

Ainda dentro do cenário que compõe o ambiente de um engenho, atenta-se para a próxima figura que traz elementos semelhantes a Figura 6, dando mais espaço para o ambiente e as relações de trabalho de um engenho, sendo possível ter a perspectiva da casa-grande de dentro da senzala.

Figura 7 – Fogo Morto



Fonte: <https://www.facebook.com/profile.php?id=100012172950096>

Nota: Obra criada em 2020; Acrílica sobre tela. Integra um acervo particular, em Recife.

A tela da Figura 7 é uma obra que faz parte da Série *O mundo de Zé Lins* criada por Flávio Tavares, em acrílica sobre tela, no ano de 2020, e faz parte de um acervo particular na capital pernambucana. Nela percebe-se que o Artista representa, mais uma vez, o cotidiano de um engenho, podendo-se notar

elementos que remetem a outra obra de *José Lins do Rego*, desta vez a obra em questão vem a ser *Fogo Morto*, um livro publicado em 1943, em que é retratado parte do processo de decadência enfrentado pelos engenhos de cana-de-açúcar na região Nordeste. E justamente por conta deste processo de decadência, os engenhos passaram a ser de fogo morto, o que quer dizer que encerraram a produção e foram desativados.

No romance é possível perceber a junção do real com o imaginário decorrente da memória do autor, pautada em sua vivência no engenho, no tempo histórico em que viveu, como também na conjuntura política, econômica e social, mas especialmente do homem, o ser social que sofre influência na sociedade em que está inserido e também pode influenciar. *Fogo Morto* além de autobiográfico é a representação da memória coletiva do senhor de engenho, das pessoas escravizadas, da dona de casa, do artesão, enfim, de todas as pessoas que de alguma forma vivenciaram tal realidade.

Na referida tela, em primeiro plano, destaca-se um momento de reunião dos trabalhadores do engenho para fazer a refeição no final da “lida” em longo dia de trabalho, com algumas mulheres preparando a comida enquanto alguns outros trabalhadores vão chegando para fazer a refeição. Todos eles vestem-se com as tradicionais roupas brancas cujos modelo e material ajudavam a proteger as pessoas dos pelos da cana-de-açúcar.

Tem-se também a representação do que pode vir a ser o coronel Lula de Holanda, o proprietário do Engenho Santa Fé, com suas tradicionais vestes, o chapéu e a sua bengala. O coronel era um homem com completo despreparo para a função de administrador do engenho. Ao seu lado, encontra-se a figura de um lobo, uma possível representação do Mestre José Amaro, artesão que trabalha na fabricação de selas, um homem amargurado, orgulhoso e rancoroso que possui a fama de virar lobisomem pelo fato do mesmo sofrer de insônia e andar constantemente no meio da noite.

Além dos carros de boi, é retratado também as diversas instalações que formavam o engenho, a casa-grande, a casa de purgar, o bueiro, a cavalaria e a senzala. Portanto, observou-se que dentro das imagens que compõem as telas/painéis analisados, fica perceptível os traços contidos em outras obras do mesmo autor, por exemplo, as telas em que se observam signos visuais característicos da obra de *José Lins do Rego*. Pode-se identificar também a

repetição de elementos com as passagens em meio ao contexto de engenhos, de como era o cotidiano de trabalho, como era o comportamento social das pessoas tidas como donas do referido espaço e dos demais sujeitos que ali se encontravam em uma situação subalternizada. Desse modo, configurando elementos que retratam passagens de *Fogo Morto* como também de *Menino de Engenho*.

Com base no exposto, considera-se a afirmação de Paulo Freire (1981) de que a ação cultural que visa a libertação é alicerçada no diálogo e na problematização, fomentando nas classes dominadas a consciência crítica de sua realidade. Percebe-se, a oportunidade de refletir a respeito das situações apresentadas nas obras de *José Lins do Rego*, como também na de *José Américo de Almeida* (obra apresentada a seguir), tomando como base as telas de Flávio Tavares aqui apresentadas, visto que o Artista mais uma vez se utiliza de sua arte para promover a reflexão a respeito das relações sociais, das condições de trabalho, como também propiciar um processo reflexivo que fundamenta a conscientização por parte dos sujeitos, por meio da mediação da leitura e da mediação cultural que realiza, tendo como dispositivo as suas obras.

Ainda seguindo nesse tema dos engenhos, observa-se mais uma obra de Flávio Tavares, aqui retratada como Figura 8, que remete a outro escritor paraibano que retrata a saga de retirantes da seca que seguem em busca de sobreviver e assim se deparam com a realidade vivida nos engenhos do brejo. A referida saga é descrita pelo escritor paraibano *José Américo de Almeida*, nascido em 10 de janeiro de 1887, no Engenho Olho D'água, no município de Areia, filho de Josepha Leopoldina de Almeida e Ignácio Augusto de Almeida. Seus estudos iniciais ficaram a cargo de uma professora particular e após a morte do pai, aos 11 anos, foi estudar em Areia na companhia de seu tio Odilon, que era padre. Aos 14 anos foi para o seminário e depois prestou os exames preparatórios no Lyceu Paraibano e logo foi estudar na Faculdade de Direito do Recife. Passou a publicar sonetos no jornal *A União* em 1907, formou-se aos 21 anos, retornou à Paraíba, filiou-se a um partido político e depois foi nomeado Promotor Público na cidade de Sousa - PB. Casou-se com Anna Alice Mello em 1912 e juntos tiveram três filhos.

Apesar de ter exercido muitos cargos públicos, e também políticos, entre eles, Ministro de Estado, Senador, Deputado e Governador, ele se aposentou como Ministro do Tribunal de Contas da União e desde os primeiros sonetos

publicados pela *A União* ele continuou escrevendo, tendo sua primeira obra publicada em 1922, com o título de *Reflexões de um cabra*, seguindo com publicações como *A Paraíba e seus problemas*, em 1923 e em 1928 *A Bagaceira*, um romance considerado, por muitos, como um marco na literatura brasileira.

Em 1954 reassumiu o governo da Paraíba e em 1955 fundou a Universidade da Paraíba e deixou o governo do Estado. No ano seguinte foi nomeado reitor da Universidade da Paraíba e renunciou meses depois. Após perder a eleição para senador, em 1958, afastou-se da vida pública e seguiu escrevendo. Foi eleito para a Academia Paraibana de Letras em 1965 e em 1967 para a Academia Brasileira de Letras. *José Américo de Almeida* morreu, aos 93 anos, no dia 10 de março de 1980, em João Pessoa.

Antes de tudo, considera-se válida a informação de que o painel *A Bagaceira* foi motivo de uma polêmica envolvendo a Universidade Federal da Paraíba, visto que, segundo consta, membros da instituição retiraram a obra da Sala de Concertos *Radegundis Feitosa* no Centro de Comunicação, Turismo e Artes - CCTA - Campus I e a tenha colocado desmembrada no chão escorada em uma parede atrás do palco onde era exposta inicialmente. Com a repercussão muito negativa que o fato obteve, levantando-se até a possibilidade de estar havendo censura, foi aberta uma discussão, um abaixo-assinado foi feito e depois de ser ajuizada uma ação popular na Justiça Federal, colocaram a obra no hall do auditório da reitoria da UFPB. Observa-se, portanto, que a decisão não tenha sido a mais acertada, uma vez que a obra teve que ser colocada em duas paredes, formando um “L”, fato que visivelmente compromete a apreciação da referida obra.

Considera-se lamentável que tal fato tenha ocorrido, principalmente por se tratar de uma instituição de ensino e que até o presente momento ainda não tenha sido feita a reparação mínima do fato que seria colocar a obra em um lugar adequado que não venha a interferir em sua estética. Também é válido destacar o lamentável fato de que esse não seja o único caso de desrespeito e menosprezo para com as obras de artes que compõem o acervo da Instituição. Portanto, fez-se necessário que a imagem fosse apresentada a seguir em três partes que serão identificadas como Parte A, Parte B e Parte C, em que a ordem é estabelecida da esquerda para direita, sendo a Parte A a que possui pessoas negras em uma paisagem pedregosa.

Figura 8 – A Bagaceira



Fonte: Dados da pesquisa

Nota: Obra criada em 2012; Óleo sobre tela. Integra o acervo da Universidade Federal da Paraíba - CAMPUS I, em João Pessoa.

O painel que é referenciado por meio da Figura 8 traz, além da representação da família de *José Américo de Almeida*, o mesmo nome do romance e cenas que remetem à sua obra. O referido romance aborda a situação em que viviam os sertanejos que buscavam sobrevivência em outros lugares e são “acolhidos” no engenho do coronel Dagoberto, um viúvo cujo filho único se chama Lúcio. A narrativa se estabelece estruturada na relação que surge entre Dagoberto, Lúcio e Soledade, sendo importante considerar que o coronel acolhe Valentim com a filha Soledade e Pirunga, porém o ato do dono do engenho passa longe de uma atitude humanitária, pois o mesmo tinha a intenção de explorar sexualmente da bela moça. Lúcio se apaixona por Soledade e quando comunica ao pai que pretende se casar com ela fica sabendo que o pai a tomou como amante.

Além da inconcebível questão da exploração sexual abordada no romance, há também outros temas igualmente inaceitáveis como a exploração da mão de obra e do sofrimento humano.

A Parte A da Figura 8 retrata cenas características do sertão em tempo de estiagem, momento em que vegetação, rios, açudes, riachos e cacimbas secam e o sertanejo é obrigado a buscar alternativas para sobreviver, porém em alguns períodos acontecem secas mais rigorosas e prolongadas, como no caso dos anos

de 1898 e 1915, períodos retratados no romance *A Bagaceira*, de José Américo de Almeida.

Figura 9 – “Parte A” do painel *A Bagaceira*



Fonte: Dados da pesquisa

Na imagem, nota-se um cenário bem característico do sertão paraibano, a princípio pode-se até inferir que seja retratada a região da serra de Santa Luzia, onde se localiza uma comunidade quilombola que tinha como principal meio de sobrevivência a produção e venda de utensílios feitos em barro. Nota-se também a aridez do local, com poucos animais e pessoas que resistiram, se organizando para sair em busca de sobreviver.

A reflexão realizada acima se confirma quando se toma conhecimento, através da pesquisa, que a imagem (Figura 9) foi uma homenagem que Flávio Tavares fez a *Linduarte Noronha*, cineasta, jornalista e professor de cinema, nascido em Pernambuco e criado na Paraíba. Considerado precursor do Cinema Novo, visto que em 1960, através de *Aruanda*, retoma a produção cinematográfica brasileira paralisada desde a década de 1930, em decorrência da repressão instaurada no país. O documentário retrata a história da comunidade existente na Serra do Talhado, na região de Santa Luzia, com a narrativa pautada na história de sua formação como também da sobrevivência de seus descendentes que é assegurada pelo trabalho das mulheres, em sua maioria, na produção e venda de

potes e panelas de barros produzidos artesanalmente. O filme também aborda questões como o fato de viverem institucionalmente isolados e a precariedade existente na comunidade, características claras também retratadas no painel de Flávio Tavares.

Figura 10 – “Parte B” do painel *A Bagaceira*



Fonte: Dados da pesquisa

“Parte B” do painel *A Bagaceira*, Figura 10, apresenta em sua centralidade e em primeiro plano a representação do núcleo familiar de *José Américo de Almeida*. Observa-se sentados da esquerda para direita D. Alice (esposa), o próprio José Américo, D. Josepha e Sr. Ignácio (pais do escritor), além de uma figura ficcional, temos também mais à esquerda, a figura de um menino sentado ao chão, que segundo Flávio Tavares, vem a ser o próprio *José Américo de Almeida* quando criança. Vê-se também de pé e mais atrás no mesmo sentido a filha Selda, José Américo Filho e outra figura ficcional com um carcará pousado em seu ombro, uma referência ao momento de fome enfrentado pelos retirantes sertanejos. Na sequência, tem-se a representação da figura do filho Reynaldo, como também de outras duas figuras ficcionais e de um boi bem nutrido em contraponto à realidade do sertão nos períodos de seca.

Em um terceiro plano, percebe-se no alto de um morro a figura de um sertanejo de joelho fazendo suas súplicas. Entende-se que as imagens aqui

descritas são apresentadas de modo que representassem a dialética existente entre o sertão e o brejo, ou seja, a falta de água para a abundância da mesma; a escassez de tantos para a fartura de poucos, fato que aponta para importância de se refletir a respeito das consequências que decorrem da realidade descrita. É importante também considerar o fato de que esta obra de Flávio Tavares apresenta de maneira clara e intencional uma estrutura em que o centro é ocupado pela classe média alta composta unicamente de pessoas brancas, enquanto que nas duas extremidades do painel, retratadas nas Partes A e C, estão representadas as classes sub-representadas e desfavorecidas econômica e socialmente, que apesar de ser responsável pela mão de obra que sustenta o país não dispõe da possibilidade de usufruir dos bens que produz e como acontece na vida real, está sendo ali retratado literalmente no que se convencionou a chamar de periferia.

Figura 11 – “Parte C” do painel *A Bagaceira*



Fonte: Dados da pesquisa

Ao observar a “Parte C” do painel *A Bagaceira*, Figura 11, nota-se a representação de mais elementos que remetem a detalhes que são narrados no romance e que retrata de maneira clara que apesar de não sofrer por questões relacionadas com a seca, o povo que vive no brejo, subjugado aos mandos dos

latifundiários, também vivem em estado de grande sofrimento, fato que fica notório quando *José Américo de Almeida* aponta através de citações apresentadas no prefácio do romance em questão, que: “Há uma miséria maior do que morrer de fome no deserto: é não ter o que comer na terra de Canaã.” Ao fazer a leitura do romance, a referida citação ganha ainda mais sentido diante da realidade em que vivem as pessoas que trabalham nos engenhos.

A exemplo disso, pode-se apontar na imagem uma mãe com a criança deitada em seu colo, enquanto aguarda alguém que compre as macaxeiras que estão em um balão. É notório o estado sofrível que se encontram essas pessoas que depois de serem escravizadas por um longo período de tempo, foram lançadas ao mundo sem a menor condição de sobrevivência, visto que não tinham nem para onde ir e, apesar de viverem em um ambiente de fartura, são obrigadas a passar por tantas privações. O que não difere muito dos demais que se sujeitaram a permanecer trabalhando em troca de comida e de um teto precário, além de outros trabalhadores, a exemplo das figuras do vaqueiro e do cortador de cana, que ocupam funções específicas no engenho e que são também explorados em outras medidas. Assim, nota-se que Flávio Tavares toma como base o romance *A Bagaceira* para realizar uma crítica sobre um processo histórico, que ainda se mantém impactando as relações sociais, especialmente de trabalho e sobrevivência, de grupos sociais que são mantidos em situação de vulnerabilidade. Observa-se a postura protagonista do Artista ao tomar consciência e mediar uma leitura crítica e reflexiva por parte de outros sujeitos sobre tais fatos, favorecendo que um ato de mudança a favor do coletivo possa ser fortalecido.

Vale também salientar que Flávio Tavares faz mais uma homenagem, dessa vez a *Antonio David Diniz* ao apresentar uma releitura de uma de suas fotografias feita nos anos 1980, na capital paraibana em frente ao antigo *Cine Plaza*. O repórter fotográfico fez o registro de uma mãe aparentando extremo cansaço e desânimo, sentada ao chão com uma criança de roupas surradas e braços fininhos, que deitada com a cabeça em seu colo remete a ideia de estar exaurida.

A imagem representa a vulnerabilidade social a que as pessoas são submetidas, em especial a população que historicamente é colocada à margem da sociedade, sem perspectiva de uma vida digna, sem acesso à saúde, à

educação e à moradia, direitos sociais previstos em nossa Constituição Federal. Com isso, lamentavelmente, é possível perceber em uma única fotografia o total descumprimento de uma lei tão importante que trata de direitos sociais, de renda básica e de transferência de renda, elementos indispensáveis na busca pela erradicação da miséria existente no País.

Figura 12 – Fotografia que inspira parte do painel *A Bagaceira*



Fonte: <https://antoniodavid.wixsite.com/fotos/livro-fotojornalismo?lightbox=dataitem-j2kttu9v5>

A fotografia de *Antonio David Diniz* foi representada no painel *A Bagaceira*, o que possibilita o compartilhamento da leitura de Flávio Tavares, visto que, assim como ele lê as obras literárias dos escritores paraibanos, também o faz da fotografia e nela encontra informações que precisa para inspirar sua obra e realizar a mediação desses dispositivos para os leitores que têm acesso a sua arte. Dessa maneira, o Artista realiza uma mediação da leitura de mundo, visto que representa o cotidiano do povo brasileiro, especialmente paraibano, como também dos dispositivos sonoros, imagéticos, entre outros, em que integram sua obra. Essa associação entre dispositivos que Flávio Tavares evidencia é tratada por Maria Helena Martins (1988) quando se refere a leitura por meio dos diversos dispositivos e defende que esse ato deva ser considerado como um processo de compreensão de expressões, sejam elas simbólicas ou formais, independente do meio que seja acessado. Portanto, a obra de Flávio Tavares, além de ser inspirada

na literatura, também apresenta a relevância de outros dispositivos como o cinema, a música e, nesse caso, a fotografia.

Diante do exposto, pode-se perceber que Flávio Tavares promove o encadeamento de sua obra com outras expressões artísticas, possibilitando que o leitor de suas produções tenha a oportunidade de conhecer os mais variados repertórios a que ele tem acesso e que lhe serve de inspiração, ao mesmo tempo em que ele realiza essa mediação.

Na subseção a seguir, é apresentada uma análise em relação ao reconhecimento identitário de leitores das obras de Flávio Tavares.

5.3 MEDIAÇÃO DA LEITURA E MEDIAÇÃO CULTURAL NAS PRODUÇÕES DE FLÁVIO TAVARES: uma análise sobre o reconhecimento identitário de seus leitores

A fim de verificar se as atividades de mediação da leitura e mediação cultural realizadas por Flávio Tavares, por meio de suas obras, influenciam seus leitores, possibilitando o reconhecimento de seus traços culturais, esta subseção apresenta os resultados da aplicação do questionário junto aos leitores das referidas obras, indicados pelo próprio Artista. Entre esses estão: dois curadores, um crítico de arte, um jornalista, uma escritora, um fotojornalista e uma professora, além dos leitores que acompanham as redes sociais do Artista que tiveram acesso ao instrumento de coleta de dados desta pesquisa por meio desses dispositivos de comunicação. Os resultados dessa consulta junto à totalidade (20) dos participantes são apresentados abaixo.

Apresenta-se o Quadro 2 com o perfil dos(as) leitores(as) que responderam ao questionário, iniciando pelos(as) respondentes que correspondem aos profissionais indicados por Flávio Tavares como conhecedores de sua obra, seguidos(as) pelos(as) respondentes que acessaram o questionário através das redes sociais do Artista.

Identificou-se que Flávio Tavares indica os participantes da pesquisa por uma característica profissional e, mesmo que eles tenham se declarado com outra profissão, assim se manteve preservando a indicação do Artista. Vale exemplificar pelo caso observado da professora universitária, que também é escritora, e suas publicações versam sobre a temática das artes visuais, a

exemplo do livro *Mulheres artistas Brasileiras na École de Paris: entre a academia e as vanguardas*, a publicação traz um levantamento das mulheres brasileiras que se destacaram nas artes visuais e que ao longo da história foram invisibilizadas nos livros de História da Arte. Como também o Curador que se apresenta como Artista Visual e também atua como designer gráfico e serígrafo, o que leva ao entendimento de que, no exercício de suas profissões, eles desempenharam atividades que os levaram a ser reconhecidos por Flávio Tavares. Nesse processo, em decorrência das ações profissionais exercidas, foram conduzidos(as) a uma interação e assim ficou registrado na memória do Artista.

Também vale destacar que a ordem apresentada no quadro foi a mesma em que os(as) participantes responderam ao questionário, obedecendo a categorização dos(as) participantes. Quanto aos(às) leitores(as) que responderam ao questionário através das redes sociais de Flávio Tavares, atribuiu-se o nome Respondente seguido da numeração que vai de 01 a 13, também obedecendo a ordem de acesso ao questionário. Desse modo, preservase a identidade do(a) participante, ao mesmo tempo que possibilita a apresentação dos dados da pesquisa.

Nesse sentido, os(as) 20 participantes da pesquisa se declararam da seguinte maneira: crítico de arte e professor (01); galerista (01); professores(as) (04); artista visual (01); jornalista (01); fotógrafo e jornalista (01); assistente social (01); psicólogos(as) (03); servidores(as) públicos(as) (03); arquivista (01); arquiteta e urbanista (01); estudante (01) e médica (01).

Quadro 2 – Caracterização dos(as) participantes da pesquisa

Participante	Profissão	Naturalidade	Cidade onde reside
Crítico de arte	Professor e Crítico de Arte	João Pessoa PB	João Pessoa PB
Curadora	Galerista	Barra de Santa Rosa	João Pessoa PB
Escritora	Professora titular UFPE	João Pessoa PB	João Pessoa PB
Curador	Artista visual	Araçagi PB	Lucena PB
Jornalista	Jornalista	Brasileiro	João Pessoa PB
Fotojornalista	Fotógrafo e jornalista	Taperoá PB	João Pessoa PB
Professora	Assistente Social	João Pessoa PB	João Pessoa PB
Respondente 01	Professor	Campina Grande PB	Campina Grande PB
Respondente 02	Professora	Patos PB	Salvador BA
Respondente 03	Psicólogo	Brasil	João Pessoa PB
Respondente 04	Psicóloga	João Pessoa PB	João Pessoa PB
Respondente 05	Servidor público	João Pessoa PB	João Pessoa PB
Respondente 06	Arquivista	Brasileira	João Pessoa PB
Respondente 07	Professor do magistério superior	Cajazeiras PB	João Pessoa PB
Respondente 08	Arquiteta e Urbanista	Brasileira	João Pessoa PB
Respondente 09	Psicóloga	Minas Gerais	Itatiba SP
Respondente 10	Estudante	João Pessoa PB	João Pessoa PB
Respondente 11	Médica	Brasileira	Jundiaí SP
Respondente 12	Servidora pública	Paraíba	João Pessoa PB
Respondente 13	Servidor público federal	João Pessoa PB	João Pessoa PB

Fonte: Elaborado pela autora (2023)

A partir dos dados apresentados no Quadro 2, constatou-se que 18 (90%) respondentes, entre 20 participantes desta pesquisa, apontaram um vínculo com o estado da Paraíba, seja na naturalidade ou na residência, e 02 (10%) participantes declararam não possuir vínculo com o referido estado, visto que 01 respondente informa não ter nascido na Paraíba e não residir nesse estado, e a

outra respondente não é residente na Paraíba, declarando-se apenas sua nacionalidade brasileira. As informações descritas no Quadro 2 demonstram a diversidade existente no público que Flávio Tavares possui, tanto em relação aos lugares de nascimento/residência, quanto, e ainda mais, às profissões que exercem.

No intuito de conhecer mais sobre a relação dos(as) respondentes com o Artista, foi perguntado como conheceram Flávio Tavares, cujas respostas foram apresentadas no quadro a seguir.

Quadro 3 – Respostas dos(as) participantes da pesquisa sobre como conheceram Flávio Tavares

Participante	Resposta
Crítico de arte	Através de um outro artista que me apresentou a ele.
Curadora	Conheci Flávio Tavares na década 70, estávamos pesquisando sobre as artes visuais e seus artistas, então fomos a casa dele e o convidamos para participar da inauguração da galeria Gamela, em 1980, em João Pessoa e então criou-se o elo entre o artista e a galeria Gamela e sendo assim até hoje, temos a honra de tê-lo no nosso conjunto de artistas.
Escritora	Conheço Flávio há cerca de 50 anos. Comecei a estar mais próxima de sua obra em 1979 quando co-fundei a galeria de arte Batik em João Pessoa
Curador	Em meados dos anos 1980, quando trabalhava como auxiliar no atelier de serigrafia artística de Alcides Ferreira, em João Pessoa. Nessa época cheguei a fazer a arte final de algumas das obras de Flávio. A partir daí os encontros e contatos foram se tornando rotina.
Jornalista	Conheci Flávio Tavares no exercício da profissão de jornalista, como repórter especializado na área de cultura, e também por intermédio de familiares. O meu sogro, jornalista e escritor Severino Ramos (Biu Ramos) era amigo do artista, bem como sua filha, Lissia Cruz e Silva.
Fotojornalista	Quando eu trabalhava no jornal "O Norte" dos diários associados fui designado para fazer umas fotos de Flávio para uma matéria. Comecei a admirar o artista e suas obras encantadoras e criativas com grandes sensibilidades. Fizemos uma exposição juntos com fotos e pinturas com o tema de: "Boi Só" - na Galeria Gamela de Arte. (João Pessoa) - PB. Ficamos amigos e parceiros até hoje.
Professora	Conheci na minha infância por meio do convívio com meus pais e em virtude de um projeto que o homenageou na escola em que trabalho tive a oportunidade de me aproximar mais das obras, biografia o que possibilitou a consolidação de vínculo afetivo construído anteriormente.

Respondente 01	Por meio do Facebook
Respondente 02	Pela autoria do brasão do grupo musical Quinteto da Paraíba
Respondente 03	Ele é meu tio, irmão do meu pai
Respondente 04	Minha mãe. Admiradora de arte.
Respondente 05	Sim
Respondente 06	Na biblioteca da Fundação Casa de José Américo
Respondente 07	Sempre fui admirador de artes plásticas, e, tendo vindo morar em João Pessoa aos 15 anos de idade, tive contato com as obras do artista tanto em exposições que passei a frequentar em centros culturais, como em obras dele presentes em espaços públicos da cidade (como na parede do antigo prédio da prefeitura próximo à praça Antenor Navarro, no centro da cidade, ou um mural que tem em clínica de saúde por trás da sede da arquidiocese, entre outras). Daí em diante, todas as vezes que pude, acompanhei os lançamentos de suas exposições e tenho em minha casa um livro com pinturas dele.
Respondente 08	Por uma amiga em comum
Respondente 09	Sim
Respondente 10	Através de familiares
Respondente 11	Através de meu pai
Respondente 12	Avaliações positivas sobre suas obras e exposições em órgãos públicos
Respondente 13	Através da imprensa e depois por ganhar um quadro de sua lavra.

Fonte: Elaborado pela autora (2023)

Ao observar o Quadro 3, percebe-se que alguns(mas) dos(as) respondentes se pronunciaram de maneira breve, a exemplo do Respondente 05 e da Respondente 09 que declararam apenas com o 'sim'. Pode-se inferir que é um modo de reafirmar o conhecimento sobre o Artista. Percebe-se outro grupo que emitiu respostas mais objetivas e foram além da reafirmação sobre conhecer Flávio Tavares, haja vista seis (06) deles afirmaram ter conhecido o Artista por intermédio de familiares e amigos, como exemplo os(as) Respondentes 10 e 11 que responderam '*através de familiares*' e '*através de meu pai*', respectivamente.

Ainda entre esses(as) que se expressaram de maneira breve, tem-se, entre outros, o exemplo do Respondente 01 que afirmou ter conhecido o Artista '*por meio facebook*'. Compreende-se que o perfil de Flávio Tavares no *facebook* foi apresentado por uma busca ou por conhecimento de alguém que faz parte do seu círculo de "amizades virtuais", que leva o algoritmo a sugerir perfis de interesses semelhantes e/ou compartilhados. Essa resposta se aproxima do comentário de Flávio Tavares - apresentado na subseção 5.1 - de que, os recursos de divulgação de sua obra são de uma visão muito 'caseira', visto que "*são amigos de facebook que divulgam*" e que, sobretudo no período da pandemia da Covid-19, passou a utilizar as redes sociais como forma de se aproximar dos(as) seus(uas) leitores(as).

Também se pode observar que alguns(mas) respondentes detalharam um pouco mais as suas respostas sobre o modo que conheceram o Artista, a exemplo das Respondentes 02, 06 e 12 que tiveram contato com Flávio Tavares através de produções do Artista na capa do CD de um grupo musical com repertório armorial, no acervo de uma biblioteca e nas avaliações positivas sobre suas obras e exposições em órgãos públicos, respectivamente, ou seja, por meio de diferentes dispositivos informacionais que ampliam as possibilidades de acesso às suas obras por parte do público em geral. A resposta apresentada pela Respondente 06 (*Na biblioteca da Fundação Casa de José Américo*), indica que a possibilidade de Flávio Tavares se tornar conhecido pelos(as) usuários(as) de uma biblioteca pode ocorrer em função do Artista ter publicado livros com suas obras, como também ter ilustrado vários outros livros, como citado anteriormente na Seção 5, quando se tratou da apresentação e discussão dos resultados da pesquisa, iniciando-se com uma breve descrição da trajetória de vida de Flávio Tavares e da sua constituição como artista.

Observa-se que alguns(mas) participantes detalharam mais sobre o modo em que conheceram Flávio Tavares. Dentre os(as) profissionais indicados(as), percebeu-se que a maior parte das respostas apontavam para o meio artístico e/ou profissional, mesmo que tendo diferentes formas de conexões que vão desde os locais de produção e exposição de arte até o exercício da profissão, como é no caso dos Jornalistas que afirmaram ter conhecido Flávio Tavares ao realizarem trabalhos com foco em sua obra.

O fato de os Jornalistas afirmarem ter conhecido Flávio Tavares no exercício de suas profissões remete à resposta apresentada pelo Respondente 13, que declara ter conhecido o Artista através da imprensa e mais adiante ter ganho uma de suas obras. Compreende-se que a atividade profissional dos Jornalistas possa ter viabilizado que outras pessoas passassem a ter conhecimento sobre o Artista e suas obras.

Ainda tratando dos(as) participantes que teceram mais detalhes em relação à forma como conheceram Flávio Tavares, destaca-se a resposta dada pelo Respondente 07, que se apresenta como admirador das artes plásticas, nascido no interior da Paraíba e que teve seu primeiro contato com as obras de Flávio Tavares aos 15 anos de idade, quando veio morar na capital paraibana. Segundo o respondente, o contato com as obras do Artista se deu inicialmente por meio de exposições em centros culturais, como também em espaços públicos, a exemplo do antigo prédio da prefeitura e de uma clínica de saúde, entre outros. O respondente comenta ainda que daí em diante acompanhou os lançamentos das exposições do Artista que foram possíveis. Tal fato demonstra claramente a admiração do respondente pelo trabalho de Flávio Tavares, que teve início em sua adolescência e se nutre até os dias atuais em sua vida adulta, considerando que o mesmo é professor universitário. Assim, por meio desse caso, observa-se que o ato de ler envolve a afetividade, que está relacionada aos sentimentos tanto pelo produtor quanto alcançados pela obra, ou seja, o modo de agir de Flávio Tavares e as informações que compartilha, por meio de sua arte, envolve o seu público e proporciona leituras de si e do outro, em um processo transformador.

O questionário aplicado aos(às) leitores(as) respondentes seguiu trazendo questões relacionadas à influência de Flávio Tavares no ato de leitura dos sujeitos. O Quadro 4 apresenta o entendimento do(a) respondente em relação ao ser leitor(a).

Quadro 4 – Respostas dos(as) participantes da pesquisa sobre como compreendem a leitura

Participante	Resposta
Crítico de arte	Leitor é quem procura ler obras em geral.
Curadora	É ter a percepção visual focada nos valores estéticos da cultura do nosso universo.
Escritora	É analisar e aprender com cada autor
Curador	Creio que se trata de alguém que realiza, mesmo que inconsciente, uma observação mais apurada e pessoal daquilo - seja obras ou objetos de arte, design, arquitetura, literatura etc. - que está ao seu redor ou que faz parte do nosso cotidiano... daí o uso do termo "fazendo uma leitura" para dizer que estamos analisando ou observando algo, mas sempre na ideia de tirar uma conclusão muito pessoal.
Jornalista	Ser leitor, para mim, significa fazer uma leitura política, estética, sensorial e sagrada de mim mesmo e do meu tempo e lugar, a partir do que capto de uma obra de arte, seja um romance, um poema ou uma tela. Procuro entender de que maneira estou inserido, ou descobrir-me na viagem simbólica do artista. Não separo o leitor do artista ou da obra de arte. Trata-se, para mim, de uma interação holística. Busco entender o que quer dizer o artista, embora nem tudo seja tão racional assim; mas principalmente entender-me explorando novos horizontes.
Fotojornalista	Flávio Tavares é um romancista, poeta que conta e narra belas histórias com sua arte, com uma linguagem polissêmica e inefável. Através de tons, nuances, espaço perspectivo, cores e profundidade estética. Ele ensina com sua pintura simples com beleza e habilidades dos mestres. Sabe perfeitamente que o criar artístico é dá vida às ideias de seu imaginário. A leitura, o conhecimento são fundamentais para a criação artística.
Professora	Ser leitor é o sujeito que tem o hábito de ler
Respondente 01	Interpretar as realidades e visões de mundo

Respondente 02	É a atribuição de sentido aos enunciados tangíveis e intangíveis que se apresentam nas práticas sociais
Respondente 03	É ser curioso e paciente
Respondente 04	Obter senso crítico, expandir conhecimento e cultura. Não dizer “amém” a tudo que um autor diz apenas por admirá-lo. Agregar vocabulário.
Respondente 05	Leitor é aquele que absorve as mensagens contidas nas obras, sejam literárias ou artísticas
Respondente 06	Ser leitor é se apropriar das informações que se tem acesso.
Respondente 07	É estar aberto para compreender o mundo a partir de diferentes lentes. Um autor usa suas ferramentas como artista para produzir lentes capazes de, em sendo acessadas devidamente, produzir outras possibilidades de percepção do mundo e, assim, ao comungar com o autor, o leitor também participa da construção desses mundos outros
Respondente 08	Uma pessoa com hábito de leitura.
Respondente 09	Compreender o significado das imagens retratadas.
Respondente 10	Leitor é o sujeito que possui a capacidade de compreensão daquilo que lhe é apresentado, independente da forma e/ou meio que se apresente.
Respondente 11	Adquirir cultura
Respondente 12	Ter prazer com a leitura
Respondente 13	É apreender o além das palavras

Fonte: Elaborado pela autora (2023)

Ao observar as respostas apresentadas no Quadro 4, para além do entendimento dos(as) participantes no que tange ao significado de ser leitor(a), verificou-se uma similaridade entre as respostas dadas pelo Crítico de arte, o Curador, o Jornalista e os(as) Respondentes 02, 05, 07, 09, 10 e 13, no que tange à ideia da leitura ir além do texto escrito, por exemplo, quando o Crítico de arte afirma *'Leitor é quem procura ler obras em geral'* e o(a) Respondente 10 reflete que *'Leitor é o sujeito que possui a capacidade de compreensão daquilo que lhe é apresentado, independente da forma e/ou meio que se apresente'*. A análise das respostas permite associá-las ao que defende Maria Helena Martins (1988), quando a autora evidencia que o ato de ler vai além do texto escrito, sendo, portanto, uma expressão do fazer humano.

Ainda, no que tange ao entendimento de Maria Helena Martins (1988) sobre o ato de ler, ressalta-se a resposta apresentada pelo Curador quando descreveu o leitor como sendo o sujeito *"que realiza, mesmo que inconsciente, uma observação mais apurada e pessoal daquilo - seja obras ou objetos de arte, design, arquitetura, literatura etc. - que está ao seu redor ou que faz parte do nosso cotidiano..."*. O participante seguiu justificando o uso da expressão *'fazer uma leitura'* como sendo *"para dizer que estamos analisando ou observando algo, mas sempre na ideia de tirar uma conclusão muito pessoal"*. Com isso, entende-se que a leitura em alguns momentos pode perpassar o inconsciente, que os dispositivos informacionais atuam também no profundo do ser, evocando aspectos de memória e que em um dado momento parece ser inconscientes, mas que estão relacionados ao seu cotidiano, a quem esses sujeitos são.

Portanto, a leitura ocorre tanto através da escrita quanto de outras expressões que integram o cotidiano dos sujeitos, por exemplo, os gestos e a oralidade, que pressupõem um entendimento por parte dos(as) leitores(as) para se relacionarem com o *outro*, em um processo evidenciado por Paulo Freire (1981), quando indica a realização de uma leitura de si e do seu meio sócio-cultural e, por essa ação, promove-se a transformação das realidades condicionantes. Com isso, o interesse do sujeito leitor em realizar a leitura pode levá-lo a alcançar novos sentimentos decorrentes das sensações e percepções que constituem suas relações com o mundo.

No que diz respeito ao entendimento de Paulo Freire (1989), quando trata da leitura de mundo antecedendo a leitura da palavra, ressalta-se o comentário

do Respondente 07 - um professor universitário admirador das artes de Flávio Tavares desde a adolescência - quando descreve que ser leitor

É estar aberto para compreender o mundo a partir de diferentes lentes. Um autor usa suas ferramentas como artista para produzir lentes capazes de, em sendo acessadas devidamente, produzir outras possibilidades de percepção do mundo e, assim, ao comungar com o autor, o leitor também participa da construção desses mundos outros.

Analisando o comentário feito pelo Respondente 07, destaca-se a importância dos dispositivos informacionais e dos(as) agentes mediadores(as) para promover a compreensão de mundo que possibilitará, dentre outros aspectos, o fortalecimento da constituição identitária e memorialística dos sujeitos leitores. Compreende-se que o entendimento do Respondente 07 converge com o pensamento de Oswaldo Francisco de Almeida Júnior e Sueli Bortolin (2007, p. 3), quando defendem que o leitor é tão responsável pelo texto quanto quem o escreve e que “[...] cabe ao leitor ter a iniciativa de promover encontros ‘cruzando’ os textos que habitam o seu interior com aqueles existentes ao seu redor [...]”. Isso posto, compreende-se que para a leitura ser realizada de maneira efetiva é fundamental haver um encontro do(a) leitor(a) com o(a) autor(a), através da obra lida, oportunizando as mais variadas interpretações do que se lê, estabelecendo conexões, promovendo possibilidades de percepção de mundo, tanto o seu mundo interior quanto o mundo ao qual está inserido.

Para que esse processo de leitura intra e interpessoal ocorra de maneira efetiva, faz-se necessário que haja a contribuição de um(a) agente mediador(a). Nesse sentido, o comentário do Respondente 07 fundamenta o agir de Flávio Tavares como agente mediador, podendo-se ratificar a percepção das ações promovidas pelo Artista e indicadas na subseção 5.1, em que Flávio Tavares se reconhece como mediador da leitura e da cultura e quando o mesmo realiza atividades de mediação indireta da leitura ao interferir na ampliação do repertório de saberes dos sujeitos, por meio de suas obras.

Ainda refletindo sobre a questão do ser leitor, ressalta-se a resposta dada pelo Jornalista que demonstra o seu entendimento de que o(a) leitor(a) é aquele(a) que faz uma leitura política, estética, sensorial e sagrada de si mesmo, do seu tempo e do seu lugar, partindo do que se capta de uma obra de arte independente

da forma em que se apresenta. O Jornalista prosseguiu em seu pensamento destacando que

[...] Procuo entender de que maneira estou inserido, ou descobrir-me na viagem simbólica do artista. Não separo o leitor do artista ou da obra de arte. Trata-se, para mim, de uma interação holística. Busco entender o que quer dizer o artista, embora nem tudo seja tão racional assim; mas principalmente entender-me explorando novos horizontes.

O comentário emitido pelo Jornalista demonstra que para além do que o(a) artista esteja comunicando em sua obra, ele, enquanto leitor, estará se entendendo e ampliando suas percepções e repertórios de saberes. Desse modo, nota-se que o Jornalista enfatiza o quão valoroso é o fato de o(a) leitor(a) fazer sua leitura de maneira ampla, pautada em seu tempo e em seu lugar de pertencimento, desenvolvendo uma interação abrangente com o(a) autor(a) e com a obra, almejando explorar novos horizontes possíveis na busca do entendimento desse lugar de pertencimento do(a) produtor(a) da obra, ou seja, o sujeito leitor consegue perpassar o que está expresso no texto, reconhecendo os símbolos que identificam aquele(a) artista e empenhando-se a compreender o contexto de produção da obra, refletindo sobre quem é o(a) autor(a) e quais são os aspectos culturais que o(a) conduziram a elaborar a sua produção.

Essa percepção aproxima-se do que defende Paulo Freire (1989), ao tratar da importância do ato de ler, descrevendo que para se alcançar a compreensão do texto através de sua leitura crítica é necessário perceber as relações entre o texto e o contexto e que a leitura consciente do mundo ao seu redor promove a diminuição do medo, visto que o(a) torna íntimo(a) do seu mundo, podendo promover a sua emancipação enquanto sujeito social.

Quando perguntado aos(às) respondentes sobre o seu reconhecimento como leitor(a) e de acordo com as respostas obtidas, constatou-se que 19 (95%) dos(as) referidos(as) respondentes se consideram leitor(a), tendo apenas o Respondente 13 declarado não se considerar um leitor. Porém, ao observar a sua resposta quando questionado o que considera ser leitor, o Respondente 13 afirma que “*É apreender o além das palavras*”. Entretanto, quando responde sobre a influência de Flávio Tavares no interesse por conhecer determinado(a) autor(a) literário(a), o referido respondente menciona especificamente José Lins do Rego e Augusto dos Anjos, como os autores literários que teve interesse em conhecer

por influência do Artista. Portanto, pode-se entender que, provavelmente, o Respondente 13 não se considera um leitor 'pronto', mas em constante construção, haja vista que no processo de leitura ele amplia sua percepção para 'além das palavras', o que o conduz a outras descobertas.

Com o propósito de identificar a possível influência de Flávio Tavares em relação ao prazer de ler do seu público leitor, foi perguntado se Flávio Tavares influenciou de alguma maneira no seu gosto pela leitura. Dos(as) 20 respondentes do questionário, 12 (60%) deles(as) afirmaram terem sido influenciados(as) de algum modo por Flávio Tavares em relação ao gosto pela leitura, o que corresponde a maioria dos(as) respondentes. Dessa maneira, pode-se afirmar que Flávio Tavares interfere no prazer pela leitura alcançado por seus(uas) leitores(as) através de sua arte.

Tal fato pôde ser confirmado ao analisar as respostas apresentadas pelos(as) respondentes quando perguntados(as) sobre a influência de Flávio Tavares no interesse por conhecer determinado(a) autor(a) literário(a). Constatou-se que 04 (20%) respondentes disseram não ter tido influência de Flávio Tavares, que 02 (10%) participantes deram respostas mais amplas sem especificar o sim ou o não, enquanto que 14 (70%) respondentes, apontaram para a influência recebida de Flávio Tavares quanto ao interesse de conhecer determinado(a) autor(a) literário(a).

Em se tratando dos(as) 04 respondentes que afirmaram não ter tido influência de Flávio Tavares quanto ao interesse por conhecer determinado(a) autor(a), sendo eles(as) o Crítico de Artes; a Escritora e os(as) Respondentes 07 e 12, destaca-se a resposta do Respondente 07 que declarou identificar alguns temas literários nas obras do referido Artista e traz como exemplo a obra de Flávio Tavares intitulada *O Reinado do Sol* (Anexo D), exposta na Estação Ciência, na capital paraibana, justificando que apesar de perceber a influência literária nas obras de Flávio Tavares, os autores que identificou nelas já haviam sido acessados por ele enquanto leitor. Tal fato remete ao entendimento de Lígia Maria Moreira Dumont (2020, p. 23) quando afirma que o processo do ato de leitura é efetivado a partir de “[...] uma complexa reação em cadeia de operações, sentimentos, desejos, especulação na bagagem de conhecimentos armazenados, motivações, análises, críticas.”, ou seja, o ato de ler requer que sejam acessados o repertório informacional do sujeito leitor para que se analise, de maneira crítica,

a realidade que se apresenta e assim subsidiar os sujeitos no exercício da cidadania plena, com consciência e alteridade.

Em se tratando dos comentários mais amplos, que não chegaram a afirmar ou negar a possível influência, o Respondente 08 que declara apreciar as obras que dialogam com a política e traz uma crítica humorada do cenário. Como também o comentário da Curadora quando descreve que *“Sempre nos surpreendemos com a sua forma de gerar novos olhares através do seu grau de percepção visual”*. Posto isso, entende-se que a respondente evidencia a habilidade de Flávio Tavares em fomentar novas leituras através de sua arte e atitudes protagonistas. Esses exemplos que evidenciam o agir mediador e protagonista do Artista somam-se ao que foi observado quando o Curador relata que Flávio Tavares, ao tomar conhecimento de que ele havia feito o curso de iniciação às artes plásticas, lhe indicou livros relevantes para todo artista e ainda o presenteou com dois desses livros. Essa ação mediadora de Flávio Tavares, que agora se estabelece de forma direta - segundo a categoria associada ao conceito de mediação da informação defendido por Oswaldo Francisco de Almeida Júnior (2009), evidencia uma interferência, por meio da presença física e do diálogo entre esses sujeitos, que repercute no gosto pela leitura por meio da identificação do Artista da área de interesse do(a) respondente.

Ao considerar as 14 respostas afirmativas referentes a influência de Flávio Tavares por conhecer determinado(a) autor(a) literário(a), observou-se que 02 (14,3%) respondentes apenas afirmaram o interesse por conhecer autores por influência de Flávio Tavares, sem citar nomes, a exemplo da Respondente 11, a médica, que cita os *“Livros relacionados à arte”* e o Respondente 05 que declara: *“De certo modo sim, tendo em vista a curiosidade no conteúdo de suas obras e a busca pela inspiração do seu conteúdo”*. Enquanto que 12 (85,7%) participantes citaram explicitamente nomes de autores pelos quais se interessaram em conhecer por influência de Flávio Tavares, como, por exemplo: Ariano Suassuna, Jorge Amado, Gabriel Garcia Marques, Augusto dos Anjos, entre outros autores.

Destaca-se que dentre esses(as) 12 respondentes que citaram autores literários, 03 (25%) apresentaram autores que não são paraibanos e 09 (75%) indicaram os autores paraibanos contemplados na pesquisa, fato que consolida a influência de Flávio Tavares no interesse por conhecer autores literários, em especial os autores paraibanos mencionados. Esse resultado permite reafirmar a

interferência do Artista ao realizar, por meio de sua obra, a mediação indireta da leitura, categoria associada ao conceito de mediação da informação defendido por Oswaldo Francisco de Almeida Júnior (2009), em que se pode entender que nas atividades mediadoras, mesmo sem a presença física do usuário/leitor, existe a ação de interferir em seu desenvolvimento, portanto, no processo de apropriação da informação por parte desse sujeito.

Ainda sobre a influência de Flávio Tavares no interesse por conhecer determinado(a) autor(a) literário(a), pode-se evidenciar a diversidade de autores que Flávio Tavares realiza a mediação indireta da leitura literária, fazendo com que os(as) leitores(as) de sua obra possam ter um encontro com diversos(as) literatos(as), sendo, ou não, da sua região. Nesse sentido, o agir de Flávio Tavares se assemelha à concepção de Sueli Bortolin (2010), quando comunica que o(a) mediador(a) da leitura atua promovendo a aproximação do(a) leitor(a) com os textos literários, como também foi apresentado na subseção 5.1, quando Flávio Tavares enfatiza o entrelace de suas obras com a literatura e declara que *“A vida está ligada à literatura, sem dúvida alguma”*.

Ao tratar da Mediação cultural, o questionário aplicado contemplou perguntas relacionadas à questão de representatividade e o sentimento de pertencimento e identificação do contexto cultural através da obra de Flávio Tavares. Apurou-se que, por unanimidade, os(as) respondentes afirmaram que se sentem representados(as) nas obras do Artista. Destaca-se que entre esses(as) participantes, as Respondentes 09 e 12 não possuem vínculo de nascimento ou residência no estado da Paraíba, entretanto, elas também atribuem sentido às obras do Artista, vinculando-as ao seu lugar de pertencimento.

Quando se solicitou que os(as) respondentes citassem quais os aspectos em que se sentem representados(as) nas obras de Flávio Tavares, foi possível identificar os mais variados temas como pode ser observado no quadro a seguir.

Quadro 5 – Respostas dos(as) participantes da pesquisa sobre características nas obras de Flávio Tavares que os(as) fazem se sentirem representados(as)

Participante	Resposta
Crítico de arte	Quando ele aborda temas existenciais e políticos.
Curadora	Um artista de grandeza cultural, devido a educação dada por sua família, que já vinha de um berço de atributos culturais muito fortes.
Escritora	O inconsciente da cidade reflete seus personagens. Me identifico com algumas delas que são arquétipos. Que são parte do microcosmo paraibano que é o reflexo do todo
Curador	Especialmente nas figuras oníricas e fantásticas, sejam animais ou gente, que habitam suas obras sempre repletas de informações históricas, narrativas da mitologia ou dos clássicos da literatura nacional e mundial. Ao mesmo tempo, parece que as figuras são pessoas do seu convívio local e familiar, fazem parte da história da sua rua, do seu bairro, da sua cidade...
Jornalista	Passei a infância no Sertão da Paraíba, portanto, me identifico com o imaginário popular nordestino expresso na obra de Flávio Tavares. O aspecto mágico, surrealista, também presente na obra de Flávio Tavares, me seduz. Ao observar muitos de seus quadros, muitas vezes não procuro "entendê-los", decifrar seus "enigmas", mas permito-me libertar o espírito; deixá-lo livre para voar pelos castelos ou espaços, habitados por seres do inconsciente.
Fotojornalista	A pintura e painel de A Bagaceira de José Américo que está na UFPB tem um personagem baseado em uma foto minha.
Professora	Me sinto representada na conexão com o cotidiano da vida e nas expressões de suas personagens
Respondente 01	Por meio de: perspectivas de globalização, sensibilidade ao regionalismo, análise do contexto da realidade, posicionamento e ponto de vista
Respondente 02	Quando é retratado nas obras traços paisagísticos e práticas socioculturais da Paraíba, são aspectos que geram sentimento de pertencimento. Me sinto representada também nas obras que fazem alusão à obra de Ariano Suassuna.

Respondente 03	O real e o imaginário se fundem nos seus trabalhos, trazendo aspectos da mitologia arquetípica do nosso inconsciente de uma alma latina
Respondente 04	Quando retrata a rotina, dores, lutos e convívio familiares. Os traços das mulheres e a simbologia dos animais como o pavão e a onça. A crítica política, há muita cisão, o que distância grande parte dos seus admiradores, quase que excluindo-os. Mas de completo direito de assim expressá-lo pois conta também sua história.
Respondente 05	Pela história e cultura do nosso povo paraibano.
Respondente 06	Nos aspectos que nos remete a vida no interior.
Respondente 07	Em primeiro lugar, o universo que ele registra em várias obras é uma transcrição dele de ambientes e arquiteturas da Paraíba, e isso dá um efeito de reconhecimento e parte do que está retratado. Em segundo lugar, o mundo social em que vivemos é também transversalizado nas obras do Flávio, sendo explícito, por exemplo, o momento político do Brasil numa obra enorme e sensacional que ele lançou no SESC Cabo Branco e que teve como claro ativador de sua produção o golpe contra a presidenta Dilma Rousseff, e a obra virou uma representação da nossa luta política. Até porque, como pessoa ativa na vida política de nossa cidade, encontrei o Flávio Tavares participando como cidadão de muitos dos atos de rua que foram realizados contra o golpe, e isso me dava, indiretamente, ainda mais sensação de pertencimento à obra.
Respondente 08	As obras em que estão representadas a cultura nordestina, em especial a da Paraíba.
Respondente 09	Através da beleza e presença do feminino
Respondente 10	Com certeza eu me sinto representada tanto nos cenários e personagens quanto nos contextos e narrativas abordados nas obras.
Respondente 11	A arte política de Flávio e sua incursão nas paisagens nordestinas.
Respondente 12	Estilo original onde homenageia suas raízes
Respondente 13	Político

Fonte: Elaborado pela autora (2023)

Diante dos comentários expostos no Quadro 5, verificou-se que o sentimento de pertencimento se apresenta em relação aos diversos aspectos, tais como: os existenciais; as personagens; as figuras oníricas e fantásticas; o real e o imaginário; os traços paisagísticos e as práticas socioculturais da Paraíba; o cotidiano da vida; a política; o imaginário popular nordestino; os convívios familiares, as mulheres e os animais; a história e a cultura do povo paraibano; a vida no interior; a beleza e a presença feminina; entre outros.

A diversidade de aspectos elencados pelos participantes da pesquisa pode demonstrar que as obras de Flávio Tavares refletem de maneira ampla o sentimento de pertencimento dos seus(uas) leitores(as), visto que - até mesmo as participantes que não expressaram vínculo de nascimento e/ou residência no estado da Paraíba - a Respondente 12, brasileira residente em Jundiaí/SP, declarou se sentir representada no *“Estilo original onde homenageia suas origens”* e a Respondente 09 reiterou se sentir representada nas obras de Flávio Tavares *“Através da beleza e presença do feminino”*.

Constatou-se também que 05 (25%) respondentes refletiram sobre a perspectiva política, sendo que 04 (20%) deles(as) fizeram menção a uma representação de si, do seu entendimento das questões que envolvem o cenário político brasileiro, apontando a abordagem do tema como um fato positivo e/ou necessário. O que não ocorre com a Respondente 04, que apesar de comentar que se reconhece na representação do cotidiano, das dores e do convívio familiar, afirma considerar que na *“[...] crítica política, há muita cisão, o que distancia grande parte dos seus admiradores, quase que excluindo-os. Mas de completo direito de assim expressá-lo pois conta também a sua história”*. Entende-se que a respondente compreende a postura política evidente nas obras de Flávio Tavares, mesmo considerando que possa excluir quem tem posicionamento diferente do que apresenta o Artista, o que não aconteceu com ela, que apesar de pensar diferente politicamente continua acompanhando o trabalho do Artista.

É importante destacar que o referido posicionamento se dá não apenas em suas obras, mas também no cotidiano de Flávio Tavares, como destacado pelo Respondente 07 quando comenta que se reconhece nas obras do Artista e menciona, entre outros aspectos, que *“[...]o mundo social em que vivemos é também transversalizado nas obras do Flávio, sendo explícito, por exemplo, o momento político do Brasil[...]”* e cita o painel *Brasil, O Golpe: A Ópera do fim do*

mundo (Anexo A). O respondente segue dando destaque ao fato de ter encontrado o Artista nas manifestações em defesa da então Presidenta Dilma Rousseff, fato que o fez se sentir ainda mais representado nas obras do Artista que aproxima o discurso da prática. Esses resultados ratificam, a partir do entendimento de Edmir Perrotti (2017), uma postura protagonista de Flávio Tavares que vai além da expressão por meio de sua arte, ampliando-se para ação junto ao coletivo, quando no espaço público manifesta seus ideais político e de sociedade, sendo (re)conhecido por seu público.

Em se tratando do aspecto cultural como a característica que o(a) respondente se reconhece nas obras de Flávio Tavares, evidenciou-se a resposta apresentada pelo Jornalista que cita a infância vivida no interior do Estado ratificando a sua identificação com o imaginário popular nordestino presente na obra de Flávio Tavares. Esse reconhecimento possibilita a realização de uma aproximação com o que defende Joel Candau (2005), quando trata do entrelaçamento entre a memória e a identidade e ressalta que são muitos os casos em que a memória pode desfazer ou consolidar o sentimento de identidade, visto que o respondente recorre à sua memória, às vivências experimentadas na sua infância no sertão paraibano para conferir o seu sentimento de identificação com o que o Artista reproduz em suas obras.

O Jornalista segue descrevendo o modo com que realiza a leitura das obras de Flávio Tavares, se desprendendo da intenção de entender o que está sendo lido, entregando-se à liberdade de percorrer os espaços representados nas referidas obras, permitindo-se evocar experiências que podem fazê-lo se desprender do “real”, ou seja, se dispõe a deixar fluir a sua imaginação que se nutre no seu repertório pessoal amparado pelas imagens que compõem a obra e no desprendimento da realidade que se propôs. Tal fato remete a afirmação realizada por Lígia Maria Moreira Dumont (2020), ao refletir que para o(a) leitor(a) se apropriar do que é lido é necessário que haja a produção de sentido, pautada nas suas experiências, que favoreça uma leitura singular.

De acordo com os comentários descritos no Quadro 5, observou-se que a Respondente 02 indica que se sente representada nas obras que retratam os “[...] traços paisagísticos e práticas socioculturais da Paraíba, [...] nas obras que fazem alusão à obra de Ariano Suassuna”, o que se alinha a outros comentários, elencados no referido quadro, em que são apontados elementos que fazem

referência ao espaço geográfico que os respondentes residem, que são representados na obra do Artista e que se caracterizam como enunciados evocadores de memória e identidade desses sujeitos. Dessa forma, pode-se dizer que Flávio Tavares influencia de algum modo na constituição identitária desses sujeitos, na leitura que eles fazem do contexto social em que estão inseridos.

Para exemplificar a característica que faz com que os(as) respondentes se reconheçam nas obras de Flávio Tavares, ressalta-se o comentário do Fotojornalista que afirma se reconhecer na obra *A Bagaceira* (Figura 8) em virtude de ter sido homenageado com a representação de uma fotografia sua em que, no referido painel, apresenta uma mãe com sua criança deitada em seu colo (Figura 12, apresentada na subseção 5.2).

Buscou-se também conhecer sobre a percepção dos(as) respondentes quanto às interferências de Flávio Tavares no que se relaciona ao contexto cultural e, em caso afirmativo, que fosse descrito quais aspectos foram alterados. Com fundamento nas respostas obtidas, constatou-se que dos(as) 20 respondentes apenas 02 (10%) não consideram ter identificado alterações em sua perspectiva diante do contexto cultural. Esses(as) 02 respondentes são os(as) mesmos(as) que afirmam não ter tido influência de Flávio Tavares por conhecer determinado(a) autor(a) literário(a). Mesmo sendo um pequeno quantitativo que expressa essa negativa, segundo a amostra desta pesquisa, vale destacar a necessidade de verificar as abordagens utilizadas pelo Artista que não têm alcançado uma interferência efetiva no processo mediador junto a esses(as) leitores(as). Essa investigação é necessária tanto para o Artista, quanto para outros(as) mediadores(as) que devem buscar constantemente a ressignificação de seu agir, pautado no planejamento de suas atividades, a fim de torná-las efetivas e romper os obstáculos identificados.

Por outro lado, 18 (90%) respondentes da amostra analisada reconhecem ter ocorrido modificações em suas perspectivas diante do contexto cultural. Dito isso, dentre as respostas afirmativas, evidencia-se o entendimento da Escritora ao descrever que,

[...] Seu papel é importante para a arte paraibana, seu papel é importante para a consciência e ação política do espaço artístico de João Pessoa. Ele é um pouco como Goya. Por vezes tem que ser pintor do rei, outras desenha os "Caprichos" e assim muda o mundo.

Acompanhando a resposta da Escritora, atenta-se para o ponto em que a mesma reflete sobre a importância do artista como um agente político capaz de efetuar mudança no contexto social e que sua crença aumenta diante da tenacidade e resistência que identifica no agir de Flávio Tavares. A respondente justifica que o Artista dentro do universo que se utiliza das artes visuais na decoração dos ambientes, percebe a oportunidade de, por meio de suas metáforas, abordar temas da realidade, chegando a identificar em sua trajetória, um pouco do pintor espanhol *Francisco de Goya*, cujas obras traziam características subjetivas, fantasiosas e politicamente engajadas, apesar de atuar como pintor da corte espanhola.

Entre outros depoimentos que refletem sobre as mudanças ocorridas em suas perspectivas diante do contexto cultural enfatiza-se a resposta do Jornalista, ao afirmar que Flávio Tavares, com o seu agir em defesa da natureza e da cultura, contribuiu para a sua prática de posicionamentos críticos no tocante ao contexto cultural do país como um todo. Essas características reafirmam e evidenciam aspectos citados por Edmir Perrotti (2017) ao tratar de protagonismo, quando defende que é um modo de ser e de estar, de produzir e cuidar de um mundo comum, portanto, entende-se que Flávio Tavares se utiliza de um modo próprio de ressignificação dos signos, dos meios, das formas, das memórias para interferir nos discursos e nas ações a favor do coletivo.

Ainda referente ao reconhecimento de modificações em suas perspectivas diante do contexto cultural, um outro exemplo do agir mediador de Flávio Tavares, ao apoiar a formação de um sujeito, foi explicitado na resposta do Curador, quando declarou que: *“Eu diria que ele foi uma pessoa, entre outras, das mais importantes ao me auxiliar a ver melhor o mundo, as artes. Também me ajudou, inconscientemente, a entender e me aprofundar na história mundial da arte.”* Esse comentário pode se associar a outra resposta desse participante que evidenciou a ação de Flávio Tavares em lhe indicar livros importantes para sua formação enquanto artista. Tais ações reafirmam que esse Artista, tanto de maneira coletiva quanto individual, vem contribuindo para a leitura crítica que auxilia na apropriação de informações, na transformação e relação dos sujeitos no mundo.

A Respondente 06 também expressou que Flávio Tavares, através de suas obras que retratam fatos e momentos marcantes da história e da cultura do país,

a fez despertar para uma consciência crítica do contexto cultural. Assim, as ações realizadas pelo Artista podem ser entendidas como exemplo de ação cultural para libertação defendida por Paulo Freire (1981), visto que viabiliza a compreensão crítica da realidade vivenciada pelo sujeito leitor.

Em se tratando da percepção que os sujeitos leitores possuem do trabalho de Flávio Tavares, foi solicitado que os(as) respondentes descrevessem as obras do Artista, como apresentado no Quadro 6.

Quadro 6 – Descrição das obras de Flávio Tavares pelo olhar dos(as) participantes da pesquisa

Participante	Resposta
Crítico de arte	Através de uma matriz naif o artista alterna entre o primitivo e o erudito, navegando muitas vezes pelo realismo fantástico.
Curadora	Flávio Tavares, um artista excelente, que contribui de forma muito expressiva, vivenciando tudo que está ao seu redor, impactando novos olhares ao universo mágico, singular que o mundo, os sensores nos oferecem. Ele nos presenteia com a sua criatividade, luz, força de vontade, estímulo para todos que conseguem encontrar a sua obra que já se encontra distribuída em vários países do nosso continente "Terra", várias coleções, que absorvem a sua obra, encantadora em diversas técnicas, como, bicos de pena, litografia, aquarelas, pinturas em óleo sobre telas, murais em cerâmica, esculturas em pedra, enfim todo um universo criativo que lhe inspira fazer.
Escritora	Seu trabalho é amplo e variado, mas de forma geral figurativo. Prefiro as fases expressionistas, principalmente nos desenhos. Como disse anteriormente, Flávio penetra o inconsciente da cidade onde mora, sua alma, digamos. E daí retira suas fantasias que são reflexo da realidade cotidiana. Olhar um trabalho de Flávio é descobrir incontáveis universos e rir ou chorar porquê de maneira geral ele mexe com as emoções.
Curador	Elas são como um livro aberto, ilustrado, em cores, atemporal, e ele, a nos contar histórias reais e imaginárias. Aliás, sua produção artística, na maioria, é um convite a uma espécie de viagem interior que todos nós deveríamos fazer. Não à toa ele faz parte da Academia de Letras da Paraíba.
Jornalista	Para mim, há duas dimensões principais na obra de Flávio Tavares. Em uma, o artista faz uma espécie de inventário de sua memória; dos laços afetivos, históricos e culturais que o ligam à sua terra. Noutra, projeta a "voz" oriunda do inconsciente coletivo; do sonho, enfim. Do ponto de vista puramente estético, trata-se de um artista figurativo que incorpora elementos da arte naif, do surrealismo e da xilogravura; de cores e formas profundamente telúricas.
Fotojornalista	É um diálogo com a modernidade reinventando novas leituras e criando sempre um estilo com valores de beleza, harmonia e equilíbrio estético. Flávio possui uma linguagem específica que contém símbolos, metáforas e valores estéticos no seu reino de fantasias e sonhos. Olhar uma pintura de Flávio é uma celebração da vida com seu olhar poético refinado.
Professora	As obras de Flávio Tavares traduzem o imaginário criativo do artista, a leitura de determinado tempo histórico, contexto, aspectos do cotidiano e uma intertextualidade fantástica que possibilita ao/a leitor/a a curiosidade para conhecer outras obras, assim como a aproximação com a amorosidade, sensibilidade e acervo cultural do artista.

Respondente 01	Vivas, reais, imaginárias ou fantásticas
Respondente 02	Preciosidades
Respondente 03	Oníricas
Respondente 04	Intensa, crítica, histórica, familiar, emocional.
Respondente 05	Registro preciso da cultura paraibana.
Respondente 06	Belíssimas obras de arte que retratam aspectos da cultura regional e nacional.
Respondente 07	Flávio tem um traço singular, que vejo na maneira como ele produz tanto os ambientes que ficam mais como fundo de suas obras, como na maneira como retrata personagens. Especialmente, as mulheres presentes nas obras dele são muito características, tendo uma maneira singular de se expressar, que me produzem um efeito de reconhecimento da característica do autor, sem que nunca me tenha dado a impressão de repetitividade ou de falta de inovação, pois emana um quê de novo em cada obra sua que vejo.
Respondente 08	Um dos melhores artistas plásticos nordestinos.
Respondente 09	Uma biografia
Respondente 10	Belíssimas obras de arte que contam diversas histórias, nos proporcionando uma inquietação de saber mais a respeito do que conseguimos identificar em cada uma delas.
Respondente 11	Obras engajadas com seu tempo e ao mesmo tempo divaga com suas pinturas oníricas. Ele transita entre o real e os sonhos. Espetacular.
Respondente 12	Lindas e marcantes
Respondente 13	De uma provocação imediata e contemplação perene

Fonte: Elaborado pela autora (2023)

Com base no Quadro 6, pode-se identificar que os(as) respondentes descreveram as obras de Flávio Tavares como realismo fantástico; universo mágico; figurativo; com reflexos da realidade cotidiana e que mexem com as emoções, visto que se apresentam como um livro aberto; contando histórias reais e imaginárias. Eles(as) ainda descrevem essas obras como atemporal; preciosa; onírica; biográfica; intensa, crítica, histórica, familiar e emocional; primitivo e erudito; registro preciso da cultura paraibana; de uma provocação imediata e perene; que promove inquietação por saber mais. Diante das tantas formas com que a obra de Flávio Tavares foi descrita pelos sujeitos leitores que responderam ao questionário, notou-se uma coerência existente entre as distintas descrições da obra do Artista e que faz fluir em direção a uma percepção de completude.

Desse modo, destaca-se a fala do(a) Respondente 10, um/a estudante, que descreve a obra de Flávio Tavares como belíssima, ressaltando a particularidade de que contam histórias e provocam a curiosidade por saber mais a respeito daquilo que foi lido em cada uma delas. Esse comentário corrobora com o entendimento expresso pela Professora, que descreveu as obras do Artista da seguinte maneira:

As obras de Flávio Tavares traduzem o imaginário criativo do artista, a leitura de determinado tempo histórico, contexto, aspectos do cotidiano e uma intertextualidade fantástica que possibilita ao/a leitor/a a curiosidade para conhecer outras obras, assim como a aproximação com a amorosidade, sensibilidade e acervo cultural do artista.

Com base nessas duas respostas destacadas, observou-se essa confluência de entendimentos que se complementam e traduzem o sentimento de busca por conhecer mais, por aproximar-se do repertório cultural do Artista. Como também se inter cruzam com o Respondente 13 quando afirmou que as obras de Flávio Tavares são “*De uma provocação imediata e contemplação perene*”.

Ao discorrer sobre o seu entendimento em relação às obras de Flávio Tavares, a Escritora afirma, entre outras coisas, que “[...] Flávio penetra o inconsciente da cidade onde mora, sua alma, digamos. E daí retira suas fantasias que são reflexo da realidade cotidiana[...]”, o que também se aproxima do comentário da Professora ao se referir sobre os aspectos cotidianos, ou seja, muitos dos leitores das obras de Flávio Tavares podem reconhecer em seu trabalho uma representação do lugar de pertencimento do artista, que contempla

suas vivências e a história desse seu lugar, oportunizando ao seu público se reconhecer em suas obras.

Aspecto que também é ressaltado pelo Jornalista quando discorreu sobre a obra de Flávio Tavares, elencando duas principais dimensões: *“Em uma, o artista faz uma espécie de inventário de sua memória; dos laços afetivos, históricos e culturais que o ligam à sua terra. Noutra, projeta a “voz” oriunda do inconsciente coletivo; do sonho [...]”* e acrescenta o ponto de vista que chama puramente estético. Com base nessa descrição, pode se inferir que Flávio Tavares contempla em suas obras tanto as peculiaridades de suas raízes quanto a projeção do inconsciente coletivo, ou seja, o sentimento de representatividade de um povo. Remetendo mais uma vez a Paulo Freire (1989) ao defender que a alfabetização libertadora se dá quando os grupos populares são capazes de “reler” as situações pelas quais passaram e possibilitando a conscientização da situação em que vivem.

Vale destacar que os comentários anteriores evidenciam também características presentes nas obras de Flávio Tavares ligadas às suas concepções e modo de agir no mundo, aspectos que são possíveis a partir de um conhecimento sobre o Artista e seu contexto sociocultural. Essa percepção possibilita afirmar a importância do(a) mediador(a) da leitura, em suas atividades, buscar uma relação da obra, do(a) produtor(a) e do contexto sociocultural em que esse(a) está inserido(a), possibilitando um adentramento às entrelinhas do documento, seja ele textual ou mesmo tridimensional.

Quando o Respondente 07 se referiu a singularidade com que Flávio Tavares retrata as personagens de suas obras, em especial as mulheres, converge com a característica que faz as Respondentes 04 e 09 se sentirem representadas em sua obra, como visto no Quadro 5. Esse resultado permite ratificar o que foi compreendido quando se analisou a Figura 3 - *O trono alumioso da musa incandescente*, apresentada na subseção 5.2, em que se observou a representação da figura feminina como eixo central, assim como em muitas obras de Flávio Tavares, a figura feminina assume uma posição protagonista.

Nas palavras do Curador, as obras de Flávio Tavares

[...] são como um livro aberto, ilustrado, em cores, atemporal, e ele, a nos contar histórias reais e imaginárias. Aliás, sua produção artística, na maioria, é um convite a uma espécie de viagem interior que todos nós

deveríamos fazer. Não à toa ele faz parte da Academia de Letras da Paraíba.

A partir desse comentário reitera-se o pensamento expresso por Maria Helena Martins (1988), quando ela cita que o ato de ler está para além dos textos escritos, como, por exemplo, o Curador quando cita que as obras de Flávio Tavares são como um 'livro aberto'. Pode-se inferir a partir desse comentário, que a obra do referido Artista é capaz de evocar no sujeito memórias, de o provocar a realizar uma leitura de si, como também questionamentos, o inquietar, enfim, despertar sensações, emoções e ampliar seu repertório de saberes, ou seja, a obra de Flávio Tavares é um dispositivo informacional que possibilita ao sujeito leitor evocar os traços identitários nelas apresentados, oportunizando o (re)conhecimento, por parte dos(as) leitores(as), dos(as) autores(as) literários(as) aos(às) quais o Artista se inspirou ao criá-las. Fato que, possivelmente, venha promover o fortalecimento da constituição identitária desse sujeito leitor.

A partir dos resultados que evidenciaram os comentários dos(as) participantes desta pesquisa - em que ratificam a postura de agente mediador da leitura e cultura, como também de protagonista de Flávio Tavares, associados à análise das obras e falas de Flávio Tavares, pôde-se alcançar os objetivos propostos nesta pesquisa, desde a identificação da influência das narrativas literárias, transparecendo a constituição identitária e memorialística do Artista, até a possibilidade de demonstrar que as atividades de mediação da leitura e mediação cultural realizadas por Flávio Tavares, por meio de suas obras, influenciam seus(uas) leitores(as) e os(as) possibilitam (re)conhecer seus traços culturais.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As influências das narrativas literárias paraibanas nas artes plásticas de Flávio Tavares foram identificadas com a análise do entrelaçamento de suas obras com a produção literária de *Ariano Suassuna*, *Augusto dos Anjos*, *José Lins do Rego* e *José Américo de Almeida*. Constatou-se que o Artista, muitas vezes, baseia-se em cenas literárias para a produção de telas que evocam elementos anunciados pelos literatos citados. Por se tratar de escritores paraibanos, pode-se afirmar que os traços socioculturais que contextualizam as narrativas abordadas permeiam a trajetória de vida de Flávio Tavares. Ao mesmo tempo, entende-se que esses aspectos podem influenciar e refletir na maneira como o leitor atribui sentido e se reconhece nas obras de Flávio Tavares, podendo se sentir motivados à leitura literária, portanto, esse Artista realiza nessa interferência o que se entende como uma mediação indireta da leitura.

Por meio da análise realizada nas obras que compõem a amostra da pesquisa, percebeu-se que quando Flávio Tavares aborda o universo sertanejo e fabulário o leitor pode associar a *Ariano Suassuna*; as feras e dramas com *Augusto dos Anjos*; os engenhos e trabalhadores das plantações de cana-de-açúcar às obras de *José Lins do Rego*; e os retirantes da seca de *José Américo de Almeida*. Dessa maneira, Flávio Tavares realiza uma mediação indireta da leitura ao evidenciar traços que caracterizam e representam as obras de cada escritor e alguns desses elementos também são simbólicos e podem ser relacionados ao Artista, como também ao povo paraibano.

Observou-se que os dispositivos informacionais se articulam e potencializam uma leitura múltipla e associada, em que a pintura e a literatura se inter-relacionam, de modo que mesmo o leitor que não tenha domínio da linguagem escrita pode se apropriar da informação que lhe é compartilhada por meio da narrativa visual.

Constatou-se que, além da literatura, a produção artística de Flávio Tavares traz influências da música, do cinema, do teatro e da fotografia. Como pode ser percebido claramente em falas, na entrevista, em que cita nomes de artistas e obras dos mais variados segmentos da Arte, a exemplo de *Molière* no teatro, *Linduarte Noronha* e *Almodóvar* no cinema, entre outros. Assim, existe uma

multiplicidade de leituras que envolve os diversos dispositivos informacionais que também são mediados por Flávio Tavares.

Em se tratando dos aspectos culturais retratados nas obras, Flávio Tavares traz consigo uma visão clara do que a obra de cada artista lhe inspira e descreve que em seu processo criativo, quando pensa em alegria, sensualidade e multiplicidade de cores, recorre a *Jorge Amado*; quando pretende falar da “sua terra”, do cheiro da terra e do verde, pensa em *José Lins do Rego*; e ainda declara: “eu tô dentro da literatura, não tem como escapar”. Dessa maneira, a leitura se apresenta como um ato simbólico para o Artista que na condição de mediador busca expressar em suas telas a autenticidade que adquiriu enquanto leitor. Assim, na condição de leitor que se envolve nas tramas da literatura e das demais artes, ele se expressa e cativa outros leitores, portanto, medeia a leitura e a cultura.

A partir dos resultados analisados, observou-se ainda que Flávio Tavares produz sua arte considerando que o sujeito que tem acesso a ela possa desenvolver o pensamento crítico e ao passo que compreenda a sua realidade possa buscar meios para transformá-la. Constatou-se que o Artista atua de maneira consciente do seu papel social por meio da produção artística, alinhada ao contexto sociocultural do seu espaço geográfico, histórico e temporal. Por exemplo, quando apresenta elementos sobre a dinâmica da casa-grande, em que a senhora é encontrada no interior desse espaço, contemplando passivamente o trabalho realizado no engenho, em que, por outro lado, os negros são expostos na senzala sob o olhar do senhor de engenho. Essa dinâmica apresentada na escrita de *José Lins do Rego* é descrita na pintura de Flávio Tavares que possibilita a ampliação da leitura por parte do sujeito leitor. Dessa maneira, o Artista possibilita uma leitura crítica da dinâmica social após o término da escravidão, mesmo com a abolição da escravatura os negros ainda estavam mantidos em uma mesma condição de trabalho, o que conduz a desigualdade social evidenciada nos dias atuais. Flávio Tavares possibilita ao leitor, independente da fase de vida em que está, (re)conhecer os problemas sociais decorrentes de um percurso histórico e político que fundamentam os dias atuais e que mantém grupos sociais ainda à margem da sociedade e da garantia de seus direitos.

Percebeu-se também a importância da literatura na vida de Flávio Tavares, visto que a mesma se concretiza imagetivamente em sua prática como artista plástico. Tal fato pode ser conferido em seus canais de divulgação nas suas redes sociais digitais, nos encartes das exposições que realiza, entre outros indícios de memória que materializam sua trajetória profissional. Durante a entrevista realizada com o Artista ficou evidente a relevância da literatura em sua vida através do seu discurso, a exemplo de quando o mesmo menciona fatos que marcaram a caminhada para sua formação como um sujeito envolvido com as artes. Em um de seus depoimentos, o Artista descreve um livro que o seu pai lhe presenteou, há mais de 50 anos, em um de seus aniversários. Flávio Tavares fala do livro que trata da obra do pintor *Gauguin* e que ainda compõe o seu acervo, ou seja, pôde-se constatar que esse dispositivo, livro, é carregado de valor simbólico que entrelaça a atuação do Artista com a “criança” Flávio Tavares.

Também se tratando dos aspectos que marcam a influência da literatura na vida e nas obras de Flávio Tavares, foi possível identificar os cenários geográficos que esse Artista percorreu, os lugares da Paraíba que ele (re)conheceu, presencialmente e por meio da literatura, como a Pedra da Itaquiara, a Pedra da Boca, Fazenda Acauhan, o Pico do Jabre, entre outros territórios que são identificados por aqueles que conhecem e são convidativos àqueles que ainda não conhecem a Paraíba. As histórias que foram contadas nas narrativas orais e registradas na literatura de escritores paraibanos, que ocorreram nesses espaços geográficos, são representadas por Flávio Tavares e também podem ser reconhecidas pelos paraibanos que já ouviram ou leram sobre elas, de modo que esse Artista apresenta traços identitários que são simbólicos do povo paraibano e nordestino e que fortalece sua constituição memorialística.

Por meio da entrevista realizada com o Flávio Tavares, identificou-se atitudes que transparecem a constituição identitária e memorialística em seu agir como artista plástico. O Artista afirma que o fato de suas obras estarem alinhadas com a literatura não se deu por acaso, é proveniente de fatos que inicialmente decorrem da sua família, que experimentava rotineiramente, as mais variadas expressões artísticas; da sua convivência com pessoas envolvidas com outras artes, em especial a literatura; da oportunidade de ilustrar muitos livros de amigos quando ainda estava no processo de formação acadêmica; do trabalho com charges para jornais locais, o que justifica a sua aproximação com profissionais

do mundo das letras, além de também ter trabalhado como cenógrafo, ilustrando para o teatro.

Conforme Flávio Tavares, todas essas oportunidades mencionadas, junto com a música e o cinema, favoreceram o entrelaçar de sua obra com a literatura. Dessa maneira, percebeu-se que além das informações que permeiam e são baseadas nos diversos dispositivos informacionais, as pinturas de Flávio Tavares também descortinam e evidenciam uma leitura de si, de suas vivências e saberes, em um processo de materialização sobre sua trajetória sociocultural.

Através da investigação também se pôde reconhecer a atuação de mediador cultural de Flávio Tavares ao agir como um produtor de dispositivos (telas de pinturas) carregados de elementos que propiciam aos leitores a atribuição de sentido. Enfatiza-se que a produção artística de Flávio Tavares demonstra sua criatividade e criticidade, contextualizadas em seu lugar de pertencimento. Essa mediação é realizada de maneira consciente e viabiliza aos sujeitos, inclusive àqueles colocados à margem da sociedade, o acesso e a apropriação dos bens culturais, favorecendo a inclusão e o desenvolvimento desses sujeitos, a possibilidade de reconhecerem elementos que são simbólicos e representativos de seu povo, perceberem também a trajetória em que seus ancestrais vivenciaram e observarem que pertencem a um povo forte, que luta pelos seus direitos e buscam condições melhores de existirem no mundo, conduzindo-os ao alcance de uma postura protagonista.

Entende-se que a atuação protagonista está alinhada a uma postura de enfrentamento diante dos obstáculos segregadores, alicerçada na coerência entre o dizer e o agir de maneira consciente, com o intuito de abrir caminhos para que todos os sujeitos tenham oportunidade de conviver de maneira igualitária, respeitando as maneiras distintas de pensar e agir no mundo, guiados pelo ideal do bem comum. Tais características são identificadas em Flávio Tavares que, em seu agir como mediador cultural, ao se relacionar com o *outro*, expõe perspectivas e possibilidades que oportunizam uma ressignificação da sua vida e de sua existência, considerando as experiências e saberes que compõem a base para se chegar a uma conscientização da luta contra o silenciamento e o apagamento do brilhantismo que o *outro* possui.

O agir protagonista de Flávio Tavares pode ser facilmente identificado em muitas passagens da sua vida, a exemplo da participação nas ações realizadas

em associações de trabalhadores rurais na região do brejo paraibano. Aos 14 anos de idade, na companhia de familiares e amigos, o Artista vivenciou um momento marcante para a sua constituição identitária, pois teve a oportunidade de, junto com uma professora, aplicar a *Pedagogia Freireana* na formação dos trabalhadores rurais do brejo paraibano, contribuindo com o processo de conscientização da classe trabalhadora. Dentre outros exemplos, pode-se também citar as ações de mediação direta da leitura desenvolvidas pelo Artista nas escolas públicas situadas nos bairros periféricos de sua cidade natal. Nas ações realizadas, além de conversa sobre arte, suas formas de expressão e sobre artistas paraibanos, houve também uma exposição com releituras de suas obras feitas pelas crianças. Flávio Tavares também desenvolve a mediação direta da leitura ao interagir e compartilhar os variados aspectos socioculturais e identitários junto a indígenas, cegos e ciganos, entre outros sujeitos que possuem suas práticas culturais que se juntam às de Flávio Tavares e que podem perceber que integram formas diferentes, mas complementares de ver e representar o mundo e seu lugar pertencimento.

É importante também destacar que o próprio Artista se considera um agente da mediação cultural, chegando a afirmar durante a entrevista concedida que sente falta de ter tido mais oportunidade de compartilhar o que aprendeu e que reconhece a importância da nossa pesquisa que, na sua visão, poderá fazer com que várias pessoas possam (re)conhecer o seu processo criativo. Fato que aponta para a sua preocupação em tornar mais amplo o seu agir como mediador, em que, para além de sua atuação exista uma pesquisa que apresente ou amplie a visibilidade e que reflita sobre o seu trabalho, possibilitando que a mensagem expressa através de sua arte chegue a mais pessoas.

A partir dos resultados apresentados na análise do questionário, notou-se que 12 (60%) dos(as) leitores(as) das obras de Flávio Tavares indicaram que o Artista influenciou de alguma maneira o seu gosto pela leitura. Esses ainda indicaram (14 - 70%) sobre a influência recebida de Flávio Tavares quanto ao interesse de conhecer determinado(a) autor(a) literário(a). Esses dados, entre outros, demonstram que Flávio Tavares age como mediador da leitura, ampliando, por meio de suas obras, o repertório informacional dos sujeitos, além de contribuir com o fortalecimento identitário deles, quando aproximam os(as) leitores(as) de literatos paraibanos e nordestinos que evocam traços de memória desse coletivo.

A partir dos resultados apresentados e discutidos, como também das considerações que foram alcançadas nesta pesquisa, é possível confirmar a hipótese desta pesquisa, ao observar o entrelace das narrativas literárias nas artes plásticas de Flávio Tavares, como também se constatou que em tais obras é possível evidenciar vestígios identitários e memorialísticos desse produtor e do povo paraibano. Pôde-se também constatar a conscientização desse Artista em sua atuação como mediador cultural e da leitura que apoia o processo de acesso à informação, por meio dos dispositivos por ele produzidos e que teve acesso.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. Mediação da informação e múltiplas linguagens. **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, Brasília, v. 2, n. 1, p. 89-103, jan./dez. 2009. Disponível em: https://www.brapci.inf.br/_repositorio/2010/01/pdf_9aa58ba510_0007871.pdf. Acesso em: 25 maio 2020.

ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco; BORTOLIN, Sueli. Mediação da informação e da leitura. In: SILVA, Terezinha Elizabeth da (org.). **Interdisciplinaridade e transversalidade em Ciência da Informação**. Recife: Néctar, 2007.

ANJOS, Augusto dos. **Eu e outras poesias**. 4. ed. São Paulo: Martin Claret, 2012.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BARROS, Aidil Jesus da Silveira; LEHFELD, Neide Aparecida de Souza. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 2. ed. São Paulo, 2000.

BORTOLIN, Sueli. **Mediação Oral da Literatura**: a voz do bibliotecário lendo ou narrando. 2010. 232 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2010. Disponível em: goo.gl/mRLa4. Acesso em: 1 nov. 2021.

CANDAU, Joel. **Antropologia da memória**. Lisboa: Instituto Piaget, 2005.

CANDAU, Joel. **Memória e Identidade**. São Paulo: Contexto, 2012.

CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011.

CARVALHO, José Jorge de. 'Espetacularização' e 'Canibalização' das Culturas Populares na América Latina. In: **Revista ANTHROPOLÓGICAS**, Recife, ano 14, v. 2, (1), p 39-76, 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaanthropologicas/article/viewFile/23675/19331>. Acesso em: 5 dez. 2021.

CAVALCANTE, Lidia Eugenia. Mediação da leitura e alteridade na educação literária. **Informação & Sociedade: Estudos**, v. 30, n. 4, p. 1-14, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/57262/32635>. Acesso em: 12 nov. 2021.

CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas Ciências Sociais**. Bauru: EDUSC, 1999.

DAMATTA, Roberto. **Você tem cultura?** Jornal da Embratel, Rio de Janeiro, 1981. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/877886/mod_resource/content/1/2_MATTA_Voc%C3%AA%20tem%20cultura.pdf. Acesso em: 20 ago. 2021.

DUMONT, Lígia Maria Moreira. Construtos próprios sobre leitura na Ciência da Informação. In: DUMONT, Lígia Maria Moreira (org.). **Leitor e leitura na Ciência da Informação: diálogos, fundamentos, perspectivas**. Belo Horizonte: ECI/UFMG, 2020. cap. 1, p. 21-52.

FLÁVIO TAVARES. **Biografia Flávio Tavares**. Disponível em: http://flaviotavares.com.br/pt_br/. Acesso em: 26 fev. 2021.

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para liberdade: e outros escritos**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1981.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 23. ed. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. São Paulo: Atlas, 2010.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais: Morfologia e história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

GOMES, Dyógenes Chaves. **Dicionário das Artes Visuais na Paraíba**. João Pessoa: Editora 20U4, 2015.

GOMES, Henriette Ferreira. Protagonismo Social e Mediação da Informação. **Logeion: Filosofia da informação**, Rio de Janeiro, v. 5 n. 2, p. 10-21, mar./ago. 2019. Disponível em: <https://revista.ibict.br/fiinf/article/view/4644/4046>. Acesso em: 16 nov. 2021.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 22(2), 15-46, 1997.

HALL, Stuart. A identidade em questão. In: HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&J, 2006. Disponível em: https://leiaarqueologia.files.wordpress.com/2018/02/kupdf-com_identidade-cultural-na-pos-modernidade-stuart-hallpdf.pdf. Acesso em: 10 jun. 2021.

LIMA, Celly de Britto; PERROTTI, Edmir. O Bibliotecário como mediador cultural. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 18., 2017, Marília. **Anais [...]**. Marília: UNESP, 2017.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MARTINS, Maria Helena. **O que é Leitura**. Brasília: Editora Brasiliense, 1988.

MATURANA, Humberto; VARELA, Francisco. **Conhecendo o conhecer**. Tradução: Jonas Pereira dos Santos. São Paulo: Editorial Psy II, 1995.

MOLES, Abraham. **Sociodinâmica da Cultura**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1974.

OLIVEIRA, Amanda Leal de. A mediação da informação como experiência de negociação de sentidos. **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, v. 4, n. 1, 2011. Disponível em: <https://www.brapci.inf.br/index.php/res/v/119413> . Acesso em: 10 dez. 2021.

OLIVEIRA, Amanda Leal de. **A negociação cultural**: um novo paradigma para a mediação e a apropriação da cultura escrita. 2014. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

PERROTTI, Edmir. Mediação cultural: além dos procedimentos. In: SALCEDO, D. A. (org.) **Mediação cultural**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2016.

PERROTTI, Edmir. Sobre informação e protagonismo cultural. In: GOMES, Henriette Ferreira; NOVO, Hildenise Ferreira (org.). **Informação e Protagonismo Social**. Salvador: EDUFBA, 2017. v. 1. cap. 2.

PIERUCCINI, Ivete. Ordem informacional dialógica: mediação como apropriação da informação. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 8., 2007, Salvador. **Anais eletrônicos [...]**. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2007. Disponível em: <http://enancib.ibict.br/index.php/enancib/viiiencib/schedConf/presentations>. Acesso em: 6 dez. 2021.

PIROLO, Ana Claudia Inacio da Silva. A informação artística. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, v. 9, n. 1, p. 1-35, jul./dez. 2011. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/39954> . Acesso em: 27 fev. 2023.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. **Estudos Históricos**, v. 5, n. 10, 1992.

ROCHA, Eudes. **Pintando, como sempre pintou**. Disponível em: http://flaviotavares.com.br/pt_br/biografia/ . Acesso em: 26 fev. 2021.

SANTAELLA, Lucia. A condição inter e transdisciplinar da arte na cultura contemporânea. **Art Research Journal**, Brasil. v. 4, n. 1, p. 48-56, jan./jun. 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/artresearchjournal/article/view/12048/8699>. Acesso em: 27 fev. 2023.

SANTAELLA, Lucia. **Por que as comunicações e as artes estão convergindo?** 3. ed. São Paulo: Paulus, 2008.

SANTOS, Vanice dos; CANDELORO, Rosana Jardim. **Trabalhos acadêmicos: uma orientação para a pesquisa e normas técnicas**. Porto Alegre - RS: AGE, 2006.

SILVA, Bárbara Damiane da; SANTOS NETO, João Arlindo dos. Práticas de mediação cultural nas bibliotecas públicas municipais de Londrina/PR.

Biblionline, João Pessoa, n. 2, v. 13, p. 30-43, 2017. Disponível em: <http://www.brapci.inf.br/index.php/res/v/16140>. Acesso em: 1 set. 2021.

SOARES, Tiago Nunes (tradutor). *Le penseur et le peintre: sur Merleau-Ponty*. **Trans/Form/Ação**, Marília, v. 46, n. 1, p. 269-284, jan./mar., 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0101-3173.2023.v46n1.p269>. Acesso em: 6 mar. 2023.

SOUSA, Ana Cláudia Medeiros de *et al.* Mediação da cultura, da informação e da leitura para o protagonismo social. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, v. 16, 2020, p. 1-20. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/1333/1226>. Acesso em: 6 out. 2021.

SUASSUNA, Ariano. **Romance d'A pedra do reino e o príncipe do sangue do vai-e-volta**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2012.

TAMINIAUX, Jacques. *Le penseur et le peintre: Sur Merleau-Ponty*. **La Part de L'Oeil**, v. 7, Dossier: Art et Phénoménologie, p. 39-46, 1991. Disponível em: https://www.academia.edu/35297109/Jacques_Taminiaux_Le_penseur_et_le_peintre_Sur_Merleau_Ponty. Acesso em: 6 mar. 2023.

TAVARES, Flávio. **Relato do artista**. 2018. Disponível em: <https://www.facebook.com/photo/?fbid=751799155235843&set=a.253841321698298>. Acesso em: 2 maio 2022.

APÊNDICES

APÊNDICE A - Modelo do roteiro de entrevista

Esta entrevista corresponde a pesquisa desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal da Bahia, tendo por objetivo evidenciar as influências de narrativas literárias nas artes plásticas de Flávio Tavares e suas práticas de mediação da leitura, a partir das concepções teóricas da mediação cultural.

Você autoriza o uso dos dados coletados nesta entrevista para a pesquisa e demais comunicações científicas?

Questões

A. Narrativas literárias e os traços socioculturais que influenciam a obra de Flávio Tavares

- 1) O que lhe motivou na produção artística baseada na literatura?
- 2) Quais autores literários que você se inspira para criação de suas obras?
- 3) Como ocorre a escolha de obras literárias para inspiração de seus trabalhos?
- 4) Quais os elementos constituintes de uma obra que lhe serve de inspiração?
- 5) Quais aspectos culturais são retratados em suas obras e o porquê evidenciá-los?
- 6) Na escolha desses aspectos culturais, existem traços identitários próprios ou que representam seu contexto social?
- 7) Você se reconhece como mediador cultural, no sentido de aproximar sujeitos de contextos e práticas socioculturais distintas, a partir de sua obra?
- 8) Você já participou de ações em que foi possível o compartilhamento dos diferentes aspectos socioculturais e identitários?
- 10) Quais vivências (laços sociais, familiares, profissionais) se aproximam de narrativas literárias e são retratadas em suas obras?

B. Práticas de mediação da leitura literária realizadas por Flávio Tavares e ações que refletem na interação e reconhecimento cultural dos seus leitores:

- 1) Ao entender a mediação da leitura como prática desenvolvida por uma pessoa com o objetivo de despertar o gosto e o prazer pela leitura (literária, artística, musical etc.) em outros sujeitos, você se reconhece um mediador da leitura por meio de suas obras?
- 2) Você já foi reconhecido por algum leitor como um mediador da leitura ou que despertou o interesse pela leitura literária? Comente.
- 3) Você pode citar alguns nomes de curadores; artistas e ex-alunos que já retrataram a influência que tiveram por meio de suas obras?
- 4) Você já identificou em outros artistas a influência de suas produções quanto o alinhamento das obras com a literatura?

C. Constituição identitária e atuação protagonista reveladas nas obras de Flávio Tavares e sua influência pelas narrativas literárias (na mediação da leitura iconográfica).

- 1) Em algumas de suas obras existe um enfrentamento às questões sociais, culturais e políticas? Quais são as obras e como são retratados esses problemas socioculturais?
- 2) Existe alguma obra que foi censurada? Contextualize
- 3) Quais recursos de comunicação você utiliza para interagir com seus leitores/público?
- 4) Você considera essa ação dialógica importante e em que medida essa interação com seu público influencia em sua produção artística?
- 5) Cite um momento que você considera significativo para sua formação como artista?
- 6) Você considera que seu público se sente representado por meio de suas obras? Exemplifique

APÊNDICE B

Questionário – Uma análise das atividades de mediação da leitura e mediação cultural nas produções de Flávio Tavares

Estimado/a senhor/a

Este formulário integra a pesquisa de mestrado em Ciência da Informação realizada pela discente Acrisonélia Medeiros de Sousa Rocha, sob orientação da Profa. Dra. Raquel do Rosário Santos, cujo **objetivo** é verificar se as atividades de mediação da leitura e mediação cultural realizadas por Flávio Tavares, por meio de suas obras, influenciam seus leitores, possibilitando o reconhecimento de seus traços culturais.

Sua participação é importante e colaborará de maneira significativa para o andamento de nossa pesquisa.

Registramos que será assegurado o sigilo de sua identificação pessoal. Caso alguma informação prestada seja citada em trabalhos científicos, será utilizado um nome fictício ou uma codificação para garantir esse sigilo.

Atendendo aos parâmetros éticos da pesquisa, informamos que ao responder este questionário você consente que suas respostas sejam utilizadas na dissertação e em outros trabalhos científicos.

Agradecemos sua colaboração!

A – Caracterização dos/as leitores/as respondentes

1. Naturalidade:
2. Cidade onde reside:
3. Profissão:
4. Como você conheceu Flávio Tavares e suas obras?

B – A influência de Flávio Tavares no ato de leitura dos sujeitos

1. O que é ser leitor (a) para você?
2. Você se reconhece como leitor/a?
() Sim () Não
3. Flávio Tavares influenciou de alguma maneira no seu gosto pela leitura?
() Sim () Não
4. Flávio Tavares influenciou o seu interesse por conhecer determinado/a autor/a literário/a? Em caso afirmativo, cite-os/as.

C – Mediação cultural

1. Você se sente representado/a nas obras de Flávio Tavares?

sim

não

Cite quais os aspectos em que você se sente representado/a nas obras de Flávio Tavares:

2. Flávio Tavares, por meio das suas ações, mudou a sua perspectiva diante do contexto cultural? Em caso afirmativo, descreva quais aspectos foram alterados.

3. Como você descreve as obras de Flávio Tavares?

Agradecemos sua colaboração!

ANEXOS

ANEXO A – *Brasil, O Golpe: A Ópera do fim do mundo*



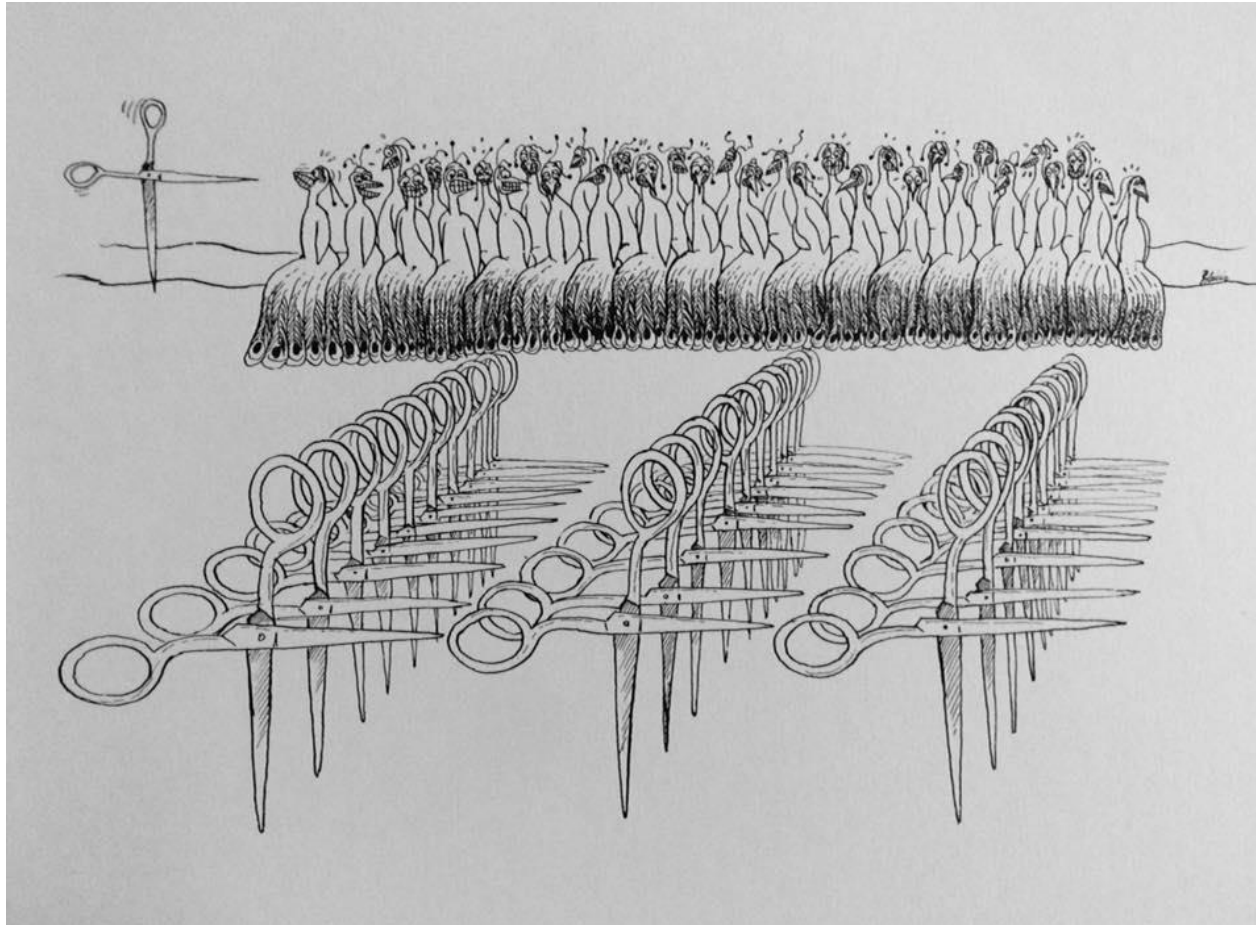
Fonte: <https://www.facebook.com/photo/?fbid=1063922344023521&set=pcb.1063923197356769>

ANEXO B – Carmem Miranda e O Rei da Vela



Fonte: <https://www.facebook.com/photo/?fbid=939079686507788&set=a.100210850394680>

ANEXO C – O Pavão sem Mistério



Fonte: <https://www.facebook.com/photo/?fbid=472768653138896&set=pcb.472769119805516>

ANEXO D – *O Reinado do Sol*

Fonte: http://flaviotavares.com.br/pt_br/galeria/paineis/

ANEXO E – *Getúlio Vargas e o Povo Nordestino*



Fonte: <https://www.facebook.com/photo?fbid=620773308338429&set=pcb.620773338338426>